

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

NÁDIA MARIANA GOMES GONÇALVES

LIBERDADE E ESCOLHA EM JEAN-PAUL SARTRE

UBERLÂNDIA

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

NÁDIA MARIANA GOMES GONÇALVES

LIBERDADE E ESCOLHA EM JEAN-PAUL SARTRE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea

Linha de Pesquisa: Ética e Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass.

Uberlândia

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

G635L Gonçalves, Nádia Mariana Gomes, 1986-
 Liberdade e escolha em Jean-Paul Sartre / Nádia Mariana Gomes
 Gonçalves. - 2013.
 104 f.

 Orientador: Simeão Donizeti Sass.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-graduação em Filosofia.

 Inclui bibliografia.

 1. Sartre, Jean-Paul, 1905-1980 - Crítica e interpretação - Teses. 2.
 Filosofia - Teses. 3. Liberdade - Teses. 4. Conduta - Teses. 5. Ética
 existencial - Teses. I. Sass, Simeão Donizeti, 1966- . II.
 Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação
 em Filosofia. III. Título.

CDU: 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

NÁDIA MARIANA GOMES GONÇALVES

LIBERDADE E ESCOLHA EM SARTRE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea

Linha de Pesquisa: Ética e Conhecimento

Orientador: Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass.

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora em: 15 / 03 / 2013

BANCA EXAMINADORA:

- Prof. Dr. Cícero José Alves Soares Neto (UFU)

- Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo (UNIUBE)

- Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass (Orientador)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais José Romes e Fátima.

As minhas irmãs, avó Maria, tios, primos e familiares.

Aos meus colegas de graduação e pós-graduação, em especial a minha amiga Ana Cristina Armond e ao meu amigo Alex Muniz que durante a graduação me orientaram e incentivaram a seguir o caminho da pesquisa em filosofia.

Ao Prof. Falcão que confiou na minha vontade e coragem de preparar o projeto EDURBANA, e executar as atividades do PEIC.

Ao Prof. Dr. Marcos César Seneda que me inseriu e orientou nos projetos de pesquisa em filosofia do PIBEG e ao Prof. Dr. Márcio Chaves Tannús que me orientou durante a execução das atividades do PIBEG.

À coordenação da filosofia que sempre foi atenciosa e dedicada.

À coordenação do mestrado, a Andréa e a Prof^ª. Dr^ª. Georgia Amitrano que sempre me ajudaram e incentivaram com muita paciência e atenção.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFU em especial aos Professores Doutores Humberto Guido, Jairo Dias e Ana Maria Said os quais ministraram as disciplinas que cursei durante o mestrado.

Ao Prof. Dr. Cícero José Alves Soares Neto e Prof. Dr. José Carlos de Souza Araújo, que se disponibilizaram e se dedicaram a compor a banca examinadora.

Em especial ao Prof. Dr. Simeão Donizeti Sass, que contribuiu imensamente para a elaboração dessa dissertação, que me orientou com muita paciência e dedicação.

E principalmente a CAPES que me proporcionou a bolsa de estudo, financiadora desta pesquisa.

MUITO OBRIGADA!

“O escritor, homem livre que se dirige a homens livres, só pode ter um tema – a liberdade”.

Jean-Paul Sartre

“O homem não é senão o seu projeto, e só existe na medida em que se realiza”.

Jean-Paul Sartre

“O homem deve ser inventado a cada dia”.

Jean-Paul Sartre

Dedico a Deus por tudo de bom que me concedeu e em especial a minha família que são meu estímulo e minha força para tentar conquistar meus sonhos e objetivos, ao meu marido Rafael e ao nosso filho Daniel.

RESUMO

A presente dissertação pretende realizar uma abordagem dos conceitos de Liberdade, Escolha e os Outros, sob a ótica do filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre tendo como referencia as obras *O Ser e o Nada*, o *Existencialismo é um Humanismo* e *Entre Quatro Paredes*. A princípio será exposto o tema da liberdade que está indissociavelmente ligado à condição de escolha do homem, para isso, partiremos da profunda reflexão sartreana de que primeiro o homem existe, vive em função de sua liberdade e responsavelmente escolhe o que deseja ser, pois não existe nenhum ser metafísico que possa determinar o seu caminho, para que posteriormente o homem possa atingir sua essência. Porém, durante essa busca pela essência o homem livre se depara com Outros homens livres levando-o a uma série de conflitos. Essa questão sobre a existência de Outros sujeitos livres será mais bem explorada no segundo capítulo, em que serão visto também a fenomenologia, a existência e o problema da existência de outra consciência livre; além disso, será apresentada nesse segundo capítulo a questão do olhar, as relações e a liberdade limitada pelos Outros. E finalmente, no último capítulo será feita uma análise minuciosa da obra teatral *Entre Quarto Paredes*, sobre a perspectiva dos dois capítulos anteriores dessa dissertação.

Palavras Chave:

Liberdade; Escolha; O Outro; Conflito; Condutas Éticas.

ABSTRACT

This work intends to conduct a handling the concepts of Freedom, Choice and Others, from the perspective of the French existentialist philosopher Jean-Paul Sartre as having reference works *Being and Nothingness*, *Existentialism is a Humanism* and *No Exit*. The principle will be exposed to the theme of freedom is inseparably linked to the condition of man's choice to do so, leave the deep thinking that Sartrean man first exists, lives according to their freedom responsibly and choose what you want to be, not because there is no metaphysical being who can determine its path, so that later the man can attain its essence. However, during the search for the essence encounters freeman Other freemen taking ai to a series of conflicts. This question about the existence of other free subject is better explored in the second chapter, which is also seen in phenomenology, the existence and the problem of the existence of other free conscience, moreover, will be presented in the second chapter the question of looking relations and limited freedom for Others. And finally, the last chapter will be a detailed analysis of the play *No Exit*, about the prospect of the two previous chapters.

Keywords:

Freedom, Choice, The Other; Conflict; Ethical Conduct.

ABREVIATURAS

Obras de Jean-Paul Sartre

EH – O Existencialismo é um Humanismo

SN – O Ser e o Nada

EQP – Entre Quatro Paredes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - LIBERDADE E ESCOLHA	16
1.1 - “A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA”	16
1.2 - O HOMEM COMO SUJEITO LIVRE	23
1.3 - “SE DEUS NÃO EXISTESSE TUDO SERIA PERMITIDO?”	27
1.4 - A ESCOLHA	31
1.5 - A REPONSABILIDADE EM ESCOLHER	36
CAPÍTULO 2 - O OUTRO	40
2.1 - A FENOMENOLOGIA DA EXISTÊNCIA DO OUTRO	40
2.2 - A PROBLEMÁTICA DA EXISTÊNCIA DO OUTRO	42
2.3 - O OLHAR	51
2.4 - AS RELAÇÕES CONCRETAS COM O OUTRO	55
2.5 - A LIBERDADE LIMITADA PELA EXISTÊNCIA DE OUTROS	63
CAPÍTULO 3 – ENTRE QUATRO PAREDES	66
3.1 – O TEATRO “ENTRE QUATRO PAREDES”	66
3.2 - LIBERDADE E ESCOLHA “ENTRE QUATRO PAREDES”	73
3.3 - O OLHAR E O HOMEM ABSOLUTAMENTE LIVRE E O HOMEM EM CONFLITO COM OS OUTROS	77
3.4 - AS RELAÇÕES CONCRETAS “ENTRE QUATRO PAREDES”	83
3.5 - ENTRE QUATRO PAREDES “O INFERNO SÃO OS OUTROS”	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi o principal e o maior representante da corrente filosófica existencialista francesa, foi o pensador existencialista mais famoso do século XX e o que melhor difundiu as teses existencialistas, utilizando as mais diversas formas de linguagem, tais como: filosófica, jornalística, roteiros de cinema, textos de intervenção política, literatura, romances e peças teatrais. Foi por meio dessa diversidade linguística que Sartre se tornou um dos intelectuais mais engajados da Europa, naquela época.

O cerne do pensamento sartreano consiste no conceito de Liberdade, dele advêm outros termos fundamentais que serão desenvolvidos no decorrer dessa dissertação tais como a Escolha, o Outro e as condutas Éticas. As obras utilizadas para o desenvolvimento e a pesquisa dos respectivos termos a serem estudados são: o tratado filosófico *O Ser e o Nada (L'être et le néant)*, de 1943, que é tido como marco para o início do crescimento do existencialismo no século XX e que contém o núcleo da filosofia existencialista; a obra literária teatral *Entre quatro paredes (Huis-clos)* de 1945; e o opúsculo *O existencialismo é um humanismo (L'Existentialisme est un humanisme)*, lançado em 1946.

O objeto desta dissertação é a articulação entre os termos Liberdade, Escolha e os Outros numa perspectiva existencialista. Faremos uma exposição minuciosa de cada tema resgatando as problemáticas existencialistas e tentaremos estabelecer algumas relações com a realidade vivida em nossos dias. Visto que vivemos em um mundo onde todos são considerados livres, todos tem a capacidade de escolher, e estamos cercados por mais de 7 bilhões de Outros, e uma das consequências disso, é uma imensa dificuldade em conciliar nossa liberdade com a liberdade dos Outros, fazendo com que surjam diversos tipos de conflitos. Por essa razão, no desdobramento deste trabalho será apresentada uma reflexão sobre o homem, os Outros, a liberdade e as escolhas. O homem é o termo que enlaça a questão da liberdade, da escolha, das condutas éticas e dos Outros. Sartre elegeu o homem como sendo a sua paixão e o considera como o único fundador de valores, mediante a sua liberdade ontológica, enquanto estrutura de toda a sua reflexão e ação.

Sartre também concebe o termo liberdade em dois sentidos diferentes, no primeiro refere à *liberdade ontológica*, no sentido em que a liberdade é a característica definidora

de seres humanos, e segundo, referente à *liberdade em uma situação*, significa que a situação é uma condição para a nossa liberdade, embora não seja uma limitação para ela. No primeiro sentido Sartre alega que o ser humano será definido por meio de sua liberdade, no segundo momento, de característica temporal, Sartre afirma que a liberdade é determinada pela situação em que esta sendo vivenciada e pelo momento histórico. Todas as concepções sartreanas apresentam características de uma liberdade vinculada à existência humana. O homem existe e vive em função de sua liberdade, porém como o homem não está sozinho no mundo, e para Sartre não existe um roteiro ou um Deus que indique o caminho certo ou errado, é necessário viver sua liberdade por meio de condutas éticas, pelo comportamento e pela moral, que são definidoras dos seres humanos por meio da liberdade e das escolhas.

Partindo dessas considerações, no primeiro capítulo dessa dissertação, denominado de “Liberdade e Escolha”, pretende-se apresentar uma reflexão sobre os termos no decorrer da história da filosofia existencialista sartreana. Também será apresentada uma reflexão sobre o homem como sujeito livre e responsável, vinculando aos conceitos de liberdade e escolha no ponto de vista existencialista, e, além disso, a máxima sartreana, a “existência precede essência” como condição de liberdade e finalmente, uma apresentação minuciosa das condutas éticas advindas do preceito “se Deus não existisse tudo seria permitido”.

O ponto inicial dessa dissertação é o surgimento do homem no mundo, pois a “existência precede a essência” (Sartre, 1978, pág. 5)¹. Para Sartre, o homem começa a existir, encontra a si mesmo, surge no mundo, se projeta no futuro e só posteriormente se define, é na medida em que o homem vai existindo é que vai fazendo a si mesmo. A essência do homem só aparece no fim. Enquanto existente, há um conjunto de possibilidades que requer escolhas, e essas escolhas necessitam de responsabilidade. Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. O homem, concebido por Sartre, será aquilo que ele faz de si mesmo. Dessa forma, se não existe natureza humana, não existe um Deus para concebê-la. Deste modo, o primeiro passo do existencialismo é o de colocar todo homem na posse do que ele é, e de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Sartre defende a liberdade como uma das características mais fundamentais da existência humana. Segundo ele,

¹ “l'existence précède l'essence” (Sartre, 1998, p.4).

paradoxalmente, "o homem está condenado a ser livre" (Sartre, 1978, p.7)², e precisa assumir essa liberdade vivendo autenticamente seu projeto de vida e o seu engajamento.

Já que Sartre considera o homem como o fundador dos seus valores, o existencialista ateu exclui a hipótese da existência de Deus. Dessa forma,

“se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana” (Sartre, 1978, p.6)³.

Se Deus não existe, então tudo é permitido. Por meio desta oração Sartre afirmou que a princípio a vida não teria nenhum sentido, o homem é quem daria sentido a ela e por isso é de competência do homem criar e dar sentido ao seu viver. A vida não é o plano de uma mente transcendente, que o homem teria de cumprir: a vida é o que cada um faz dela. Por isso, se não há um Deus que possa ter concebido a essência do homem, então não existe natureza humana determinada. Se não existe um Deus, não há um plano prévio para cumprir. Por isso o homem seria o responsável por todas as suas escolhas e ações.

“Assim, quando se diz que o homem é responsável por si mesmo, não quer dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens” (Sartre, 1978, p.7)⁴.

Por essa razão, para Sartre, a responsabilidade é muito maior do que se pode imaginar, pois ela engaja a humanidade inteira, o homem tem por essência responsabilizar-se por toda a humanidade. Além de ter que escolher por conta própria, pois está sozinho no mundo, o homem é responsável por suas escolhas e por tudo aquilo que venha atingir os Outros.

O segundo capítulo constitui uma apresentação minuciosa sobre a existência desses Outros homens livres, de acordo com a filosofia existencialista sartreana.

“O homem foca sua liberdade através de cada circunstância particular. E, querendo a liberdade, é possível perceber que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa. Sem dúvida, a liberdade, enquanto definição do

² “l’homme est condamné à être libre” (Sartre, 1998, p.14).

³ “si Dieu n’existe pas, il y a au moins un être chez qui l’existence précède l’essence, un être qui existe avant de pouvoir être défini par aucun concept et que cet être c’est l’homme ou, comme dit Heidegger, la réalité humaine” (Sartre, 1998, p. 6).

⁴ “Et, quand nous disons que l’homme est responsable de lui-même, nous ne voulons pas dire que l’homme est responsable de sa stricte individualité, mais qu’il est responsable de tous les hommes” (Sartre, 1998, p.8).

homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros; não posso ter como objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros. De tal modo que, quando, ao nível de uma total autenticidade, reconheço que o homem é um ser em que a essência é precedida pela existência, que ele é um ser livre que só pode querer a sua liberdade, quaisquer que sejam as circunstâncias, estou concomitantemente admitindo que só posso querer a liberdade dos outros. Posso, portanto, formar juízos sobre aqueles que pretendem ocultar a si mesmos a total gratuidade de sua existência e sua total liberdade, em nome dessa vontade de liberdade implicada pela própria liberdade” (Sartre, 1978, p.15)⁵.

O segundo capítulo é dedicado a estudar a condição do Outro diante do conceito de liberdade. Será apresentada neste capítulo uma reflexão sobre o Outro no decorrer da obra *O Ser e o Nada*; a fenomenologia do Outro e a sua existência, a problemática da existência do Outro, o olhar do Outro sobre o sujeito, as relações concretas com o Outro e finalmente, a liberdade que é limitada pela existência de Outros. A abordagem da questão do Outro, imediatamente, refere-se à questão dos conflitos, pois, o homem que está condenado a ser livre vive em comunidade, esta liberdade não implica apenas a liberdade de um só homem, implica também a liberdade dos Outros homens, e é diante do Outro que surgem os maiores problemas, tanto para a liberdade, quanto para as condutas éticas, pois para agir de maneira ética é necessário pensar não exclusivamente em si, e sim em função da existência dos Outros.

“Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvende-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros” (Sartre, 1978, p.16) ⁶.

⁵ “Nous voulons la liberté pour la liberté et à travers chaque circonstance particulière. Et en voulant la liberté, nous découvrons qu'elle dépend entièrement de la liberté des autres, et que la liberté des autres dépend de la nôtre. Certes, la liberté comme définition de l'homme, ne dépend pas d'autrui, mais dès qu'il y a engagement, je suis obligé de vouloir en même temps que ma liberté la liberté des autres, je ne puis prendre ma liberté pour but, que si je prends également celle des autres pour but. En conséquence, lorsque sur le plan de l'authenticité totale, j'ai reconnu que l'homme est un être chez qui l'essence est précédée par l'existence, qu'il est un être libre qui ne peut, dans des circonstances diverses, que vouloir sa liberté, j'ai reconnu en même temps que je ne peux vouloir que la liberté des autres. Ainsi, au nom de cette volonté de liberté, impliquée par la liberté elle-même, je puis former des jugements sur ceux qui visent à se cacher la totale gratuité de leur existence, et sa totale liberté” (Sartre, 1998, p. 34).

⁶ “Pour obtenir une vérité quelconque sur moi, il faut que je passe par l'autre. L'autre est indispensable à mon existence, aussi bien d'ailleurs qu'à la connaissance que j'ai de moi. Dans ces conditions la découverte de mon intimité me découvre en même temps l'autre, comme une liberté posée en face de moi, qui ne pense, et qui ne veut que pour ou contre moi. Ainsi, découvrons-nous tout de suite un monde que nous appellerons l'intersubjectivité, et c'est dans ce monde que l'homme décide ce qu'il est et ce que sont les autres” (Sartre, 1998, p.27).

Para Sartre, o Outro é necessário e por isso a relação que se estabelece com os Outros é quase sempre conflituosa, pois, o Outro é uma ameaça constante à liberdade do sujeito individual. “O que encaro constantemente através de minhas experiências são os sentimentos do Outro, as ideias do Outro, as volições do Outro, o caráter do Outro. É porque, com efeito, o Outro não é somente aquele que vejo, mas aquele que me vê” (Sartre, 2009, p.297)⁷. O outro é aquele que julga o sujeito, que faz com que ele possa existir, pois o sujeito só existe porque o Outro existe para reconhecê-lo.

E por ultimo, no terceiro capítulo, será trabalhada a obra literária teatral de Sartre *Entre quatre paredes* com o objetivo de mostrar a condição de homem livre diante dos Outros homens livres, fechados em um inferno. Além disso, serão esboçados no decorrer do capítulo os conflitos que os personagens da obra vivem e os grandes problemas existenciais que o autor aborda em sua filosofia. Assim, será trabalhada com mais ênfase a questão da liberdade, da escolha e do Outro, além de uma breve exposição sobre a mencionada obra de teatro. No desenvolvimento da peça teatral, Sartre proclama a frase “O inferno são os outros”, numa alusão à sua própria imagem refletida nos olhos de quem observa e convive com os Outros. O significado dessa frase também será mais bem explorado no decorrer desse último capítulo.

⁷ “Ce que je vise constamment à travers mes expériences, ce sont les sentiments d'autrui, les idées d'autrui , les volitions d'autrui, le caractère d'autrui. C'est que, en effet, autrui n'est pas seulement celui que je vois, mais celui qui me voit” (Sartre, 1943, p.266).

CAPÍTULO 1 - LIBERDADE E ESCOLHA

Neste primeiro capítulo será trabalho a estrutura conceitual do termo liberdade que encontra-se como tema central e importantíssimo na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre. Além do conceito de Liberdade também foi abordado neste capítulo o conceito de Escolha e por meio destes foi possível deslocar-se e desdobrar-se para outros termos fundamentais dentro da filosofia existencialista.

Este capítulo será trabalhado da seguinte maneira: partindo da ideia da existência de um homem livre a argumentação deste capítulo iniciou-se por meio do pressuposto máximo sartreano “a existência que precede a essência”, que o homem surge no mundo e somente possui liberdade, somente mais tarde ele encontra sua essência. A argumentação seguiu por meio da frase de Dostoiévski em que afirmou “se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Já que não existe um ser metafísico para o existencialismo ateu é o homem livre quem deve decidir por suas escolhas e responsabilizar-se por elas. Tudo isso será visto neste capítulo que se segue.

1.1 - “A EXISTÊNCIA PRECEDE A ESSÊNCIA”

A tese característica da filosofia existencialista sartreana está vinculada ao pressuposto de que a “Existência precede a essência” (Sartre, 1978, pág. 5)⁸. O problema da relação essência e existência pode ser visualizado desde os primórdios da filosofia. Desde os pré-socráticos até o idealismo alemão a essência seria primeira em relação à existência.

Inicialmente, Parmênides caracterizava a essência como eterna, indivisível, continua, imutável e una, em oposição à existência que é efêmera, finita, divisível, descontínua, mutável e múltipla. Numa relação de prioridade ontológica, primeiro aparecia a essência e depois a existência. Nesta mesma perspectiva, para Platão, do ponto de vista da lógica, o homem, primeiro conhecia as “Ideias” e depois a realidade fenomênica. Todo conhecimento seria uma reminiscência do fundamento da realidade. Enquanto isso, no plano antropológico, para Platão o homem é espírito imortal e depois existência. Para Platão a alma era imortal e antes do seu encontro com o corpo e a realidade sensível já teria permanecido no mundo das “Ideias”, conhecendo a sua essência.

⁸ “l'existence précède l'essence” (Sartre, 1998, p.4).

Para Aristóteles, o ser se revelaria primeiro na essência (substância segunda) e não na existência (substância primeira). Neste sentido, a essência teria uma prioridade sobre a realidade concreta. Porém, na sua ontologia, ao contrário da platônica, se valoriza indubitavelmente a existência. O seu ser não estaria numa realidade transfinita, como o mundo das Ideias, mas no mundo finito. Na perspectiva humana, existe uma posição essencialista em Aristóteles em que, o homem, antes de tudo, é substância. Isto indica que o ente humano parte de sua essência para depois se constituir como existência.

A questão do ser em Santo Tomás de Aquino é mais complexa do que em Aristóteles. Para Aquino, em Deus, a essência se identifica como existência, logo a essência não precederia a existência. Aquino segue fundamentalmente a linha aristotélica, porém o que difere é a ontologia de Aquino, em que a existência tem um lugar central.

Na filosofia moderna, inaugura-se o *cogito* cartesiano. A essência indubitável o *cogito* é o ponto de partida da gnosiologia. Dessa forma é o *cogito* e não a realidade sensível que instaura o conhecimento. A contribuição de Descartes diante da perspectiva de que a existência precede a essência é a afirmação de um ponto de partida, como essência de toda uma filosofia crítica. Essa perspectiva atravessa a filosofia até o existencialismo sartriano que é o ponto em que se pretende chegar nessa dissertação, visto que para Sartre, o ponto de partida é o *cogito* pré-reflexivo, em oposição ao *cogito* reflexivo que marca toda a filosofia crítica.

Kant postula a existência da essência pura. A essência é uma categoria formal que se manifesta com prioridade tanto na realidade fenomênica, como na realidade metafísica. Em Hegel a questão da relação entre a essência e a existência atinge uma maior complexidade. No que diz respeito ao plano lógico e fenomenológico, em Hegel, a existência precede a essência porque o espírito é primeiro, consciência individual e no seu último estágio, Espírito Absoluto. No plano ontológico, o Espírito Absoluto é fundamento primeiro da realidade. No entanto, pelas características peculiares do hegelianismo, o Espírito Absoluto é essência e existência. Logo, neste sentido, não se pode falar rigorosamente de precedência porque as duas realidades se relacionam dialeticamente. No plano antropológico, o homem é primeiro existência porque a realização de sua essência envolve o processo fenomenológico. Por isso, o problema da

relação de essência e existência em Hegel não é fácil de sintetizar. No entanto, como Hegel desenvolve a sua filosofia num idealismo fenomenológico, pode-se dizer que a essência tem um papel mais fundamental e primeiro que a existência.

Mais adiante, na filosofia fenomenológica, surgiu Heidegger que discutiu essa questão ontológica. A princípio Heidegger, que vê o ponto de partida da ontologia como a exploração do que ele chama de “realidade humana”, chamou esse ser de *Dasein* ou “ser-aí”. Heidegger afirmou sobre o *Dasein* em geral: “Nela (realidade humana), a existência precede e comanda a essência”. Para Merleau-Ponty, sua conclusão será não a de que “a existência precede a essência”, mas sim a de que a fenomenologia “coloca as essências de volta à existência, que essência e existência estão entrelaçadas”.

Essa breve retrospectiva histórica filosófica teve como pretensão preparar para a problemática sartreana que toca a essência e a existência. A existência que precede a essência é o ponto de partida principal da filosofia existencialista. Por meio dessa perspectiva, será possível analisar as condições para a existência de um homem absolutamente livre. Para isso será necessário analisar o ponto chave da teoria da existência que precede a essência, a qual se identifica como a frase que resume toda a teoria existencialista sartreana, pois para Sartre, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define, logo, o homem surge no mundo completamente indefinido, somente mais tarde, com o passar do tempo, durante sua existência e seu viver, por meio de sua liberdade e de suas escolhas é que o homem tentará atingir sua essência.

Por essa razão, a existência, o surgimento no mundo é tido como um fato, fato esse que propõe que o homem seja lançado no mundo. O homem por si só não é nada, ele é aquilo que ele se lança, se projeta, se faz de si. O homem é aquilo que se faz de si, posteriormente, ao ser lançado no mundo, a partir de sua existência o homem passa a ser tudo aquilo que escolhe ser, que projeta ser e aquilo que faz de si mesmo. Consequentemente, o homem é constitutivamente livre, surge no mundo como liberdade, por meio dessa liberdade, o homem irá, escolher o homem que deseja ser e construir o mundo em que deseja viver. Para Sartre

“Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens” (Sartre, 1987, p. 6)⁹.

Percebe-se, portanto, que Sartre ao propor uma análise da “existência precede a essência” é constituído, desde então, uma liberdade, pois o homem que surge no mundo está condenado a ser livre, sendo livre, é absolutamente responsável pelas escolhas. O homem ao ser lançado no mundo passa a ser tudo aquilo que ele escolhe ser. Essa escolha significa liberdade, ser livre para escolher o que o homem se projeta ser. Com isso, Sartre coloca um “grande peso nas costas” do ser que faz escolhas, mas ao mesmo tempo tira de suas costas a culpa de não ser o que não escolheu ser. Afirmar que a existência precede a essência é salvaguardar a liberdade humana.

Mas, por ser livre, o Para-Si, ao surgir, apenas existe, descobre-se no mundo, vazio, uma total indeterminação de si mesmo. No começo, não é nada - apenas uma “possibilidade de ser”. A partir dessa pura existência, o homem se faz a si mesmo e cria a sua essência. Isso explica o princípio sartreano de que “a existência precede a essência” (Perdigão, 1995, p. 90).

De acordo com a ideia inicial, percebe-se que ao afirmar que a existência precede a essência, é possível refutar qualquer tipo de determinismo em relação à conduta humana, pois significa dizer que o ser humano é absolutamente livre. “Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade” (Sartre, 1978, p. 9)¹⁰.

A partir do momento em que Sartre afirma que o homem surgiu no mundo livre, em SN, ele discutiu e propôs entender melhor o conceito e a constituição do ser. Assim, “partimos da pura aparência e chegamos ao pleno ser. A consciência é um ser cuja existência coloca a essência, e, inversamente, é consciência de um ser cuja essência implica a existência, ou seja, cuja aparência exige *ser*. O ser está em toda parte.” (Sartre, 2009, p. 35)¹¹. A partir da análise desse estudo do ser, Sartre divide em dois tipos de seres sua análise existencial: o *ser em-si* e o *ser para-si*. Essas duas regiões são distintas e que, segundo o existencialista, podem se relacionar, ainda que representem uma

⁹ “Quand on dit que l'homme se choisit, nous entendons que chacun d'entre nous se choisit, mais par là nous voulons dire aussi qu'en se choisissant il choisit tous les hommes” (Sartre, 1998, p.8).

¹⁰ “Si, en effet, l'existence précède l'essence, on ne pourra jamais expliquer par référence à une nature humaine donnée et figée ; autrement dit, il n'y a pas de déterminisme, l'homme est libre, l'homme est liberté” (Sartre, 1998, p.13).

¹¹ “Ainsi nous étions parti de la pure apparence et nous sommes arrivé en plein être. La conscience est un être dont l'existence pose l'essence, et, inversement, elle est conscience d'un être dont l'essence implique l'existence, c'est-à-dire dont l'apparence réclame d'être. L'être est partout.” (Sartre, 1943, p.28).

distinção ontológica, dessa forma Sartre tentou mostrar os modos próprios como eles se dão.

A primeira divisão feita por Sartre define o *ser-em-si*, que é caracterizado como, as coisas e os objetos do mundo que aparecem à consciência, ou seja, o *em-si* é todo o ser desprovido de consciência; é aquilo que se mostra à consciência e que dela difere. Em SN, Sartre define sucintamente o *em-si* como “O ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (Sartre, 2009, p. 40)¹². Dessa forma, o *em-si* é todo o conjunto de seres inertes que circundam a consciência. O *em-si* é o que é na mais completa contingência. O conceito de *em-si* adotado por Sartre será a base de sustentação para o existencialista apresentar outro tipo de ser que vem a diferir drasticamente daquele, a saber, o ser *para-si*, isto é, o homem, a consciência.

A segunda divisão proposta por Sartre é constituída como o *ser-para-si*, que é o próprio homem. Nesta perspectiva apenas o homem, o *ser-para-si* para Sartre é livre. O homem nada mais é do que o seu projeto. A palavra projeto significa, etimologicamente: “ser lançado adiante”, assim como o sufixo *ex* da palavra existir significa “fora”. Logo, o projeto de existir implica em ser lançado para fora. Consequentemente, só o homem existe porque o existir do homem é um *para-si*, ou seja, sendo consciente, o homem é um *ser-para-si*, pois a consciência em sua dimensão auto reflexiva, pensa sobre si mesma, é capaz, ao mesmo tempo, de colocar-se para fora de si. Portanto, a consciência do homem o distingue radicalmente das coisas e dos animais, que são seres *em-si*, ou seja, não são conscientes de si, por isso não são capazes de se colocar “do lado de fora” para se auto examinarem. Por essa razão, apenas o homem é livre ao ser lançado no mundo, pois é consciente e pode escolher.

Em *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre estabelece que a existência precede a essência, por meio do *ser-em-si*, da seguinte maneira:

“Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha, como referências, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto iria servir. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência – ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição – precede a existência; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de

¹² “L'être est. L'être est en soi. L'être est ce qu'il est” (Sartre, 1943, p.33).

tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que a produção precede a existência” (Sartre, 1978, p.5)¹³.

Neste contexto, para Sartre o *ser-em-si* seria um objeto fabricado por um artesão ou operário especializado em determinado tipo de trabalho, que se inspirou em um determinado conceito e elabora tal objeto partindo de uma receita prévia de algo que irá satisfazer as suas necessidades. Tal objeto tem uma utilidade definida e o mesmo só pode ter sido criado com a função de ter uma utilidade, não seria possível uma criação sem saber para que servisse determinado objeto. Logo, o conjunto de receitas e de utilidades de tal objeto é caracterizado como sua essência, ou seja, como o conjunto de receitas e de características que permitam produzi-lo e defini-lo. Preceder a existência seria a constituição concreta e a função do objeto.

Já que a *ser-para-si* é a consciência humana, ou seja, o homem consciente. Essa consciência humana é intencional, isto é, está sempre voltada para um objeto que dela difere:

“que toda consciência seja consciência de algo, significa que é constituída originalmente como vazio de tudo, menos do objeto transcendente de que ela é atualmente consciente. O objeto é transcendente, pois está fora dela: não há coincidência entre eles. A consciência é intencional, pois ela só consegue fazer existir um fora, um além da consciência, colocando-se ela própria fora do ser” (Giles, 1975, p. 328).

A intencionalidade da consciência é uma ideia que surgiu no pensamento fenomenológico de Husserl, e que Sartre aproveitou para sua filosofia. Vê-se então que, o essencial é que a intencionalidade indique o fato que toda a consciência é consciência de alguma coisa. Isto é, o sujeito está relacionado com o objeto. O motivo desse relacionamento com o objeto é a fissura que existe na própria consciência, ou seja, a não coincidência consigo mesmo.

A essência em Sartre tem dois sentidos fundamentais. A essência se refere ao *ser-em-si* que, em tese, seria a aspiração fundamental da consciência humana. A essência também se refere a uma entidade concreta, perfeitamente realizável pelo homem que é a liberdade. “Quando Sartre afirma que a existência precede a essência, aquela se refere exclusivamente ao ente humano, ou melhor, o *ser-para-si*. A essência,

¹³ “Lorsqu'on considère un objet fabriqué, comme par exemple un livre ou un coupe-papier, cet objet a été fabriqué par un artisan qui s'est inspiré d'un concept ; il s'est référé au concept de coupe-papier, et également à une technique de production préalable qui fait partie du concept, et qui est au fond une recette. Ainsi, le coupe-papier est à la fois un objet qui se produit d'une certaine manière et qui, d'autre part, a une utilité définie, et on ne peut pas supposer un homme qui produirait un coupe-papier sans savoir à quoi l'objet va servir. Nous dirons donc que, pour le coupe-papier, l'essence — c'est-à-dire l'ensemble des recettes et des qualités qui permettent de le produire et de le définir — précède l'existence ; et ainsi la présence, en face de moi, de tel coupe-papier ou de tel livre est déterminée. Nous avons donc là une vision technique du monde, dans laquelle on peut dire que la production détermine l'existence” (Sartre, 1998, p.5).

nesta proposição, indica a realização concreta de cada existência” (Trindade, 1974, pág. 136). Logo, a existência humana para Sartre pressupõe,

“para a realidade humana, ser é escolher-se; nada lhe vem fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser; é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser” (Sartre, 2009, pág. 545)¹⁴.

Por meio dessa afirmação é possível estabelecer três consequências, a primeira é que a essência do ser humano é liberdade. Essa essência concreta também não tem nenhum fundamento fora do homem como o *ser-em-si* que poderia desempenhar esse papel. Isto porque o *ser-em-si* é incomunicável. Essa essência concreta também não tem nenhum fundamento dentro do homem, porque ele não é nenhuma essência, mas simples existência. A segunda é que o fundamento do homem não está em lugar algum, nem no próprio ser humano, e nem no *ser-em-si*. E finalmente, percebe-se também que sendo a essência do homem liberdade, essa liberdade não é um ser, como o *ser-em-si*, mas um nada de ser (Trindade, 1974, pág. 137).

O homem não foi planejado por alguém para uma finalidade, como os objetos que o próprio homem cria, mediante um projeto, uma receita e um roteiro. O homem se faz em sua própria existência. Portanto, dessa distinção do *ser-em-si* e do *ser-para-si* apresentada por Sartre, pode-se afirmar que o homem quando surge no mundo como *ser-para-si*, faz surgir também o sentido de todas as coisas, saindo do anonimato para existência.

“Se o ser-Em-si não pode ser o seu próprio fundamento nem o dos outros seres, o fundamento em geral vem ao mundo pelo Para-si. Não apenas o Para-si, como Em-si nadificado, fundamenta a si mesmo, como também surge com ele, pela primeira vez, o fundamento” (Sartre, 2009, p. 131)¹⁵.

Portanto, a essência só aparece como história de uma vida. Desta forma, de acordo com princípio existencialista, “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (Sartre, 1978, p.4)¹⁶.

Até esse momento de nossa reflexão, expusemos um pouco do pensamento sartreano sobre as condições de liberdade por meio da existência que precede a essência, bem como sobre o *ser-em-si* e o *ser-para-si*. Por meio dessa reflexão foi possível

¹⁴ “Pour la réalité-humaine, être c'est se choisir : rien ne lui vient du dehors, ni du dedans non plus, qu'elle puisse recevoir ou accepter. Elle est entièrement abandonnée, sans aucune aide d'aucune sorte, à l'insoutenable nécessité de se faire être jusque dans le moindre détail. Ainsi, la liberté n'est pas un être : elle est l'être de l'homme, c'est-à-dire son néant d'être” (Sartre, 1943, pág.485).

¹⁵ “Si l'être en-soi ne peut être ni son propre fondement ni celui des autres êtres, le fondement en général vient au monde par le pour-soi. Non seulement le pour-soi, comme en-soi néantisé, se fonde lui-même mais avec lui apparaît le fondement pour la première fois” (Sartre, 1943, p.118).

¹⁶ “l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait” (Sartre, 1998, p.7).

concluir que o homem é um ser consciente completamente livre. Continuando a exposição será analisado a seguir o homem como sujeito livre.

1.2 - O HOMEM COMO SUJEITO LIVRE

Partindo do pressuposto sartreano de que o homem, a princípio, é lançado e conseqüentemente surge no mundo, desde seu nascimento o homem é livre. Por essa razão não há nada nem ninguém que determine sua existência no mundo, nem mesmo seu destino ou sua essência, e é por meio de sua existência, por meio do seu viver, de sua história é que o homem vai se caracterizando em sua essência, que irá se definindo ao longo de sua existência. Percebe-se então, que após seu surgimento no mundo o homem vai ser determinando por meio de suas escolhas e principalmente por sua plena liberdade.

O homem como sujeito livre, é interpretado por Sartre como “condenado à liberdade”. Esse homem é “condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz” (Sartre, 1978, p.9)¹⁷. Ao ser lançado no mundo, a partir de sua existência, como não há nenhum determinismo, uma direção a qual o homem deve seguir, há apenas a liberdade, em função do homem e a qual ele deve tomá-la como referência. “O sentido profundo do determinismo é estabelecer em nós uma continuidade sem falha de existência Em-si” (Sartre, 2009, p. 544)¹⁸. O homem somente possui a partir de seu surgimento no mundo a liberdade. Desta forma, não existe nada que possa obriga-lo a fazer ou agir.

Para Sartre, o existencialismo não acredita no poder da paixão, pois não consegue admitir que ela pudesse ser uma corrente devastadora que conduz o homem a determinados atos, e que, conseqüentemente, é uma desculpa. Assim o existencialismo considera que o homem é responsável por sua paixão e por isso, não admite que o homem possa conseguir o auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o sinal e que o orienta como bem entender. Visto que, não se deve condenar uma paixão, ou qualquer outro tipo de ação, não seria possível admitir que exista algo, diante, acima ou aquém do homem, que possa

¹⁷ “Condamné, parce qu’il ne s’est pas créé lui-même, et par ailleurs cependant libre, parce qu’une fois jeté dans le monde, il est responsable de tout ce qu’il fait” (Sartre, 1998, p.14).

¹⁸ “Le sens profond du déterminisme, c’est d’établir en nous une continuité sans faille d’existence en soi” (Sartre, 1943, p.484).

ser responsabilizado pelos seus atos. “O homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante” (Sartre, 1978, p.9)¹⁹.

Para tentar entender melhor a perspectiva existencialista sartreana do “homem como sujeito livre”, será necessário partir do estudo e da divisão ontológica do ser, apresentado por Sartre. Ao analisar a própria realidade humana que para Sartre é o seu próprio nada, a realidade do homem que se constitui como *ser-para-si*, permite identificar que o homem, ao nascer, nadifica o *em-si* e lança-se, projeta-se para o futuro.

“Nessas condições, a liberdade não pode ser senão esta nadificação. É através dela que o Para-si escapa de seu ser, como de sua essência; é através dela que constitui sempre algo diverso daquilo que pode-se dizer dele, pois ao menos é aquele que escapa a esta denominação mesmo, aquele que já está além do nome que se lhe dá ou da propriedade que se lhe reconhece. Dizer que o Para-si tem de ser o que é, dizer que é o que não é não sendo o que é, dizer que, nele, a existência precede e condiciona a essência, ou inversamente, segundo a fórmula de Hegel, para quem “Wesen ist was gewesen ist” - tudo isso é dizer uma só e mesma coisa, a saber: que o homem é livre” (Sartre, 2009, p. 543)²⁰.

Desta forma, definir de uma vez por todas o homem e principalmente a liberdade é difícil, pois se isso fosse possível ao definir a liberdade o homem seria a própria limitação enquanto conceito, e conseqüentemente, deixaria de ser livre. Logo, seria possível indicar uma direção para que o homem seguisse e com isso seria possível encontrar a essência do homem. Para Sartre, “a liberdade é o fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias” (Sartre, 2009, p.542)²¹. Então, definir o conceito de homem e de liberdade corresponderia em indicar um caminho a que se devesse percorrer no decorrer da vida até atingir a sua essência, mas, no entanto, não foi isso exatamente que Sartre quis propor. Para o existencialista, “a própria denominação de *liberdade* é perigosa, caso subentendamos que a palavra remete a um conceito, como as palavras habitualmente fazem. Indefinível e inominável, a liberdade será também indescritível” (Sartre, 2009, p. 542)²².

¹⁹ “Il pense donc que l'homme, sans aucun appui et sans aucun secours, est condamné à chaque instant à inventer l'homme” (Sartre, 1998, p.14).

²⁰ “Dans ces conditions, la liberté ne saurait être rien autre que cette néantisation. C'est par elle que le pour-soi échappe à son être comme à son essence, c'est par elle qu'il est toujours autre chose que ce qu'on peut dire de lui, car au moins est-il celui qui échappe à cette dénomination même, celui qui est déjà par delà le nom qu'on lui donne, la propriété qu'on lui reconnaît. Dire que le pour-soi a à être ce qu'il est, dire qu'il est ce qu'il n'est pas en n'étant pas ce qu'il est, dire qu'en lui l'existence précède et conditionne l'essence ou inversement, selon la formule de Hegel, que pour lui «Wesen ist was gewesen ist», c'est dire une seule et même chose, à savoir que l'homme est libre” (Sartre, 1943, p.483).

²¹ La liberté qui est fondement de toutes les essences, puisque c'est en dépassant le monde vers ses possibilités propres que l'homme dévoile les essences intramondaines” (Sartre, 1943, p.482).

²² “La dénomination même de est dangereuse si l'on doit sous-entendre que le mot renvoie à un concept, comme les mots font à l'ordinaire. Indéfinissable et innommable, la liberté ne serait-elle pas indescrivable” (Sartre, 1943, p. 482).

Diante da dificuldade de definir o termo liberdade, que se aplica as ações do homem, a única saída será analisar as características das condutas livres do homem, visto que, é por meio dessas condutas que será possível descrever um paralelo próximo ao significado do termo liberdade.

O que caracteriza o homem livre para Sartre, são, primeiramente, suas escolhas, posteriormente suas ações para poder determinar seu caminho, por meio de seu projeto, e finalmente a responsabilidade que o homem tem de decidir por suas escolhas até atingir seu fim, ou seja, aquilo que almeja. De acordo com Sartre, após surgir no mundo o homem passa a viver sua realidade humana. Para que possa ser, a realidade humana precisa primeiramente fazer-se, ou seja, se a realidade humana existe é porque alguém a fez. O homem livre para Sartre é o homem que escolhe decidir e agir, sem qualquer determinação causal última, quer seja exterior, sofrendo influência do ambiente em que se vive, quer seja interior, dos desejos, caráter ou paixões. Mesmo admitindo que tais forças existam, o ato livre pertence a uma esfera independente em que se conclui a liberdade humana.

“Não encontramos qualquer *algo* dado na realidade humana, no sentido em que o temperamento, o caráter, as paixões, os princípios da razão seriam elementos dados, adquiridos ou inatos, existindo à maneira das coisas. A única consideração empírica do ser-humano mostra-o como uma unidade organizadora de condutas ou “comportamentos”. Ser ambicioso, covarde ou irascível é simplesmente conduzir-se dessa ou daquela maneira em tal ou qual circunstância [...] Assim, a realidade humana não é primeiro para agir depois; mas sim que, para a realidade humana, ser é agir, e deixar de agir é deixar de ser” (Sartre, 2009, p.586-587)²³.

Será então por meio das ações que se poderá determinar o projeto de vida. Para Sartre, a liberdade é essencialmente projeto, tarefa. Não tem essência, deve se fazer, se criar; e, uma vez que é espontaneidade pura, ela é invenção constante. Portanto, Ser é agir. Enquanto projeto, a consciência se lança adiante, no futuro. O homem se distancia do seu passado e do determinismo. Projeta-se para o seu futuro.

“Nenhuma lei de ser pode estipular o número *a priori* dos diferentes projetos que sou; a existência do Para-si, com efeito, condiciona sua essência. Mas é necessário consultar a história de cada um para se ter uma ideia singular acerca de cada Para-si singular. Nossos projetos particulares, concernentes à realizações no mundo de um fim em particular, integram-se no projeto global que somos. Mas precisamente por que somos integralmente escolha e ato, esses projetos parciais não são determinados pelo projeto global; devem ser,

²³ “Ainsi n e trouvons-nous aucune donnée dans la réalité humaine, au sens où le tempérament, le caractère, les passions, les principes de la raison seraient des data acquis ou innés, existant à la manière des choses. La seule considération empirique de l'être humain le montre comme une unité organisée de conduites ou de « comportements. Etre ambitieux, lâche ou irascible, c'est simplement se conduire de telle ou telle manière, en telle ou telle circonstance [...]. Ainsi la réalité humaine n'est pas d'abord pour agir, mais être pour elle, c'est agir et cesser d'agir, c'est cesser d'être” (Sartre, 1943, p.521).

eles próprios, escolhas, e a cada um deles permite-se certa margem de contingência, imprevisibilidade e absurdo, embora cada projeto, na medida em que se projeta, sendo especificação do projeto global por ocasião de elementos particulares da situação, seja sempre compreendido em relação à totalidade de meu ser-no-mundo” (Sartre, 2009, p. 592)²⁴.

Considerando que o homem é liberdade e que por meio dessa liberdade ele age, ele encontrará diferentes projetos que poderá seguir e conseqüentemente poderá construir sua essência. Visto que cada ser é único e particular, que cada um possuiu seu próprio caminho e sua própria história, cada pessoa também é responsável por suas escolhas, com isso, percebe-se então que o homem não é responsável apenas pelos seus atos, desta maneira, a responsabilidade do homem é muito maior do que se pode supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Para o existencialista:

“A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher, mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo. Isso, se bem que pareça estritamente formal, tem suma importância, pois limita a fantasia e o capricho. Se, de fato, perante determinada situação – como, por exemplo, a situação que me define como um ser sexuado, podendo ter relações com um ser de outro sexo, podendo ter filhos – sou obrigado a escolher uma atitude e, de qualquer modo, sou responsável por uma escolha que, engajando a mim mesmo, engaja também toda a humanidade, mesmo se nenhum valor *a priori* determinar a minha escolha, esta nada terá a ver com o capricho” (Sartre, 1978, p.13)²⁵.

Para Sartre todo o valor do ato está na responsabilidade da escolha. Ao encarar uma pluralidade de possibilidades o homem escolhe uma ação, ela tem valor pelo simples fato de ter sido escolhida e assumida como tal. Deste modo, é na ação que o homem faz a experiência de sua liberdade, e a partir da escolha começa a ter consciência de ser um sujeito absolutamente livre e, ao perceber-se como liberdade, o homem imediatamente se vê sozinho e responsável pelo seu próprio ser.

²⁴ “Aucune loi d'être ne peut assigner un nombre *a priori* aux différents projets que je suis : l'existence du pour-soi conditionne en effet son essence. Mais il faut consulter l'histoire de chacun pour s'en faire, à propos de chaque pour-soi singulier, une idée singulière. Nos projets particuliers touchant la réalisation dans le monde d'une fin particulière s'intègrent dans le projet global que nous sommes. Mais précisément parce que nous sommes tout entiers choix et acte, ces projets partiels n e sont pas déterminés par le projet global : ils doivent être eux-mêmes des choix et une certaine marge de contingence, d'imprévisibilité et d'absurde est laissée à chacun d'eux, encore que chaque projet, e n tant qu'il se projette, étant spécification du projet global à l'occasion d'éléments particuliers de la situation, se comprend toujours par rapport à la totalité de mon être-dans-lemonde” (Sartre, 1943, p.525 – 526).

²⁵ “Le choix est possible dans un sens, mais ce qui n'est pas possible, c'est de ne pas choisir. Je peux toujours choisir, mais je dois savoir que si je ne choisis pas, je choisis encore. Ceci, quoique paraissant strictement formel, a une très grande importance, pour limiter la fantaisie et le caprice. S'il est vrai qu'en face d'une situation, par exemple la situation qui fait que je suis un être sexué pouvant avoir des rapports avec un être d'un autre sexe, pouvant avoir des enfants, je suis obligé de choisir une attitude, et que de toute façon je porte la responsabilité d'un choix qui, en m'engageant, engage aussi l'humanité entière, même si aucune valeur *a priori* ne détermine mon choix, celui-ci n'a rien à voir avec le caprice” (Sartre, 1998, p.30).

O que determina o homem ser livre então é a busca por sua essência, dessa forma, cada homem busca seu caminho e cada homem se revela ao mundo de acordo com a sua maneira:

“Sendo a intenção escolha do fim e revelando-se o mundo através de nossas condutas, é a escolha intencional do fim que revela o mundo, e o mundo se revela dessa ou daquela maneira (em tal ou qual ordem) segundo o fim escolhido. O fim iluminando o mundo, é um estado do mundo a ser obtido e ainda não existente” (Sartre, 2009, p.588)²⁶.

Além disso, o homem é também um ser consciente, capaz de conhecer os determinismos; tal conhecimento permitirá a ação transformadora que, a partir da consciência das causas, pode construir um projeto de ação. Porém, para Sartre o homem é um ser que escapa a todo esse rígido determinismo exterior e interior, um ser imediata e integralmente responsável por todas as suas ações. Nos itens que se seguem serão apontadas as condutas éticas elencadas por Sartre por meio da liberdade, da escolha e da responsabilidade, em que o homem deve tentar seguir para viver em sociedade.

1.3 -“SE DEUS NÃO EXISTISSE TUDO SERIA PERMITIDO?”

Partindo do pressuposto existencialista de que a existência precede a essência, o homem foi lançado no mundo, primeiramente, possui apenas sua liberdade. Por meio dela o homem vai fazendo suas escolhas, percorrendo seu caminho até tentar atingir sua essência. Durante esse percurso o homem não vive como ser único, existe os Outros, e é por isso que o homem não pode mais escolher apenas por si próprio, tem que escolher por ele e pelos outros. É em virtude disso que Sartre afirma que o homem ao escolher está se responsabilizando por toda a humanidade, visto que o homem não está sozinho no mundo e suas escolhas podem interferir nas escolhas de outrem. Logo, essa liberdade advinda do homem, conhece limites, pois o homem não está sozinho no mundo, e esses limites seriam, então, em última instância, a ética e as condutas morais, as quais o homem começa a ter que pensar para conviver com a presença de Outros. Portanto, é pelo homem que surgem os valores éticos e eles surgem a partir do encontro com o Outro no mundo.

Vale ressaltar que Sartre jamais indicou uma ética em sua filosofia existencialista, a ética para ele, seriam os caminhos, as implicações e as condutas morais, as quais o

²⁶ “L'intention étant choix de la fin et le monde se révélant à travers nos conduites, c'est le choix intentionnel de la fin qui révèle le monde et le monde se révèle tel ou tel (en tel ou tel ordre) selon la fin choisie. La fin, éclairant le monde, est un état du monde à obtenir et non encore existant” (Sartre, 1943, p.522).

homem deveria seguir para conseguir conviver harmoniosamente consigo e com os Outros no mundo. Apesar de ter anunciado no final da obra SN, que: “todas essas questões, que nos remetem à reflexão pura e não cúmplice, só podem encontrar sua resposta no terreno da moral. A elas dedicaremos uma próxima obra” (Sartre, 2009, p. 765)²⁷, tal promessa jamais se cumpriu. Sartre jamais chegou a publicar uma obra sobre a moral, pois, ele compreendia a realidade humana como algo a ser construído por meio de sua liberdade e não como algo acabado, visto que é o homem quem cria e escolhe o seu próprio caminho e consequentemente fundamenta seus próprios valores e sua essência.

Ao ser lançado no mundo o homem é livre, e ao se deparar com os Outros essa liberdade começa a ser limitada. Ao escolher por si e até mesmo pelo Outro quem irá indicar o que é certo ou o que é errado? É Deus? E se Deus não existisse, tudo seria permitido? Pois se Deus não existe, não há nada nem ninguém que possa indicar o que é certo ou errado, então tudo é permitido. Logo, se tudo é permitido, o homem pode tudo, pode ser arrogante, gentil, delicado, elegante, agressivo, invejoso, interesseiro, tolerante, grosseiro, ignorar a moral e os bons costumes dos outros, ser bom, ser mau. Com isso, agindo como se assume sua independência.

Em *O existencialismo é um humanismo* o existencialista ateu argumenta sobre essa questão da hipótese da não existência de Deus e mostra a que ponto isso pode influenciar na ética.

“Quando, por volta de 1880, os professores franceses tentaram constituir uma moral laica, disseram mais ou menos o seguinte: Deus é uma hipótese inútil e dispendiosa; vamos suprimi-la: porém, é necessário – para que exista uma moral, uma sociedade, um mundo policiado – que certos valores sejam respeitados e considerados como existentes *a priori*; é preciso que seja obrigatório, *a priori*, ser honesto, não mentir, não bater na mulher, fazer filhos etc., etc. Vamos portanto realizar uma pequena manobra que nos permitirá demonstrar que esses valores existem, apesar de tudo, inscritos num céu inteligível, se bem que, como vimos, Deus não exista. É essa, creio eu, a tendência de tudo o que é chamado na França de radicalismo: por outras palavras, a inexistência de Deus não mudará nada; reencontramos as mesmas normas de honestidade, de progresso, de humanismo e teremos assim transformado Deus numa hipótese caduca, que morrerá tranquilamente por si própria” (Sartre, 1978, p.9)²⁸.

²⁷ “Toutes ces questions, qui nous renvoient à la réflexion pure et non complice, ne peuvent trouver leur réponse que sur le terrain moral. Nous y consacrerons un prochain ouvrage” (Sartre, 1943, p.676).

²⁸ “Lorsque, vers 1880, des professeurs français essayèrent de constituer une morale laïque, ils dirent à peu près ceci : Dieu est une hypothèse inutile et coûteuse, nous la supprimons, mais il est nécessaire cependant, pour qu’il y ait une morale, une société, un monde policé, que certaines valeurs soient prises au sérieux et considérées comme existant a

Ao tentar indicar uma ética, foi excluída a hipótese da existência de Deus, argumentando que, independentemente da Sua existência o homem poderia seguir seu caminho, mesmo sem existir valores preestabelecidos e determinados por seres metafísicos. O homem por si só conseguiria indicar seus valores no percurso de sua vida. Para o existencialista, se Deus não existe, desaparece junto com ele toda e qualquer possibilidade de encontrar valores num céu inteligível; não pode mais existir nenhum bem *a priori*, já que não existe uma consciência infinita e perfeita para pensá-lo; não está escrito em nenhum lugar que o bem ou o mal existem, que se deve ser honesto, que não se deve mentir, já que o homem está precisamente num plano em que só existem homens²⁹.

A questão da não existência de um ser metafísico é de suma importância para o entendimento da proposta sartreana, visto que, ao longo de toda a história, sempre houve um Deus ou uma realidade metafísica que justificasse as normas *a priori*, porém, em Sartre o homem deixar de obedecer aos preceitos divinos e por meio de sua liberdade passa agir, e fazer tudo o que se pode fazer, elegendo um projeto e uma conduta moral. “O homem faz-se; ele não está pronto logo de início; ele se constrói escolhendo sua moral; e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode deixar de escolher uma moral” (Sartre, 1978, p. 18)³⁰. Dessa forma, vê-se que o homem pode escolher sempre, mas deve responsabilizar-se por sua escolha.

Portanto, se Deus não existisse tudo seria permitido? Depende, pois se Deus existe, o homem tem a quem se agarra e orientar quanto ao caminho que deve seguir; se Deus não existe, o homem não tem a quem se agarrar, e com isso o homem encontra-se desamparado e sozinho no mundo. Só que ainda existe um terceiro desafio, que é a existência do Outro. O problema aqui não é mais só a existência ou não de Deus, e sim a existência de outrem, visto que, por existir Outros é que se deve pensar em uma conduta moral. Dessa forma, o homem não poderá mais, fazer tudo o que quiser, pois ele não

priori ; il faut qu'il soit obligatoire *a priori* d'être honnête, de ne pas mentir, de ne pas battre sa femme, de faire des enfants, etc., etc... Nous allons donc faire un petit travail qui permettra de montrer que ces valeurs existent tout de même, inscrites dans un ciel intelligible, bien que, par ailleurs, Dieu n'existe pas. Autrement dit, et c'est, je crois, la tendance de tout ce qu'on appelle en France le radicalisme, rien ne sera changé si Dieu n'existe pas ; nous retrouverons les mêmes normes d'honnêteté, de progrès, d'humanisme, et nous aurons fait de Dieu une hypothèse périmée qui mourra tranquillement et d'elle-même” (Sartre, 1998, p. 13 – 14).

²⁹ Como para Sartre, neste momento, Deus não existe, o versículo da bíblia em que Levítico (19:11) fala “Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo” é indispensável neste instante. A bíblia é um meio pelo qual os cristãos usam para se orientarem. Porém não será possível entrar em detalhes aqui, pois o que interessa a ser discutido é o ponto de vista sartreano e não o ponto de vista religioso.

³⁰ “L'homme se fait ; il n'est pas tout fait d'abord, il se fait en choisissant sa morale, et la pression des circonstances est telle qu'il ne peut pas ne pas en choisir une” (Sartre, 1998, p.32).

está sozinho no mundo, tem que pensar também nos Outros, e tem que viver e agir de acordo com a vida dos Outros, sem prejudica-los e tentar ter uma convivência harmoniosa. Por isso, para tentar indicar uma ética sartreana, o problema maior não é somente os Outros, mas sim as consequências da liberdade e da responsabilidade do indivíduo.

Dessa forma, a liberdade passa a ser limitada, pois, o homem começa a ter a sua liberdade determinada pelas situações de convivência com o Outro. Assim, “a liberdade é limitada exatamente pelo fato de que não pode se escolher, pelo fato de que foi lançada no mundo sem escolha prévia. E essa impossibilidade de escolha prévia significa que o homem está sempre engajado, em situação, impedido de recuar a um ponto de vista fora do mundo” (Moutinho, 1995, p. 74). Percebe-se que para Sartre a escolha é situacional e expressa a liberdade que o homem possui. Assim, se não há nenhum Deus e, portanto não há qualquer plano divino que determine o que deve acontecer, não há nenhum determinismo. Se antes era Deus que determinava, agora cabe ao homem escolher e inventar seus próprios valores.

Portanto, é observada aqui a radicalidade da filosofia sartreana, pois, ao abolir a ideia de Deus e conseqüentemente os princípios metafísicos, transfere-se toda a responsabilidade aos homens. Dizer que Deus não existe significa assumir que não existem valores *a priori*, e que, se a existência precede a essência, a tarefa de dizer o que é certo e o que é errado está nas mãos dos homens. Assim, a conduta moral que se vê a partir da teoria sartreana é uma moral da invenção, da ação e do engajamento, pois é diante das situações concretas que cada sujeito vai determinar o valor de cada ação.

Nas obras sartreanas, vê-se que o filósofo chama o homem à responsabilidade, a viver de maneira autêntica. Assim, a partir das escolhas do homem cria-se sua vida e ao criar o homem está se engajando, ou seja, agindo no mundo, e assim, vai se atribuindo valor a cada ação realizada e a cada escolha feita. Dessa forma, é pelo homem que surgem os valores éticos e eles surgem a partir do encontro com o Outro no mundo. Porém, não existe nenhuma lei *a priori* que diga como o homem deve proceder, ou ainda, que o certo seria respeitar os Outros, mas para Sartre a liberdade depende da liberdade dos Outros, dado que “querendo a liberdade, descobrimos que ela depende integralmente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa”

(Sartre, 1978, p. 19)³¹. Portanto, quando o homem decide por sua liberdade também está tentando buscar a liberdade dos Outros. Por esta razão, o homem é responsabilizado por todas as suas escolhas e por todas as leis que vier a criar, não tendo como fugir disso.

Em resumo, levando em consideração que, até o momento, foram trabalhados os temas da liberdade e escolha, tentando indicar condutas éticas, e buscando estabelecer um caminho harmonioso para a convivência entre os homens, abordaremos no próximo item a condição primordial de escolha em que o homem tem de se decidir por si próprio e pelos outros.

1.4 - A ESCOLHA

A escolha é um dos assuntos principais no decorrer desse capítulo, todo o conteúdo apresentado, até o presente momento, teve o tema escolha como fio condutor dessa dissertação, portanto, a partir de agora, de acordo com o existencialismo sartreano o tema será apresentado com mais ênfase. Visto que a liberdade e a escolha são os pontos principais do pensamento filosófico de Sartre é através da escolha que o homem constrói o seu próprio ser e o seu mundo.

Ao escolher por si, o homem pode escolher suas atitudes, seus objetivos, a moral, os valores e as formas de vida que irá seguir no decorrer de sua existência. Além de escolher por si, o homem será responsabilizado pelo que escolher e pelas escolhas que se sucederem no mundo. Sartre estabelece em EH que

"Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe a todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos" (Sartre, 1978, p. 6-7)³².

³¹ "Et em voulant la liberté, nous découvrons qu'elle dépend entièrement de la liberté des autres, et que la liberté des autres dépend de la nôtre" (Sartre, 1998, p.34).

³² "Quand on dit que l'homme se choisit, nous entendons que chacun d'entre nous se choisit, mais par là nous voulons dire aussi qu'en se choisissant il choisit tous les hommes. En effet, il n'est pas un de nos actes qui, en créant l'homme que nous voulons être, ne crée en même temps une image de l'homme tel que nous estimons qu'il doit être. Choisir d'être ceci ou cela, c'est affirmer en même temps la valeur de ce que nous choisissons, car nous ne pouvons jamais choisir le mal ; ce que nous choisissons, c'est toujours le bien, et rien ne peut être bon pour nous sans l'être pour tous" (Sartre, 1998, p.8).

Para Sartre, o homem sempre irá escolher o que for melhor para ele e para todos, por isso, os valores que o *para-si* irá seguir, não serão aqueles indicados e preestabelecidos por um ser metafísico, ou uma consciência divina, e sim aqueles que forem melhor para o homem e para a humanidade em determinado momento. É por isso que, para Sartre, os valores vão se configurando de acordo com cada homem em cada momento, visto que pode mudar de acordo com o tempo, com a cultura, com o meio, com o estado e com o espaço.

Mas, podemos perguntar: se o homem é livre para fazer suas escolhas, como poderia surgir daí uma ética? Para Sartre, existem dois tipos de ética. A primeira seria estabelecida pela ética cristã, que prega que o homem deve seguir o caminho mais duro. Só que Sartre refuta essa ética afirmando que para Kant o homem deve ser tratado como fim, e não como meio. Porém, ao escolher algo como fim, as outras opções serão tratadas como meio. Logo, não seria o sentimento que determinaria a escolha pela moral a ser seguida. Justificar uma ação pelo sentimento terá seu valor apenas depois que o ato se concretizar: o sentimento se constituiu pelos atos praticados. Portanto, não podemos consultar nossos sentimentos como guia de nossas ações e não há também nenhuma moral que sirva como guia: o homem é livre para escolher e tem a constante possibilidade de se inventar. A segunda ética estabelecida por Sartre seria que ao escolher um projeto, o homem estaria optando por uma ética. Por ser livre não há como fugir da escolha e, portanto, ao escolher o homem estará criando sua própria ética. Assim, a moral só poderá ser julgada no momento em que ela estiver se realizando.

No entanto, no ato de escolher o que será melhor para o homem e para a humanidade, o homem se depara com infinitas possibilidades de escolha. Sartre considera que essas infinitas possibilidades podem ser precisamente o da escolha da escolha, não como escolha do que já foi escolhido, mas como escolha do que ainda poderá ser escolhido. Nesse sentido, a "escolha possível" é não só a escolha que se oferece como possibilidade, mas a escolha que, uma vez feita, afigura-se ainda possível.

“Assim, o conceito de escolha torna-se suscetível de tratamento objetivo e capaz de orientar a análise das técnicas de escolha. Desse ponto de vista, é indispensável determinar, em primeiro lugar o *contexto* das escolhas, ou seja, o campo das possibilidades objetivas em que a escolha deve atuar. Como por exemplo, para o homem que sofreu uma afronta, as opções de vingança pela força ou pela violência são diferentes das que lhe são oferecidas pelo sistema jurídico em que vive. Além disso, sempre com referência a um contexto determinado, pode-se fazer a distinção entre *grau* de escolhas, que é o número de

possibilidades oferecidas por determinado contexto, e *extensão* da escolha, que é o número de indivíduos que têm acesso à determinada escolha em dado contexto. Entre extensão e grau pode haver todas as relações possíveis, pois o aumento no grau pode influir na extensão e vice-versa” (Abbagnano, 2007, p.346).

Sartre apresenta a condição de escolha por meio das possibilidades, afirmando que existe uma imensidão de possibilidades, porém dentre todos os conjuntos de possibilidades o homem irá escolher apenas uma particular perante toda a totalidade, deste modo o homem escolhe integralmente no mundo integral.

“Toda possibilidade singular articula-se em um conjunto. Ao contrário, a possibilidade última deve ser concebida como síntese unitária de todos os nossos possíveis atuais, cada um desses possíveis reside na possibilidade última em estado indiferenciado, até que uma circunstância em particular venha a colocá-lo em relevo, sem suprimir com isso o seu pertencer à totalidade” (Sartre, 2009, p.568)³³.

Sartre afirma que durante a existência no mundo é recomendado que o homem seja honesto, ou seja, que o homem faça escolhas individuais com plena consciência de sua autenticidade e que nada, nem ninguém, possa determiná-las. Desta maneira, o homem que elege dedicar a vida ao extermínio dos judeus, faz esta escolha com total consciência, sendo assim, é responsável por seus atos e consequências. Ao escolher, o homem tem consciência do que deseja e está se responsabilizando pelos seus atos e pelo que pode interferir na vida das pessoas. Escolher exterminar um judeu ou não é de responsabilidade do homem que escolheu, visto que o mesmo é livre para decidir por si próprio e pela sua vida, independentemente de ser uma escolha influenciada por fatores externos. Para Sartre é o homem quem vai decidir o seu destino.

“Assim, encontramos o ato fundamental de liberdade; e é este ato que confere seu sentido à ação em particular que levo em consideração em dado momento: este ato constantemente renovado não se distingue de meu ser, é escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo, descoberta do mundo. Isso nos permite evitar o risco do inconsciente com que a psicanálise deparava desde seu ponto de partida. Se nada há na consciência que não seja consciência de ser, seria possível objetar, com efeito, que tal escolha fundamental necessita ser escolha *consciente*; poderemos afirmar, precisamente, que somos conscientes, ao ceder à fadiga, de todas as implicações que este ato pressupõe? Responderemos que somos perfeitamente conscientes delas. Só que esta consciência mesmo deve ter por limite a estrutura da consciência em geral e da escolha que fazemos” (Sartre, 2009, p.569)³⁴.

³³ “Toute possibilité singulière, et en effet, s'articule dans un ensemble. Il faut concevoir à l'encontre cette possibilité ultime comme la synthèse unitaire de tous nos possibles actuels; chacun de ces possibles résidant dans la possibilité ultime à l'état indifférencié jusqu'à ce qu'une circonstance particulière vienne le mettre en relief sans supprimer pour cela son appartenance à la totalité” (Sartre, 1943, p.503).

³⁴ “Ainsi l'acte fondamental de liberté est trouvé; et c'est lui qui donne son sens à l'action particulière que j'en puis être amené à considérer: cet acte constamment renouvelé ne se distingue pas de mon être; il est choix de moi-même

Sartre insistiu na individualidade da escolha, identificou escolha e consciência e viu, por isso, um ato de escolha em todo ato de consciência. Ele afirma: “uma vez que nosso ser é precisamente nossa escolha originária, a consciência (de) escolha é idêntica à consciência que temos (de) nós. É preciso ser consciência para escolher, e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência são uma só e mesma coisa” (Sartre, 2009, p. 569)³⁵. Logo, ter consciência e escolher são atos da mesma acepção.

Percebe-se então que o único valor fundamental e universal para o existencialismo é a liberdade, e será através dela que o homem poderá fazer suas escolhas e decidir por si próprio. Logo, Sartre recomenda que “o homem deva evitar a má fé e procurar fazer escolhas autênticas” (Collinson, 2004, p.277). Para Sartre o homem é totalmente responsável por suas escolhas perante o mundo e a sociedade, não cabendo se eximir diante delas, “é por essa razão que a liberdade e a escolha são os conceitos fundamentais da ética, pois sem a mesma não seria possível seu exercício” (Neves, 2006, p.19).

Ao surgir no mundo, o primeiro ato que é inerente ao homem é o da escolha livre. É a escolha que “dá sentido à ação determinada, que eu posso ser levado a tomar em consideração” (Sartre, 2009, p. 559)³⁶. Com esta definição, Sartre procura distinguir a liberdade humana do mero arbítrio. Afirmar que o homem é livre não significa conferir-lhe o poder ou o destino de agir caprichosamente e ao acaso.

“O homem é livre no sentido em que pode livremente decidir do seu próprio comportamento, escolhendo os seus próprios valores, elaborando os seus próprios projetos e, deste modo, assumindo uma determinada atitude em relação ao próprio futuro, passado e presente”. (Cersar & Bulcão, 2008, p. 70)

As escolhas dos valores, do comportamento e dos projetos do homem, levam à questão ética dos critérios que irão constituir o homem, ou seja, que nada mais são que as noções que fornecem a compreensão existencial das condutas que o homem deve seguir para escolher o seu destino. Assim, o fazer-se a si próprio a partir das escolhas livres é que definem os projetos, que são entendidos como modos pelos quais a

dans le monde et du même coup découverte du monde. Ceci nous permet d'éviter l'écueil de l'inconscient que la psychanalyse rencontrait au départ. Si rien n'est dans la conscience qui ne soit conscience d'être, pourrait-on nous objecter en effet, il faut que ce choix fondamental soit un choix conscient ; or, précisément, pouvez-vous affirmer que vous êtes conscient, lorsque vous cédez à la fatigue, de toutes les implications que suppose cet acte ? Nous répondrons que nous en sommes parfaitement conscients. Seulement cette conscience elle-même doit avoir pour limite la structure de la conscience en général et du choix que nous faisons” (Sartre, 1943, p.506).

³⁵ “Et comme notre être est précisément notre choix originel, la conscience (de) choix est identique à la conscience que nous avons (de) nous. Il faut être conscient pour choisir et il faut choisir pour être conscient. Choix et conscience sont une seule et même chose” (Sartre, 1943, p.506).

³⁶ “[...]et si nous admettons qu'elle peut être déterminée à l'action par un état antérieur du monde ou d'elle-même,...]” (Sartre, 1943, p. 522).

subjetividade antecipa a efetuação da existência, ou seja, os projetos são aquilo que o homem deseja para sua vida, tal como, comprar uma casa, escrever um livro, ter um filho, ser atleta, entre outros. Logo, percebe-se, que o projeto é uma manifestação da vontade humana e o homem será movido pelo seu projeto.

Ao ser livre o homem passa a ser tudo aquilo que ele projeta ser. Para, Sartre o “projeto original” seria a escolha que o indivíduo faz sobre si próprio. Esse “projeto original” seria então, a fonte dos demais projetos, tais como, as ações, sentimentos, desejos, etc. A opção por este ou aquele projeto estará vinculada a valorização de algo, que faz da consciência reflexiva uma consciência moral; uma vez que para valorizar, o homem reflete e julga. Assim, o valor é considerado a própria expressão da liberdade. O ato de existir como projeção contínua de si a partir das opções do sujeito leva o homem à constituição de sua ética.

Sartre afirma que: “o homem antes de mais nada, é um projeto que se vive subjetivamente”. Ao conceber o sujeito como projeto, o homem será responsável por aquilo que é. O homem não é aquilo que ele deseja ser, mas sim o projeto que esta vivendo, e conseqüentemente esse projeto seria a escolha, cuja responsabilidade é apenas do próprio homem. No entanto, ao dizer que o homem é responsável por si mesmo, o existencialismo transcende a ideia do subjetivismo individualista.

Assim, de acordo com Sartre, nada que acontece ao homem pode ser considerado inumano, uma vez que a existência vem antes da essência o homem é uma escolha, um fazer-se, um criar-se constantemente. Posto que a existência precede a essência, o homem existe na medida em que vai moldando a sua imagem, visto que, essa imagem é válida para todos e para toda em qualquer época. É, portanto, essa condição de escolher a si mesmo que transfere ao homem a responsabilidade que é muito maior do que se pode supor, pois ela engaja a humanidade inteira.

“Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade” (Sartre, 1978, p.7)³⁷.

³⁷ “Si je suis ouvrier, et si je choisis d'adhérer à un syndicat chrétien plutôt que d'être communiste, si, par cette adhésion, je veux indiquer que la résignation est au fond la solution qui convient à l'homme, que le royaume de

Portando, outro tema que está completamente ligado à escolha e foi desenvolvido um pouco nesse item é a questão da responsabilidade que o homem tem ao escolher seguir por determinado caminho, visto que, o sentido humano se constrói por meio das possibilidades de escolhas e consequentemente o homem é responsável por todas as escolhas feitas. No item a seguir será exposto de forma mais detida o tema da responsabilidade que o homem tem em escolher.

1.5 – A REponsabilidade EM ESCOLHER

Sartre escreveu: “O homem está condenado a ser livre”, logo, condenado a assumir a responsabilidade por suas escolhas. Para ele a responsabilidade é inerente à capacidade de assumir escolhas. Percebe-se então que, como foi visto no item anterior, o homem é livre para escolher o que quiser fazer de si, assim como o estilo de vida que preferir seguir, a postura cultural, econômica, política e social que quiser adotar para sua vida. Foi visto também que não existe nenhum fator externo que possa influenciar totalmente a capacidade de escolha, visto que para o existencialismo ateu Deus não existe. Desta forma, cada escolha traz consigo uma responsabilidade: as nossas escolhas, segundo Sartre, trazem consequências para nós e para os Outros. Diante das exposições anteriores percebe-se que a ideia central de todo pensamento existencialista é que a existência precede a essência e a partir dessa ideia Sartre transfere ao homem toda a responsabilidade, assim como se pode ver em EH.

“Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens” (Sartre, 1978, p.8)³⁸.

Com isso, não existe nenhum Deus que tenha planejado o homem e, portanto, não existe nenhuma natureza humana fixa a que o homem deva respeitar. Na filosofia existencialista sartreana, independentemente de Deus existir ou não, é somente o homem que é responsável por sua vida, o homem deve agir por conta própria e não

l'homme n'est pas sur la terre, je n'engage pas seulement mon cas : je veux être résigné pour tous, par conséquent ma démarche a engagé l'humanité tout entière” (Sartre, 1998, p.9).

³⁸ “Mais si vraiment l'existence précède l'essence, l'homme est responsable de ce qu'il est. Ainsi, la première démarche de l'existentialisme est de mettre tout homme en possession de ce qu'il est et de faire reposer sur lui la responsabilité totale de son existence. Et, quand nous disons que l'homme est responsable de lui-même, nous ne voulons pas dire que l'homme est responsable de sa stricte individualité, mais qu'il est responsable de tous les hommes” (Sartre, 1998, p.8-9).

porque existe um Deus controlando, e sim porque a ação é inerente ao homem sartreano. Desta maneira, ao surgir no mundo, o homem encontra-se responsável por agir seguindo a determinados valores e é por meio de sua total liberdade que o homem é o responsável por traçar o seu destino, responsável pelo que faz de si mesmo e responsável por suas escolhas.

“[...] o valor só pode revelar-se a uma liberdade ativa que o faz existir como valor simplesmente por reconhecê-lo como tal. Daí que minha liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada, justifica minha adoção dessa ou daquela escala de valores. Enquanto o ser pelo qual os valores existem, sou injustificável. E minha liberdade se angustia por ser o fundamento sem fundamento dos valores. Além disso, porque os valores, por se revelarem por essência a uma liberdade, não podem fazê-lo sem deixar de ser “postos em questão”, já que a possibilidade de inventar a escala de valores aparece, completamente, como minha possibilidade. A angústia ante os valores é o reconhecimento de sua identidade” (Sartre, 2009, p. 83)³⁹.

A responsabilidade do homem por tudo aquilo que faz é um dos aspectos mais fortes do existencialismo sartreano, pois, a responsabilidade é tomada no sentido da “consciência de ser o autor incontestável de um acontecimento ou de um objeto” (Sartre, 2009, p.678)⁴⁰.

Trata-se da *consciência de que a situação só existe pela liberdade*; ela não é separada e anterior a mim; ela só existe *por mim*, exatamente na medida em que minha liberdade a colore, fazendo-a aparecer desta ou daquela maneira. O “coeficiente de adversidade” das coisas, já que é também colorido pela liberdade, tampouco pode ser tomada como desculpa por um fracasso, uma resignação, uma revolta. Mesmo o fracasso, qualquer que seja a situação e a adversidade, remete à minha liberdade, e a consciência disso é a responsabilidade (Moutinho, 1995, p.77-78).

Assim, para Sartre, a partir do momento em que o homem torna-se responsável pelo que faz, pela ação, pelo que cria engajado no mundo, a partir de sua escolha particular e que conseqüentemente acaba se tornando universal, o homem por receber toda essa responsabilidade acaba se angustiado, pois a angústia nada mais é que a experiência vivida em face da descoberta da liberdade. E tal angústia surge no homem, no momento em que o mesmo se dá conta do seu comprometimento com um mundo de

³⁹ “Mais elle ne peut se dévoiler, au contraire, qu'à une liberté active qui la fait exister comme valeur du seul fait de la reconnaître pour telle. Il s'ensuit que ma liberté est l'unique fondement des valeurs et que rien, absolument rien, ne me j ustifie d'adopter telle ou telle échelle de valeurs. En tant qu'être par qui les valeurs existent je suis injustifiable. Et ma liberté s'angoisse d'être le fondement sans fondement des valeurs. Elle s'angoisse en outre parce que les valeurs, du fait qu'elles se révèlent par essence à une liberté, ne peuvent se dévoiler sans être du même coup « mises en p uisque la possibilité de renverser l'échelle des valeurs apparaît complémentaiement comme ma possibilité. C'est l'angoisse devant les valeurs qui est reconnaissance de l'idéalité des valeurs” (Sartre, 1943, p. 70).

⁴⁰ “de « conscience (d') être l'auteur incontestable d'un événement ou d'un objet»” (Sartre, 1943, p.595).

valores, ou seja, o homem ao se deparar com a sua responsabilidade em conduzir um mundo repleto de valores se angustia diante de sua responsabilidade.

“O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade” (Sartre, 1978, p. 7)⁴¹.

A responsabilidade atribuída ao homem é o que gera a angústia, pois cada pessoa está pronta para escolher tanto a si quanto a humanidade, mas não consegue escapar dessa situação. A angústia decorre, portanto, da consciência da liberdade e do receio de usar essa liberdade de forma errada. É por isso que seria mais simples acreditar que existe um Deus que pudesse guiar os homens em direção a seu propósito, pois tiraria do homem o “peso nas costas” de carregar toda a responsabilidade. Desta forma, a ação não seria a responsabilidade do homem, mas apenas o papel em um caminho indicado por Deus. Assim, para Sartre não há um propósito ou um destino universal.

Somente o homem de má fé é que consegue disfarçar essa angústia, dissimulando a sua responsabilidade por si e por toda humanidade. Os próprios atos de dissimular e mentir implica em uma escolha. Ao atribuir a responsabilidade a outrem, estamos escolhendo a mentira como valor não só para a própria existência mas para todos os homens. O homem que nega a angústia tem na má-fé a sua própria forma de existir.

Sartre afirma também que o homem, quando responsável e perante qualquer decisão, sente-se angustiado. Mas tal angústia não o impede de agir, pelo contrário, implica na ação. O homem responsável pela humanidade sentirá angústia ao escolher, pois esta escolha implica o abandono de todas as outras possibilidades. No entanto, o homem não pode atribuir a sua existência à natureza alguma. Não há nada que legitime seu comportamento, não há nada que o determine. Assim, não há nada que justifique seus atos. O homem está desamparado, condenado à sua própria escolha.

Desta forma, portanto, a princípio o homem surge no mundo, e conseqüentemente ele é livre, por meio dessa liberdade ele faz escolhas, e a partir dessas escolhas ele é

⁴¹ “L’existentialiste déclare volontiers que l’homme est angoissé. Cela signifie ceci : l’homme qui s’engage et qui se rend compte qu’il est non seulement celui qu’il choisit d’être, mais encore un législateur choisissant en même temps que soi l’humanité entière, ne saurait échapper au sentiment de sa totale et profonde responsabilité” (Sartre, 1998, p.9).

responsável pelo que escolheu, e por tudo que está ao seu redor, o que determina e o que guia o homem é a liberdade. Criando os valores, torna-se responsável por tudo que fizer. O sucesso ou o fracasso dos atos do homem é sua obra; não lhe é permitido culpar os outros ou as circunstâncias pelos seus erros.

Após discutir todos os itens elencados neste capítulo, percebe-se que a rotina do *ser-para-si* no mundo altera-se a partir do momento em que o homem se depara com o *ser-para-outro*. A mudança na vida do homem surge a partir do momento em que ele toma consciência de não estar sozinho no mundo e que terá de viver e escolher não mais em função somente de sua vida, e sim em função de toda a humanidade. Por isso é que no próximo capítulo será analisado o ponto de vista existencialista sartreano da liberdade do homem diante de outrem.

CAPÍTULO 2 - O OUTRO

O objeto de análise desse segundo capítulo ainda continua sendo o homem condenado a liberdade que se depara com Outros homens livres. Será abordado a questão da liberdade e da escolha diante de Outros homens conscientes de serem livres, partindo então de uma perspectiva individual para uma perspectiva universal.

Neste capítulo será analisado a liberdade do sujeito e a liberdade do outro enquanto surgem-se um diante do outro no mundo. Será examinado também o problema que é a existência de Outro homem consciente e livre para a teoria da liberdade de Sartre. Para tanto, este trabalho seguirá o seguinte roteiro: primeiro, será analisado a fenomenologia da existência do outro, em segundo lugar será apontado a problemática da existência do outro, posteriormente seguirá com a argumentação sobre o olhar do outro. Dessa forma, será feito também uma análise sobre as relações concretas com o outro e finalmente será apresentado a proposta da liberdade limitada pela existência de outros homens conscientes e também livres.

2.1 – A FENOMENOLOGIA DA EXISTÊNCIA DO OUTRO

Como foi visto no capítulo anterior, na filosofia existencialista de Sartre não se concebe nenhuma essência previa, por isso, parte-se da existência, que a princípio é considerada indeterminada. Só que no decorrer dessa existência, o próprio sujeito, por meio de sua liberdade, definir-se-á a partir de projetos formulados por si mesmo. Para que o homem possa de fato escolher o caminho entre as múltiplas possibilidades que se apresentam, é preciso que a liberdade seja plena.

No momento em que o ponto de partida é a existência e não a essência, o sujeito se confronta com ele mesmo, porque não se pode contar com uma identidade previamente afirmada: tem de construí-la ao longo do processo existencial, isto é, da sua história. Não há um “si mesmo” dado no início; trata-se de algo a ser alcançado, construído e realizado no processo de existência. Durante toda a trajetória existencial, que deveria ser executada exclusivamente pelo homem, ele se depara com a existência de Outros, ou seja, de outras liberdades, de outros projetos, de outras consciências, de outras intenções que procuram igualmente realizar-se. A partir de então começa a surgir alguns conflitos entre as liberdades, visto que, a liberdade, quando é absoluta, tende a uma expansão indefinida, em princípio incompatível com o fato de que ela teria de ser

limitada por outra liberdade. Percebe-se isso de acordo com o contexto do celebre exemplo, da relação entre o senhor e o escravo. “A liberdade do senhor existe na medida da submissão do escravo; o senhor se afirma como livre na proporção em que o escravo não o é. Se não tenho o escravo, perco a minha condição de senhor” (Silva, 2012, p.25).

A partir deste momento, nos itens que se seguem neste capítulo, será apresentada uma reflexão não apenas sobre a liberdade do sujeito individual, mas sobre a liberdade dos Outros sujeitos, o ponto em que uma interfere e entra em conflito com a outra e a ação dos homens para defenderem a sua própria liberdade. É a partir do instante em que as liberdades se confrontam que Sartre propõe a discussão do problema da existência do Outro, porém como não será possível aprofundar muito essa discussão, por ser muito extensa e complexa, serão apresentadas aqui apenas algumas questões sobre o problema da existência do Outro.

A princípio será exposta a maneira como Sartre aborda em sua filosofia a existência do Outro, que para o pensador é considerado como um problema. Na concepção existencialista sartreana, o Outro, perante a realidade humana, é considerado como consciência (de) liberdade em relação a alguém que é igualmente consciência (de) liberdade. A relação de dependência que há entre o *ser-para-si* e o *ser-para-outro*, na qual o homem decide o que ele é e o que são os Outros, é uma relação chamada de *reciprocidade* ou de *intersubjetividade*⁴². Nela, os indivíduos são irremediavelmente iguais: seres-no-mundo, factuaisidades, temporalidades, transcendências, condenados à liberdade, impelidos a perseguirem os fins possíveis, obrigados a inventarem seus valores, a serem solidários e éticos no mundo em que vivem. Neste momento todos os sujeitos são iguais, o que diferencia é que cada um tem sua própria liberdade e é por meio dessa liberdade que a liberdade de um fica limitada à dos Outros e é aí que surgem os conflitos.

A problemática estabelecida, a princípio, é o momento em que o sujeito livre se depara com a existência de Outro sujeito livre no mundo e se realmente é considerável a existência desse Outro. Para o existencialismo a existência de um único sujeito livre, significa que todos os Outros passariam a ser considerados como objetos sobre os quais

⁴² “Uma filosofia que elege o sujeito como centro de referência da teoria e da prática não pode facilmente passar da singularidade do Eu à pluralidade do Nós, isto é, não pode senão postular a presença de outros sujeitos porque o conhecimento subjetivo restringe-se ao Eu do sujeito que conhece” (Silva, 2012, p.23).

esse sujeito exerce sua liberdade. A partir do instante em que o Outro é considerado como aquele que me olha, o olhar o constitui em objeto, logo, aquele que possui a liberdade olha para o Outro tomando-o como objeto. Porém, para Sartre, o *ser-para-si* não tem a capacidade de habitar a consciência do *ser-para-outro* da mesma maneira que habita na sua própria consciência, transformado assim o Outro em objeto. “Nesse sentido, se a certeza relativa à própria consciência for o único ponto de partida, o sujeito corre o risco de permanecer encerrado nessa representação originária, absolutamente certo de si mesmo, mas também prisioneira dessa certeza” (Silva, 2012, p.23). Essa problemática recebeu, na Filosofia, a denominação de *solipsismo*, que será apresentado adiante nessa dissertação.

Para Sartre, do ponto de vista do problema da intersubjetividade, a única maneira de estabelecer uma relação com o Outro é tomá-lo como objeto. Por essa razão, na relação entre o *ser-para-si* e o *ser-para-outro*, a liberdade do sujeito se afirma na medida em que a liberdade do Outro se anula, e vice versa: o Outro tende a determinar, fazendo do sujeito um objeto, dessa forma o Outro constitui e define o sujeito atribuindo-o de fato uma essência que o mesmo não possui. Mas, já que, para Sartre, o homem não possui uma essência que o determine, por essa razão não é possível afirmar a estabilidade do sujeito no seu processo de existência, ou seja, na sucessão das escolhas e dos projetos por meio dos quais o homem vai tentando se construir. Dessa forma, a falta de determinação da essência do homem faz com que o sujeito, nunca esteja “em si”, mas sempre se projetando para fora, na direção do que virá a ser “para si”. Esta instabilidade durante o processo de existência do homem é consequência da identificação entre subjetividade e liberdade. O caminho percorrido pelo homem para tentar encontrar sua essência resulta no fato de que

“transformamos a nós mesmo quando interiorizamos o que está fora de nós; e transformamos o mundo, ao menos na sua significação, quando exteriorizamos nossos desejos e nossos projetos. O sujeito é uma contínua construção que depende, sempre e ao mesmo tempo, dele e dos outros; por isso ele é sempre outro, puro processo, e nunca algo consolidado” (Silva, 2012, p.27-28).

Percebe-se, então, que os Outros sujeitos são fontes permanentes de possibilidades de escolhas por meio de suas liberdades, porém, a escolha de um só sujeito leva à transformação do mundo para que ele se adapte ao seu projeto. Mas cada homem tem um projeto diferente, e isso faz com que as pessoas entrem em conflito sempre que os projetos se sobrepuserem.

Portando, nos itens que se seguem dessa dissertação, será apresentada a problemática da existência do Outro no decorrer da existência dos sujeitos. Para tentar aprofundar o estudo do tema, é impossível fugir de algumas outras problemáticas estabelecidas por Sartre em SN, tal como o solipsismo, a intersubjetividade, os conflitos, a alteridade, a consciência, o *cogito*, o olhar, as relações concretas entre os homens.

2.2 - A PROBLEMÁTICA DA EXISTÊNCIA DO OUTRO

O problema da existência do Outro, será o foco principal desse item. E para iniciar, Sartre considera o Outro como, outra consciência, que é denominado na filosofia como solipsismo. No decorrer desse item, será visto a tentativa sartreana de tentar superar o solipsismo da consciência, ou seja, tentar conceber a relação entre os Outros e a sua consciência, e a possibilidade de um ser habitar e conhecer a consciência de Outro. Mas Sartre não defende, como muitos pensam, o solipsismo por essa razão, também será apresentado nesse item, a crítica sartreana para tentar superar o solipsismo e apresentar a certeza da existência de Outro, ou seja, de outra consciência.

Como é impossível cada homem ter acesso à consciência dos Outros, percebe-se que para Sartre o *ser-para-si* reconhece no *ser-para-outro* a sua existência.

“Na medida em que tomo consciência (de) mim como de uma de minhas livres possibilidades, e que me projeto rumo a mim mesmo para realizar esta ipseidade, eis-me responsável pela existência do Outro: sou eu, pela afirmação de minha livre espontaneidade, que faço com que haja um Outro, e não simplesmente uma remissão infinita da consciência a si mesmo” (Sartre, 2009, p.367)⁴³.

O *ser-para-si* necessita do reconhecimento do *ser-para-outro* para existir. Dessa forma, o *ser-para-si* por conta própria não tem acesso à sua essência, visto que, o homem é um eterno “tornar-se”, um “vir-a-ser” que nunca se completa, pois sua essência está em constante construção. Somente através dos olhos dos Outros é que o sujeito consegue acessar sua própria essência, ainda que temporária. Por essa razão o homem por si só não pode conhecer-se em sua totalidade. É por meio dos olhos dos Outros que ele pode

⁴³ “En tant donc que j e prends conscience (de) moi-même comme d'une de mes libres possibilités et que je me projette vers moi-même pour réaliser cette ipséité, me voilà responsable de l'existence d'autrui : c'est moi qui fais, par l'affirmation même de ma libre spontanéité, qu'il y ait un autrui et non pas simplement un renvoi infini de la conscience à elle-même” (Sartre, 1943, p.327).

conseguir visualizar parte do mundo. Por essa razão, o olhar do Outro, enquanto sujeito, é fundamental para o desenvolvimento da consciência.

Por meio da existência do Outro, durante o processo existencial do *ser-para-si*, Sartre inicia sua argumentação em SN no início do capítulo sobre o Outro, com o exemplo sobre a vergonha que é uma consciência não posicional (de) si. “Sua estrutura é intencional; é apreensão vergonhosa *de* algo, e esse algo sou *eu*. Tenho vergonha do que *sou*. A vergonha, portanto, realiza uma relação íntima de mim comigo mesmo; pela vergonha, descobri um aspecto de *meu ser*” (Sartre, 2009, p.289)⁴⁴. Logo, em sua estrutura primeira a vergonha seria uma vergonha *diante de alguém*, ou seja, o Outro seria o mediador indispensável entre o sujeito e ele mesmo; o sujeito sente vergonha de si tal como aparece ao Outro. Desta forma, por meio da aparição do Outro, o homem estará em condições de formular sobre ele um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que o sujeito aparece ao Outro. Assim a vergonha seria então, um reconhecimento, ou seja, o *ser-para-si* reconhece que existe de acordo com a maneira que o *outro* o vê, assim, a vergonha é vergonha de si diante do Outro. Com isso, percebe-se, que o *ser-para-si* necessita do *ser-para-outro* para captar plenamente todas as estruturas de seu ser; o *para-si* remete ao *para-outro*.

Dessa forma a vergonha é uma característica da relação entre o *para-si* e o *para-outro*. A vergonha só existe porque existe o Outro para testemunhar os atos. Caso o homem estivesse sozinho no mundo não teria vergonha de nada, pois não teria ninguém que o julgasse para se sentir envergonhado. Poderia fazer o que bem entendesse. Percebe-se isso no exemplo de Sartre em SN, em que um homem está no quarto de um hotel. No quarto ao lado do seu, uma mulher. Ele deixa o seu quarto, observando que o corredor, que dá acesso aos demais quartos, está vazio. Ele sente-se só, livre para fazer o que quiser. Resolve, portanto, olhar pelo buraco da fechadura do quarto de sua vizinha. E ao olhar descobre a vizinha *trocando* de roupa. De repente, percebe que alguém que caminha pelo corredor o está vendo, e, dessa forma, julga o seu ato. Assim, o observador do quarto da vizinha, que tinha toda a liberdade do mundo para fazê-lo, sente a sua liberdade diminuída. Descobre-se envergonhado pelo olhar do Outro. O olhar do Outro faz com que o *ser-para-si* se veja como o *ser-para-outro* o vê, por isso ruborizo-o. Como diz Sartre: “O olhar do outro me tira do meu mundo, me leva para o

⁴⁴ “sa structure est intentionnelle, elle est appréhension honteuse de quelque chose et ce quelque chose est moi. J'ai honte de ce que je suis. La honte réalise donc une relation intime de moi avec moi : j 'ai découvert par la honte un aspect de mon être” (Sartre, 1943, p.259).

mundo dele que é o meu mundo e mais além” (Sartre, 2009, p.374)⁴⁵. Isto é, ao ser visto, o *ser-para-outro* julga o *ser-para-si* pelos seus atos, porém o *para-si* não tem acesso ao julgamento do *ser-para-outro*, mesmo que seja o *para-si* e os seus atos que estejam em causa. Assim, ao julgar o sujeito o "olhar do outro me faz com que seja uma transcendência-transcendida", visto que o sujeito acaba se tornando um objeto no juízo de uma liberdade.

“Um juízo é o ato transcendental de um ser livre. Assim. O ser-visto constitui-me como um ser sem defesa para uma liberdade que não é a minha liberdade. Nesse sentido, podemos considerar-nos “escravos”, na medida em que aparecemos ao outro. Esta escravidão não é o resultado – histórico e susceptível de ser superado – de uma vida, na forma abstrata da consciência. Sou escravo na medida em que sou dependente em meu ser do âmagio de uma liberdade que não é a minha e que é a condição mesmo de meu ser” (Sartre, 2009, p. 344)⁴⁶.

As consciências apresentadas acima são representadas por dois termos; o sujeito e o objeto. Porém, ao tentar representar a vergonha, seria necessário estabelecer três termos envolvidos: “*eu*, o sujeito de apreensão envergonhada, aquele que está envergonhado; *mim*, o objeto da apreensão envergonhada, aquele do qual estou envergonhado; e *o outro*, o sujeito diante do qual eu sou esse objeto-mim envergonhado” (Morris, 2009, p.155). Então, a vergonha é uma apreensão unitária com três dimensões: “eu estou envergonhado de mim diante do Outro” (Sartre, 1943, p.289)⁴⁷. Diante desse exemplo da vergonha, Sartre teve a pretensão de demonstrar que para o *ser-para-si* existir é necessário que o *ser-para-outro* exista para reconhecê-lo.

“Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim” (Sartre, 1978. p.16)⁴⁸.

Então, se o homem só existe mediante o reconhecimento do Outro, como é possível saber se os Outros existem? Isto é, outros seres conscientes existem? A experiência de ser olhado por Outro, no exemplo sobre a vergonha, revela a existência do Outro-como-

⁴⁵ “Et cette appréhension se fait d'un coup : c'est à partir du monde tout entier que je viens à autrui-objet” (Sartre, 1943, p.333).

⁴⁶ “Un jugement est l'acte transcendantal d'un être libre. Ainsi, être vu me constitue comme un être sans défense pour une liberté qui n'est pas ma liberté. C'est en ce sens que nous pouvons nous considérer comme des « esclaves », en tant que nous apparaissions à autrui. Mais, cet esclavage n'est pas le résultat - historique et susceptible d'être surmonté - d'une vie à la forme abstraite de la conscience. Je suis esclave dans la mesure où je suis dépendant dans mon être au sein d'une liberté qui n'est pas la mienne et qui est la condition même de mon être. (Sartre, 1943, p.306).

⁴⁷ “j'ai honte de moi tel que j'apparaît à autrui” (Sartre, 1943, p.260).

⁴⁸ “Pour obtenir une vérité quelconque sur moi, il faut que je passe par l'autre. L'autre est indispensable à mon existence, aussi bien d'ailleurs qu'à la connaissance que j'ai de moi. Dans ces conditions la découverte de mon intimité me découvre en même temps l'autre, comme une liberté posée en face de moi, qui ne pense, et qui ne veut que pour ou contre moi” (Sartre, 1998. p.27).

sujeito como certa: “a existência do Outro foi experienciada com evidência, ou seja, com certeza e através do fato da minha objetividade” (Sartre, 2009, p.384)⁴⁹. Sartre parte do pressuposto de que o único ponto de partida seguro é a interioridade do *cogito* cartesiano. Por essa razão a sua reflexão fenomenológica concentra-se no interior da consciência. Assim, a multiplicidade das consciências é um pressuposto intransponível. A existência do Outro participa, portanto, da certeza apodítica do *cogito*. A certeza revelada aqui é exatamente a mesma certeza que se tem da própria existência, como revelada no *cogito* cartesiano. Por essa razão, Sartre aponta essa certeza da existência do Outro como um “segundo *cogito*”.

“[...] o *cogito* cartesiano. Somente este, de outra parte, coloca-nos no terreno desta necessidade de fato que é a da existência do outro. Assim, aquilo que à falta de melhor termo, chamaremos de *cogito* da existência do outro se confunde com meu próprio *cogito*. É preciso que o *cogito*, examinado mais uma vez, me arremesse para fora dele rumo ao outro, tal como me arremessou para fora dele rumo ao Em-si; e isso, não me revelando uma estrutura *a priori* de mim mesmo que me remetesse a um outro igualmente *a priori*, e sim descobrindo a presença concreta e indubitável de *tal* ou *qual* outro concreto, da mesma forma como já havia revelado minha existência incomparável, contingente mas necessária, e concreta. Assim, é ao Para-si que precisamos pedir que nos entregue o Para-outro; é à imanência absoluta que precisamos pedir que nos arremesse à transcendência absoluta: no mais profundo de mim devo encontrar, não *razões para crer* no Outro, mas o próprio Outro enquanto aquele que eu não sou” (Sartre, 2009, p.325)⁵⁰.

A existência do *ser-para-si* e a existência do *ser-para-outro* consiste em uma necessidade lógica e metafísica; essas necessidades são para Sartre as “necessidades factuais”, ou seja, a partir do momento em que eu penso, é necessário que eu exista; a partir do fato de que eu sinto vergonha, é necessário que os Outros existam. O segundo *cogito* é tanto uma prova da existência dos Outros-como-sujeitos quanto o primeiro *cogito*, o *cogito* de Descartes é uma prova da existência dele. Este segundo *cogito* parte da proposta fundamental cartesiana: *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), que para Sartre é visto pelo existencialismo como um *cogito* que significa que não se atinge o

⁴⁹ “Nous avons appris que l'existence d'autrui était éprouvée avec évidence dans et par le fait de mon objectivité” (Sartre, 1943, p.341).

⁵⁰ “[...]le cogito cartésien. Lui seul nous établit, d'ailleurs, sur le terrain de cette nécessité de fait qui est celui de l'existence d'autrui. Ainsi ce que nous appelions, faute de mieux, le cogito de l'existence d'autrui se confond avec mon propre cogito. Il faut que le cogito, examiné une fois de plus, me jette hors de lui sur autrui, comme il m'a jeté hors de lui sur l'En-soi; et cela, non pas en me révélant une structure a priori de moi-même qui pointerait vers un autrui également a priori, mais en me découvrant la présence concrète et indubitable de tel ou tel autrui concret, comme il m'a déjà révélé mon existence incomparable, contingente, nécessaire pourtant, et concrète. Ainsi c'est au pour-soi qu'il faut demander de nous livrer le pour-autrui, à l'immanence absolue qu'il faut demander de l. Les théories de l'induction et de l'expérimentation nous rejettent dans la transcendance absolue: au plus profond de moi-même je dois trouver non des raisons de croire à autrui, mais autrui lui-même comme n'étant pas moi” (Sartre, 1943, p.290).

sujeito, atinge-se o sujeito através do Outro. O Outro é a condição para a existência do sujeito, o homem não é nada sem o reconhecimento do Outro. Para o homem conhecer-se é necessário, primeiramente, que o Outro o reconheça. Surge aí a questão: como eu sei que os outros existem? Apoiando-se no *cogito* cartesiano, a pergunta é respondida por Sartre da seguinte maneira: a afirmação “Os outros” existem é tão certa quanto “eu existo”. Para o existencialista, o Outro se constitui enquanto Outro a partir de uma negação externa, dessa forma, o único modo como ele pode ser revelado é aparecendo como objeto da consciência do sujeito. Percebe-se então que o problema do solipsismo brota do *cogito*, pois todo objeto que se manifesta no campo da consciência é conhecido como existente “em mim”.

É a partir daí que Sartre apresenta a questão da existência do Outro através da crítica ao solipsismo, visto que, no decorrer de SN, ele usa o solipsismo apenas como um argumento e uma crítica para tentar solucionar a questão da existência do Outro, pois o solipsismo é considerado como um paradigma filosófico que para Sartre é um problema insolúvel. O conceito de solipsismo constitui-se como: um problema filosófico e um beco sem saída de uma filosofia ou mesmo de uma tradição filosófica. Assim, para tentar esclarecer o problema da existência do Outro, Sartre retoma ao tema solipsismo⁵¹, da seguinte maneira:

“Com efeito, não posso habitar a consciência do outro da mesma maneira que habito a minha. Nesse sentido, se a certeza relativa à própria consciência for o único ponto de partida, o sujeito corre o risco de permanecer encerrado nessa representação originária, absolutamente certo de si mesmo, mas também prisioneiro dessa certeza” (Silva, 2012, p.23).

O conceito de solipsismo é definido por dois tipos; o primeiro se refere à solidão ontológica, que significa dizer que é incerteza reflexiva ou cognitiva da existência do Outro. Fundamenta-se no princípio de que não é possível posicionar uma comunicação real e extra empírica entre as consciências. Na interpretação sartreana, a posição do solipsismo postula que “fora de mim, *nada* existe” (Sartre, 2009, p.298)⁵²; tese que Sartre pretende anular. “Para superá-lo, ele busca fundar a existência de outra consciência fora de minha influência e independente de minha vontade” (Sass, 2011, p.110). O segundo tipo de solipsismo distinguido por Sartre é o solipsismo hipotético

⁵¹ Solipsismo, (teoria afirmando que “só existe o eu”). Tese de que só eu existo e de que todos os outros entes (homens e coisas) são apenas ideias minhas. (Abbagnano, 2007, p.918)

⁵² “qu’em dehors de moi rien n’existe” (Sartre, 1943, p.284).

que consiste em “praticar uma espécie de ἐποχή (*epoqué*, suspensão do juízo) acerca da existência de sistemas de representações organizados por um sujeito fora de minha experiência” (Sartre, 2009, p.298)⁵³. É uma tentativa mais modesta que a anterior e é usada como hipótese de trabalho, consistindo em que o Outro verdadeiramente não existe, mas apenas “fazendo-de-conta”, pois assim se consegue não abandonar o terreno sólido da experiência.

Por meio da proposta do solipsismo, Sartre parte da seguinte tese: “parece que a filosofia dos séculos XIX e XX compreendeu que não se podia evitar o solipsismo se começamos por encarar o eu e o outro como duas substâncias separadas” (Sartre, 2009, p.302)⁵⁴. Por meio dessa tese Sartre propõe construir sua própria abordagem além de apresentar sua crítica ao solipsismo. Com isso, Sartre considera três alternativas filosóficas para tentar elaborar seus argumentos, que são as de Husserl, de Hegel e Heidegger. Vale ressaltar que nessa dissertação não será possível entrar em detalhes especificamente sobre as teorias dos respectivos pensadores, o que será tratado aqui é apenas uma pequena abordagem, uma retomada de cada pensamento e um diálogo entre os filósofos, para que seja possível compreender a crítica ao solipsismo apresentado por Sartre em SN.

Para Sartre é necessário captar, na própria consciência, um nexos fundamental e transcendente com o Outro, que, ao mesmo tempo, seja uma negação interna no interior da mente do homem. A princípio, o problema que surge com a posição husserliana, para Sartre, é o fato de que a fenomenologia das *Meditações cartesianas* ainda considera a existência de outra consciência do ponto de vista do conhecimento e não de sua existência concreta. Isto ocorria porque o termo sujeito encontra-se carregado de significado transcendental. Embora a fenomenologia husserliana considere a existência de outrem como uma modificação de meu eu, ela ainda permanece presa a uma perspectiva solipsista, pois mantém, segundo Sartre, a posição de que não há uma ligação de *fato* entre duas consciências. Por essa razão Sartre não encontrou na filosofia de Husserl uma solução satisfatória para o problema solipsismo. “Diante dessa posição, ele avalia que a crítica husserliana ao solipsismo deve ser recusada” (Sass, 2011, p.112).

⁵³ “pratiquer une sorte d’ἐποχή touchant l’existence de systèmes de représentations organisées par un sujet et situées en dehors de mon expérience”. (Sartre, 1943, p. 268).

⁵⁴ “Il semble que la philosophie du XIXe et du XXe siècle ait compris qu’on ne pouvait échapper au solipsisme si l’on envisageait d’abord moi-même et autrui sous l’aspect de deux substances séparées” (Sartre, 1943, p.271).

Já que a posição de Husserl não resolve a questão, a posição hegeliana apontada por Sartre avança um pouco mais na crítica efetiva ao solipsismo, pois a sua intuição é “a de fazer-me dependente do outro em meu ser” (Sartre, 2009, p.308)⁵⁵. Para Sartre, a posição de Hegel se encontra na dialética do Senhor-Escravo, em que se produz uma negação recíproca e interna. Percebe-se então que eu não poderia colocar o Outro em dúvida sem duvidar de mim mesmo. A crítica hegeliana parte de um otimismo ontológico e de um otimismo epistemológico e leva à seguinte conclusão: que se realmente for possível refutar o solipsismo, a relação do sujeito com o Outro é, antes de tudo e fundamentalmente, uma relação de ser a ser, e não de conhecimento a conhecimento. Sem entrar em detalhes, portanto, para Sartre o solipsismo somente poderá ser superado quando for possível identificar como é possível estabelecer entre as consciências uma verdadeira relação de ser. Por isso, para Sartre, Hegel não conseguiu atingir a crítica radical, e nem mesmo solucionar o problema da comprovação da existência concreta do Outro, pois Hegel “teria explicitado somente o modo como podemos conhecer a totalidade formada pela contraposição das consciências entre si” (Sass, 2011, p.119).

Por essa razão, para Sartre, o erro de Husserl e de Hegel consiste em afirmar “que minha conexão fundamental com o Outro é realizada pelo conhecimento” (Sartre, 2009, p.303)⁵⁶. Por isso, o Outro continua sendo captado como um objeto conhecido na consciência imanente. Ontologicamente, mesmo não sendo uma substância externa, a existência do Outro enquanto alteridade ontológica não pode ser considerada mais que provável. O obstáculo solipsista, portanto, ainda não foi vencido, pois numa relação cognitiva, o Outro continua se apresentando como um objeto, isto é, como um fenômeno da consciência.

O ponto de vista da filosofia de Heidegger remete ao “ser-com” como constituinte ontológico existencial da alteridade. Heidegger proporciona uma ajuda qualitativamente essencial à busca sartreana. A análise existencial de Heidegger contribui para a refutação do solipsismo e para a compreensão ontológica do Outro. Mas, no momento em que Sartre acreditou que Heidegger teria superado a dicotomia entre o *ser-aí* e o Outro identificou-se o risco de erro, quando, ao invés de tratar da dualidade entre

⁵⁵ “Pour me faire reconnaître par l'autre, je dois risquer ma propre vie” (Sartre, 1943, p. 276).

⁵⁶ “[...] mais à une liaison fondamentale où autrui se manifeste autrement que par la connaissance que j'en prends [...]” (Sartre, 1943, p. 292).

consciências, Heidegger ocupou-se do ser-no-mundo do *ser-aí* essencialmente na sua relação com o Ser. Com isso Sartre formulou vários posicionamentos críticos contra Heidegger. Tais como, a princípio, Sartre avalia que revelar o Outro por meio de uma estrutura ontológica (como o ser-com) coincidiria com uma experiência típica à do sujeito kantiano, pois a realidade-humana sendo com outrem teria na estrutura ontológico-existencial do ser-com um atributo natural ou, ainda, essencial. O segundo posicionamento sartreano rejeita que o ser-com possa constituir a base fenomenal para ser-no-mundo na coexistência com os demais que se mostram na ocorrência singular do sujeito, porque o conflito desaparece. Em terceiro, Sartre aponta o esclarecimento do modo como este ser-com-o-outro dar-se-ia de um ponto de vista fenomenológico. E finalmente, Sartre assegura que a solução de Heidegger “não nos serviria de maneira alguma para resolver o problema psicológico e concreto do reconhecimento do outro” (Sartre, 1994, p.323)⁵⁷.

Após a crítica sartreana às três tentativas de superação do solipsismo e da impossibilidade da existência concreta de outra consciência, ou seja, de Outros sujeitos livres, a solução apresentada por Sartre referente ao problema do solipsismo, se deve a uma consequente fundamentação de uma teoria da existência de Outro, em que Sartre destaca que

“a negação interna e o vínculo de ser possibilitam a constatação da presença em pessoa de outrem enquanto sujeito. Experiência esta que não é apenas uma ideia, mas que pode ser vivenciada pela realidade humana toda vez que duas consciências se enfrentam pelo olhar.” (Sass, 2011, p.138 - 139).

Dessa forma, Sartre considera que as condições para construir uma teoria não solipsista, estão, finalmente dadas no momento em que ele acredita ter encontrado as condições básicas para fundar uma teoria não solipsista da existência de outrem cujas características fundamentais seriam: “1ª- que a multiplicidade de consciências apareça como uma síntese e não simplesmente como coleção; 2ª- síntese essa que não tenha uma totalidade concebível” (Sartre, 2009, p.383)⁵⁸.

⁵⁷ “ne saurait nous servir aucunement à résoudre le problème psychologique et concret de la reconnaissance d'autrui” (Sartre, 1943, p.287).

⁵⁸ “la multiplicité des consciences nous apparaît comme une sythèse et non comme une collection; mais c’est une synthèse don’t la totalité est inconceivable” (Sartre, 1943, p.338).

Portanto, após a argumentação, do problema do solipsismo, Sartre discute o tema do Olhar, ou seja, o Olhar do Outro sobre o *ser-para-si*, para tentar esclarecer um pouco mais sobre a questão da existência de Outros sujeitos.

2.3 - O OLHAR

Partindo da crítica sartreana ao solipsismo, com a pretensão de apresentar a possibilidade da existência de Outro, ou seja, de outra consciência, será trabalhada nesse item a questão do olhar do Outro sobre o *ser-para-si*, na medida em que o *ser-para-si* se encontra como “olhado” e como “olhando”. No plano da existência, a experiência decisiva do encontro com o Outro é o olhar. Dessa forma, o ato de ver e ser visto é o momento em que duas consciências efetuam o reconhecimento recíproco.

“O que encaro constantemente *através* de minhas experiências são os sentimentos do Outro, as ideias do Outro, as volições do Outro, o caráter do Outro. É porque, com efeito, o outro não é somente aquele que vejo, mas aquele *que me vê*” (Sartre, 2009, p.297)⁵⁹.

A questão do olhar é para Sartre de suma importância para a constituição do ser humano, pois é através do olhar que se inicia uma relação com o Outro. Para Sartre, esse é o modo de captação mais estável, direto, profundo e individualizado que o homem possui, em que se pode compreender e apreender o Outro em sua complexa individualidade e em toda a sua diferença. É através desse olhar que o ser está ligado ao mundo, é por meio dele que se pode olhar para além do homem. Dessa forma, é possível perceber que o Outro existe. Visto que, o olhar mascara os olhos, pois o olhar não está ligado a uma forma determinada, não é apenas convergência dos glóbulos oculares, é uma manifestação de tudo o que se pode lembrar e o que se sente. Por isso é que por meio do olhar atribui-se ao homem julgamentos e valores que são, ao mesmo tempo, verdadeiros e falsos, e é por isso que o Outro constitui o homem. Assim, o Olhar se identifica com a percepção consciente e oferece uma evidência não só da própria existência, mas também da existência do mundo. A relação entre o homem e o Outro se dá de forma imediata através do olhar.

⁵⁹ “Ce que je vise constamment à travers mes expériences, ce sont les sentiments d'autrui, les idées d'autrui, les volitions d'autrui, le caractère d'autrui. C'est que, en effet, autrui n'est pas seulement celui que je vois, mais celui qui me voit” (Sartre 1943, p.266).

Quando o sujeito fixa seu olhar sobre o Outro, ele o concebe como tal, por probabilidade, ou seja, pela realidade cotidiana, em um determinado contexto, e o outro também se refere ao sujeito por meio de seu olhar, é o momento em que se olha e é olhado que se tem um reconhecimento recíproco. Por meio disso o sujeito vai além de sua objetividade. Quando se é olhado, é a objetividade do sujeito que prevalece. Ao ser algo para o Outro, ou seja, para aquele que olha, o sujeito perde a sua liberdade porque o Outro o envolve com o seu olhar e revela o ser-objeto.

“Quando o olhar do Outro me fixa, ocorre uma espécie de “hemorragia” na minha consciência: o meu Ser se esvai, é absorvido para fora, e posso sentir esse escapamento. O mundo que organizo à minha volta e do qual sou sujeito absoluto sofre uma desintegração para reintegrar-se lá adiante, ao redor do Outro. O Outro “rouba-me” o mundo, por assim dizer. E nesse mundo, do qual já não sou o centro, o Outro me capta como objeto entre objetos” (Perdigão, 1995, p. 141-142).

Em SN Sartre cita o exemplo de um jardim público, onde se tem um gramado, e ao longo desse gramado assentos. Nesse jardim, um homem passa perto dos assentos, este homem é concebido como um sujeito que também vê as coisas ao seu redor. Este homem vê o sujeito, de tal forma que é percebida a presença de Outro e afetada profundamente pelo olhar do outro, fazendo com que o sujeito perca sua transcendência, pois ao mesmo tempo em que o sujeito olha, ele é olhado pelo outro homem.

“Assim, a aparição, entre os objetos de *meu* universo, de um elemento de desintegração deste universo, é o que denomino a aparição de *um homem* no meu universo. O Outro é, antes de tudo, a fuga permanente das coisas rumo a um termo que capto ao mesmo tempo como objeto a certa distância de mim e que me escapa na medida em que estende à sua volta suas próprias distâncias” (Sartre, 2009, p.329)⁶⁰.

Após a citação desse exemplo, segundo Sartre, a probabilidade se apresenta ao Outro como a desintegração do universo do sujeito, pois não é certo que o Outro faça o que será possível fazer. Da mesma forma, este Outro descentraliza o mundo porque não é possível afirmar que o mundo que o sujeito vê ao seu redor é visto da mesma maneira pelo Outro. Além disso, quando se é visto por outrem, isto o faz tornar-se sujeito e o Outro se torna objeto, sendo necessária esta conversão. Assim, o homem, em seu contexto, é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito.

⁶⁰ “Ainsi l'apparition, parmi les objets de mon univers, d'un élément de désintégration de cet univers, c'est ce que j'appelle l'apparition d'un homme dans mon univers. Autrui, c'est d'abord la fuite permanente des choses vers un terme que je saisis à la fois comme objet à une certaine distance de moi, et qui m'échappe en tant qu'il délie autor de lui ses propres distances” (Sartre, 1943, 294).

Por meio do olhar do Outro, o sujeito se torna objeto, e conseqüentemente ocasiona uma alienação, pois, o ego do sujeito é constituído por ele mesmo e, dessa forma as possibilidades passam a ser limitadas também por ele. O Outro ultrapassa a possibilidade do sujeito de se esconder num canto do corredor. Logo a possibilidade passa a ser probabilidade porque ela está fora do sujeito. Diante do olhar do Outro, o sujeito não é mais o dono da situação, ou, se o é, essa situação tem uma dimensão que escapa.

Também pelo olhar do Outro o sujeito é captado por meio de uma espacialidade e também da temporalidade por causa da simultaneidade: dois existentes que não têm nenhuma outra relação se unem, temporariamente, pelo olhar. Por este olhar em direção ao sujeito, é possível provar uma “presença transmundana” sem distância entre nós, não é um olhar no mundo, mas além do mundo porque ele o transcende.

“[...] não é enquanto está ‘no meio’ de meu mundo que o outro me olha, mas é enquanto ele vem em direção ao mundo e a mim com toda sua transcendência, é enquanto ele não está separado de mim por distância alguma, por objeto algum do mundo, nem real, nem ideal, por nenhum corpo do mundo, mas pela sua única natureza de outrem” (Sartre, 2009, p. 343)⁶¹.

O ser espaço-temporal do sujeito fica exposto aos julgamentos do outrem e, dessa forma, o sujeito pode se tornar escravo, na medida em que o sujeito aparece ao Outro, pois, a liberdade, que é a condição do sujeito e da qual é dependente, não é mais propriamente sua. Nada me separa de outrem porque ele está em tudo o que vejo e faço, porém, sua liberdade e sua consciência não são, jamais, dadas totalmente, pois, se fossem dadas passariam a ser objeto e o sujeito deveria cessar de sê-lo. Mas esta consciência só pode se produzir na e pela existência do Outro.

“Mas, além disso, toda prova concreta de liberdade que posso operar por mim mesmo é prova de *minha* liberdade; toda apreensão concreta de consciência é consciência (de) *minha* consciência; a própria noção de consciência remete somente a minhas consciências possíveis; com efeito, estabelecemos em nossa Introdução que a *existência* da liberdade e da consciência precede e condiciona sua *essência*; conseqüentemente, essas essências só podem subsumir exemplificações concretas de minha consciência ou minha liberdade” (Sartre, 2009, p 349)⁶².

⁶¹ “[...]: ce n'est pas en tant qu'il est « au milieu » de mon monde qu'autrui me regarde, mais c'est en tant qu'il vient vers le monde et vers moi de toute sa transcendence, c'est en tant qu'il n'est séparé de moi par aucune distance, par aucun objet du monde, ni réel, ni idéal, par aucun corps du monde, mais par sa seule nature d'autrui” (Sartre, 1943, p. 309).

⁶² “Mais en outre toute épreuve concrète de liberté que je puis opérer par moi-même est épreuve de ma liberté, toute appréhension concrète de conscience est conscience (de) ma conscience, la notion même de conscience ne fait que renvoyer à mes consciences possibles : en effet, nous avons établi, dans notre introduction, que l'existence de la

Então dado que, somente diante do olhar do Outro, o sujeito se constitui, neste momento é necessário levantar a questão: Por que há os outros? A existência dos Outros não é uma consequência que possa derivar da estrutura ontológica do *para-si*. É um acontecimento primeiro, ou seja, resultante da contingência do ser. Para esclarecer essa questão acerca dessa interrogação, o *ser-para-outro* é colocado como uma das modalidades do *para-si*, mais precisamente o que Sartre chama de terceira *ek-stase*⁶³, que é o desprendimento do sujeito que se constitui por si próprio, visto que o sujeito se torna seu próprio desprendimento, seu próprio nada.

De fato, o ser para o Outro é uma queda no meio do vazio absoluto em direção à objetividade, uma queda que é alienação e impede o sujeito de ser ele mesmo. Assim, há uma unidade entre o desprendimento do sujeito, a sua liberdade e a de outrem, logo, não se pode conceber um sem o outro.

“Pelo olhar, vivo a solidificação e a alienação de minhas possibilidades. Se, como vimos, sou minhas possibilidades, não posso deixar de sê-las; mas através do olhar do outro, elas são alienadas. Por isso, “o outro, como olhar, é apenas isso: minha transcendência transcendida”. O outro se resume em ser a morte escondida de minhas possibilidades, e uma morte da qual me envergonho porque a vivo” (Bornheim, 2005, p. 87-88).

Com isso, o problema da alienação surge por intermédio do problema da liberdade de outros sujeitos, ou seja, de outras consciências, que aparece a partir do momento em que o sujeito é determinado por Outro em seu ser. “O ato de negar outrem só é possível se reconheço que ele me faz ser um eu, fato que exige que eu assumo esse posto” (Sass, 2011, p.141). Quando se estabelecem relações com o Outro, deve-se admitir que se constituísse um sujeito de fora, como um “eu-alienado”. Do ponto de vista sartreano, “escapo ao Outro deixando meu Eu alienado em suas mãos. Mas, posto que me escolho como desprendimento do outro, assumo e reconheço como meu esse Eu alienado” (Sartre, 2009, p.365)⁶⁴. O Outro aliena e reprime o sujeito com o seu olhar, fazendo com

liberté et de l'a conscience précède et conditionne leur essence ; en conséquence, ces essences ne peuvent subsumer que des exemplifications concrètes de ma conscience ou de ma liberté” (Sartre, 1943, p.311).

⁶³ “Na questão metafísica, constatamos três ek-stases. O primeiro é a negação que o por-si tem por ser ele próprio, há um desprendimento de tudo o que ele é, e este desprendimento constitui seu ser. O segundo é o desprendimento deste desprendimento, é preciso transcender a transcendência para tomar a minha própria; há uma cissiparidade reflexiva que visa um ponto de vista na negação “que é”, e a reflexão quer recuperar este desprendimento. Sou condenado a ser minha própria anulação, então, não posso tomar minha transcendência transcendida. O terceiro ek-stase é mais radical, é o ser para o outrem, seu pólo ideal deveria ser a negação externa, a cissiparidade em-si ou exterioridade espacial de indiferença. Existe uma cissiparidade mais forçada. Porém, nenhum dos três ek-stases saberia atingir essa negação de exterioridade, é somente um ideal. Assim, a negação que constitui o ser-para-outrem é interno, ela é uma anulação reflexiva e atingida pela cissiparidade” (Sartre, 2009, p.379 – 380).

⁶⁴ “Je m'échappe d'autrui en lui laissant mon Moi aliéné entre les mains. Mais comme je me choisis comme arrachement à autrui, j'assume et je reconnais pour mien ce Moi aliéné” (Sartre, 1943, p.324).

que suas possibilidades sejam limitadas, pois o sujeito deixará de escolher tal possibilidade na medida em que o Outro o reprime.

Por meio dessa questão do ser que olha e que é olhado, percebe-se então que a partir do momento em que um vê o outro, reciprocamente, e que existem duas consciências distintas haverá uma luta entre elas para tentar atingir a sua própria liberdade. Com isso, pode-se concluir que a posição sartreana se refere ao fato de pensar a relação entre as consciências como luta, como conflito. “Se há uma ligação direta entre as consciências, esta se dá como disputa, como tentativa de anulação de seu contrario” (Sass, 2011, p.142).

Portanto, é por meio do olhar que o mundo é revelado, ao sujeito e aos Outros. Com isso, se todos os homens estão inseridos em um mundo e têm um corpo, consequentemente mantêm-se relações uns com os Outros. Dessa forma, é possível identificar que por meio do olhar essas relações é um princípio de conflito, pois o Outro olha para o sujeito e o sujeito o olha ambos com a intenção de apropriação da liberdade alheia, dessa forma um se faz objeto para o outro. Mas o encontro com o Outro tem outras dimensões, pois o contato não se limita apenas ao olhar e remete também ao toque e ao contato físico. A seguir serão apresentados os argumentos sartreanos sobre as relações concretas com os Outros, o momento em que as liberdades se anulam e posteriormente os conflitos com os Outros.

2.4 - AS RELAÇÕES CONCRETAS COM O OUTRO

No item anterior, ao expor a perspectiva sartreana sobre o olhar, e a relação fundamental do sujeito com o Outro, foi possível perceber que o ser é composto de três dimensões, tal como, existe ao modo do *em-si*, do *para-si* e do *para-outro*. Estes três modos de existência constituem e revelam o corpo dos seres. O *para-si* é fundamento de toda a relação, o *para-si* relacionando-se com o *em-si*, se concebe em nadificação, e o *para-si* com o Outro, configura-se em conflito. No entanto, o homem é algo mais que um simples corpo, é um corpo que existe e que se relaciona com Outros corpos. São essas relações entre os corpos, o homem e os Outros que serão desenvolvidas no decorrer desse item.

Segundo Sartre, o corpo⁶⁵ que é revelado pelo olhar do Outro está além do que o corpo é propriamente, pois ele fala da situação do ser e conseqüentemente indica os limites em relação aos Outros. Além disso, o corpo é consciente, possui o lado de dentro e o lado de fora, que juntos formam uma totalidade, à qual o Outro não tem acesso, visto que o Outro somente consegue ver o lado de fora.

No entanto, o que será analisado neste item são as relações concretas que são estabelecidas com o Outro. Vale ressaltar que, para Sartre, o homem é livre, só que quando se depara com o Outro, sua liberdade começa a ser ameaçada. Assim, ao ir ao encontro do Outro é importante garantir a sua própria liberdade e por isso é necessário que o sujeito se aposse da liberdade do Outro para garantir também sua própria liberdade. Por isso, na relação que estabelece com o *ser-para-outro* o que o *ser-para-si* quer na verdade é apropriar de sua liberdade para, desta forma, deixar de viver em constante insegurança, pois se o sujeito é dono da liberdade do Outro, ele deixa de se sentir ameaçado. Isso é o que se vê no celebre exemplo do Senhor e do escravo, citado anteriormente.

“Tudo o que vale para mim vale para o outro. Enquanto tento livrar-me do domínio do outro, o outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o outro, o outro procura me subjugar. Não se trata aqui, de modo algum, de relações unilaterais com um objeto-Em-si, mas sim de relações recíprocas e moventes. [...]. O conflito é o sentido originário do ser-Para-outro” (Sartre, 2009, p. 454)⁶⁶.

Dessa forma é a partir da reciprocidade e do conflito que serão apresentados as relações concretas com o Outro. Porém, ao fazer essa apresentação Sartre, em SN, propôs uma divisão dos aspectos apontados para explicar melhor as relações concretas com o Outro. A primeira atitude para com o Outro, significa, uma tentativa de assimilação da liberdade do Outro, que será especificada nas relações de amor, de linguagem e de masoquismo. Nesta categoria será demonstrada a maneira como o sujeito tenta se unir ao Outro para apoderar-se de sua liberdade. A segunda atitude para

⁶⁵ “[...] se, depois de ter captado “*minha*” consciência em sua interioridade absoluta, tento, por uma série de atos reflexivos, uni-la a certo objeto vivente, constituído por um sistema nervoso, um cérebro, glândulas, órgãos digestivos, respiratórios e circulatórios, cuja matéria é susceptível de ser analisada quimicamente em átomos de hidrogênio, carbono, azoto, fósforo etc., irei deparar com dificuldades insuperáveis: mas essas dificuldades provêm do fato de que tento unir minha consciência, não ao *meu* corpo, mas ao corpo dos *outros*. Com efeito, o corpo cuja descrição acabo de esboçar não é *meu* corpo tal como é para *mim*. Não vi e jamais verei meu cérebro, ou minhas glândulas endócrinas. Simplesmente, pelo que eu, homem, pude ver em dissecações de cadáveres humanos e pude ler em tratados de fisiologia, concluo que meu corpo é constituído exatamente como aqueles que me mostraram em meses de dissecação ou observei representados a cores em livros [...]” (Sartre, 2009, p.385).

⁶⁶ “Tout ce qui vaut pour moi vaut pour autrui. Pendant que je tente de me libérer de l'emprise d'autrui, autrui tente de se libérer de la mienne ; pendant que je cherche à asservir autrui, autrui cherche à m'asservir. Il ne s'agit nullement ici de relations unilatérales avec un objet-en-soi, mais de rapports réciproques et mouvants.[...] Le conflit est le sens originel de l'être-pour-autrui” (Sartre, 1943, p.404).

com o Outro, significa, uma tentativa de objetivação da liberdade do Outro, que será especificada nas relações de indiferença, desejo, ódio e sadismo. Respectivamente, serão apresentados na tentativa de demonstrar a melhor maneira de existir diante do Outro sem perder e sem apossar-se de sua liberdade. Sartre, ao classificar em dois modos a relação do sujeito com o Outro, afirma que uma é a tentativa de assimilar a liberdade querendo que ela exista, enquanto que a outra é o confronto para tentar buscar e suprimir a liberdade do Outro. Essas duas tentativas são opostas entre si. Porém, em ambos os modos de relação com outro, o sujeito é possuído e possui o Outro.

“Sou possuído pelo outro; o olhar do outro modela meu corpo em sua nudez, causa seu nascer, o esculpe, o produz como é, o vê como jamais o verei. O outro detém um segredo: o segredo do que sou. Faz-me ser e, por isso mesmo, possui-me, e essa possessão nada mais é que a consciência de meu possuir” (Sartre, 2009, p. 454)⁶⁷.

A primeira atitude para com o Outro é a tentativa de assimilar a liberdade do Outro por meio do amor, da linguagem e do masoquismo. Visto que, em todos esses casos a relação com o Outro ocorre de maneira conflituosa, pois, mesmo por meio dessas maneiras de se relacionar com o Outro, o objetivo principal do sujeito ainda continua sendo existir em função de sua exclusiva liberdade.

As relações amorosas, para Sartre, são a maneira pela qual o sujeito se relaciona com o Outro concretamente. Essa relação traz ao homem um desejo de segurança, e parece desaparecer o conflito original que se vê em todas as outras relações. Porém, para Sartre isso é apenas ilusão, pois nas relações amorosas também há conflitos, visto que o que é desejado pelo sujeito que ama é apoderar-se da liberdade do Outro, para que o Outro exista completamente para o *ser-para-si*. O sujeito necessita tomar posse do Outro, e com isso, pode-se perceber que o amor é uma forma muito sutil de dominar o Outro, é enganosa, pois, tanto o amado como o amante buscam identificar-se, vivendo como se fossem duas pessoas que desfrutavam de uma mesma e única liberdade. No amor, um quer a liberdade do Outro, e um se faz liberdade para o Outro. Portanto, vê-se que no amor, o sujeito quer ser amado, ou seja, quer que o amante o tenha como sua razão de ser e de existir, tornando-se necessário, fundamento da sua liberdade. Por isso essa relação amorosa acaba sendo um fracasso, e Sartre identifica três aspectos que comprovam isso:

⁶⁷ “Je suis possédé par autrui ; le regard d'autrui façonne mon corps dans sa nudité, le fait naître, le sculpte, le produit comme il est, le voit comme je ne le verrai j amais. Autrui détient un secret : le secret de ce que je suis. Il me fait être et, par cela même, me possède, et cette possession n'est rien autre que la conscience de me posséder.” (Sartre, 1943, p. 404) .

“Acabamos de definir à tríplice destrutibilidade do amor: em primeiro lugar, é essencialmente um logro e uma remissão ao infinito, posto que amar é querer que me amem, logo, querer que o outro queira que eu o ame. E uma compreensão préontológica deste logro é dada no próprio impulso amoroso: daí a perpétua insatisfação do amante. [...]. Quanto mais sou amado, mais perco meu ser, mais sou devolvido às minhas próprias responsabilidades, ao meu próprio poder ser. Em segundo lugar, o despertar do outro é sempre possível; a qualquer momento ele pode fazer-me comparecer como objeto: daí a perpétua insegurança do amante. Em terceiro lugar, o amor é um absoluto perpetuamente feito relativo pelos outros. Seria necessário estar sozinho no mundo com o amado para que o amor conservasse seu caráter de eixo de referência absoluto. Daí a perpétua vergonha do amante, ou seu orgulho, o que, neste caso, dá no mesmo” (Sartre, 2009, p. 470)⁶⁸.

Diante da análise da relação amorosa, tem-se a ilusão de que há um porto seguro, em que a liberdade do *ser-para-outro* não pode ameaçar a do *ser-para-si*. Infelizmente não é isso que se vê, pois, o homem está condenado à liberdade, e conviver com Outros acarreta uma constante ameaça a sua própria liberdade.

Sartre também usa o exemplo da linguagem na tentativa de assimilar a liberdade do Outro. Ele considera que a linguagem é uma forma privilegiada de relação com o Outro, visto que, ao surgir diante do Outro, os corpos já estão se comunicando. Quando o Outro surge diante do sujeito, ambos procuram interpretar os códigos emitidos pelos corpos. É por meio da linguagem que se descobre o ser para o Outro. “A linguagem, portanto, não se distingue do reconhecimento da existência do outro. O surgimento do outro frente a mim como olhar faz surgir a linguagem como condição de meu ser” (Sartre, 2009, p.465)⁶⁹.

A linguagem é uma das principais formas de se relacionar com o Outro, porém, é possível se deparar com um problema, ou seja, as palavras e o que se quer comunicar. Por vezes elas escapam, conseqüentemente, não é possível saber ao certo o que o Outro entendeu, pois a comunicação transmitida requer interpretação do Outro e por meio de sua liberdade. Jamais será possível saber exatamente a maneira que o Outro interpretou algo que fiz ou disse. Para Sartre, “a palavra é *sagrada* quando sou eu que a utilizo, e

⁶⁸ “Nous venons de définir la triple destructibilité de l'amour : en premier lieu il est, par essence, une duperie et un renvoi à l'infini, puisque aimer est vouloir qu'on m'aime, donc vouloir que l'autre veuille que j' e l'aime. Et une compréhension préontologique de cette duperie est donnée dans l'élan amoureux lui-même : de là la perpétuelle insatisfaction de l'amant. Elle ne vient pas, comme on l'a trop souvent dit, de l'indignité de l'être aimé, mais d'une compréhension implicite de ce que l'intuition amoureuse est, comme intuition-fondement , un idéal hors d'atteinte. Plus on m'aime, plus je perds mon être, plus je suis remis à mes propres responsabilités, à mon propre pouvoir être. En second lieu, le réveil de l'autre est toujours possible, il peut d'un moment à l'autre me faire comparaître comme objet : de là la perpétuelle insécurité de l'amant. En troisième lieu l'amour est un absolu perpétuellement relativisé par les autres. Il faudrait être seul au monde avec l'aimé pour que l'amour conserve son caractère d'axe de référence absolu. De là la perpétuelle honte (ou fierté - ce qui revient au même ici) de l'amant.” (Sartre, 1943, p, 417).

⁶⁹ “Il ne se distingue donc pas de la reconnaissance de l'existence d'autrui. Le surgissement de l'autre en face de moi comme regard fait surgir le langage comme condition de mon être.” (Sartre, 1943, p. 413).

mágica quando o Outro a escuta” (Sartre, 2009, p.466)⁷⁰. Já que o homem é livre, ele interpreta com as ferramentas que tem acesso e, com isso, fica difícil saber o significado que as palavras têm para os Outros. Portanto, as palavras revelam a liberdade e a transcendência do Outro.

Na terceira relação apresentada por Sartre, para tentar assimilar a liberdade do Outro, propõe-se um caminho contrário, assim, na relação masoquista o que se deseja é perder a liberdade e existir através do Outro, ou seja, negar a subjetividade para existir como se o sujeito fosse um objeto para o Outro. Dessa forma, o sujeito abre mão de sua liberdade e de sua subjetividade e conseqüentemente passa para o Outro a responsabilidade de existir. Porém, essa terceira relação também é considerada por Sartre fracassada, pois, jamais será possível saber o que o eu-objeto significa para o Outro.

“Mas o masoquismo é e deve ser um fracasso em si mesmo: com efeito, para fazer-me fascinar por meu eu-objeto seria preciso que eu pudesse realizar a apreensão intuitiva deste objeto tal como é para o outro, o que é, por princípio, impossível. Assim, o eu alienado, longe de que eu possa sequer começar a fascinar-me por ele, permanece, por princípio, inapreensível.” (Sartre, 2009, p. 471)⁷¹.

Portanto, o acesso ao Outro, pelo amor, pela linguagem e pelo masoquismo é negado, pois não é possível assimilar a sua liberdade. Enquanto o *ser-para-outro* existir, o *ser-para-si* sempre irá correr perigo de perder sua liberdade. Com isso, como não foi possível assimilar a liberdade dos Outros através dessas três relações, Sartre, propõe uma segunda tentativa para buscar a objetivação da liberdade do Outro, ou seja, a possibilidade do sujeito de se apoderar da liberdade do Outro, em função das relações de indiferença, de desejo, de ódio e a do sadismo.

Quando Sartre se depara com a impossibilidade de apropriação da liberdade do Outro, surge, então, a relação de indiferença, que é uma conduta adotada pelo sujeito em relação aos Outros com o objetivo de ignorar Outrem. No momento em que o sujeito escolhe o seu caminho no decorrer de sua existência, por meio de sua liberdade, ele pode escolher-se como indiferente, que é um modo de relacionar-se com o Outro. Mas, nessa conduta não há relação, pois os Outros são vistos apenas como objetos, o olhar do

⁷⁰ “je ne connais pas plus mon langage que mon corps pour l'autre” (Sartre, 1943, p.414).

⁷¹ “Mais le masochisme est et doit être en lui-même un échec : pour me faire fasciner par mon moi-objet, en effet, il faudrait que je puisse réaliser l'appréhension intuitive de cet objet tel qu'il est pour l'autre, ce qui est par principe impossible. Ainsi le moi aliéné, loin que je puisse même commencer à me fasciner sur lui, demeure, par principe, insaisissable.” (Sartre, 1943, p.418).

sujeito o petrifica e o aliena. Assim, a indiferença age como se existisse apenas um sujeito no mundo.

“Pratico então uma espécie de solipsismo de fato; os outros são essas formas que passam na rua, esses objetos mágico capazes de agir à distância e sobre os quais posso agir por meio de determinadas condutas. Quase não lhes dou atenção; ajo como se estivesse sozinho no mundo; toco de leve “pessoas” como toco de leve paredes; evito-as como evito obstáculos; sua liberdade-objeto não passa para mim de seu “coeficiente de adversidade”; se quer imagino que possam me olhar. Sem dúvida, têm algum conhecimento de mim, mas este conhecimento não me atinge: são puras modificações de seu ser, que não passam deles para mim e estão contaminadas pelo que denominamos “subjetividade padecida” ou “subjetividade-objeto”, ou seja, traduzem o que eles são, não o que eu sou, e consistem no efeito de minha ação sobre eles. Essas “pessoas” são funções: o bilheteiro nada mais é que a função de coletar ingressos; o garçom nada mais é do que a função de servir os fregueses.” (Sartre, 2009, p. 474)⁷².

Portanto, mesmo adotando a conduta da indiferença, os Outros permanecem no mundo e olhando para o sujeito. Por isso não é possível apropriar-se da liberdade dos Outros por meio dessa atitude, pois eles continuam existindo e ameaçando a liberdade do sujeito. O que fica vidada é a relação de aproximação entre eles.

Posteriormente à conduta da indiferença Sartre tenta identificar no desejo uma possibilidade de tornar o Outro puramente objeto. O desejo aqui é o desejo sexual de apossar-se da subjetividade e da liberdade do Outro. O objeto de desejo do sujeito é a liberdade do Outro, só que essa liberdade está encarnada, logo, o que o sujeito deseja é o corpo do outro em sua totalidade. Para Sartre o objeto de desejo do sujeito é um “corpo vivo como totalidade orgânica em situação com a consciência em seu horizonte: esse é o objeto ao qual se *refere* o desejo” (Sartre, 2009, p.436)⁷³.

É possível identificar no corpo do Outro um objeto transcendente e ao tocá-lo, o que se quer tocar é o objeto, ou seja, sua liberdade. Esse desejo de tocar o objeto do Outro, é revelado pela carícia, que para Sartre é o momento em que o Outro faz nascer a carne do sujeito sob seus dedos. Ao tocar o homem é possível sentir tocar a liberdade encarnada no corpo do Outro, mas o que se quer com a carícia é tocar e possuir o objeto transcendental que reside nesta carne.

⁷² “Je pratique alors une sorte de solipsisme de fait ; les autres, ce sont ces formes qui passent dans la rue, ces objets magiques qui sont susceptibles d'agir à distance et sur lesquels je peux agir par des conduites déterminées. J'y prends à peine garde, j'agis comme si j'étais seul au monde ; je frôle « les gens » comme je frôle les murs, je les évite comme j'évite des obstacles, leur liberté-objet n'est pour moi que leur « coefficient d'adversité » ; je n'imagine même pas qu'ils puissent me regarder. Sans doute ont-ils quelque connaissance de moi ; mais cette connaissance n e me touche pas : il s'agit de pures modifications de leur être qui ne passent pas d'eux à moi et qui sont entachées de ce que nous nommons « subjectivité-subie » ou subjectivité- objet », c'est-à-dire qu'elles traduisent ce qu'ils sont, non ce que je suis et qu'elles sont l'effet de mon action sur eux. Ces « gens » sont des fonctions : le poinçonneur de tickets n'est rien que fonction de poinçonner ; le garçon de café n'est rien que fonction de servir les consommateurs.” (Sartre, 1943, p. 420-421).

⁷³ “Un corps vivant comme totalité organique en situation avec la conscience à l'horizon : tel est l'objet auquel s'adresse le désir”(Sartre, 1943, p.426).

“Assim, a revelação da carne do outro se faz por minha própria carne; no desejo e na carícia que o exprime, encarno-me para realizar a encarnação do outro; e a carícia, realizando a encarnação do Outro, revela-me minha própria encarnação; ou seja, faço-me carne para induzir o Outro a realizar Para-si e para mim sua própria carne, e minhas carícias fazem minha carne nascer para mim, na medida que é, para o outro, carne que o faz nascer como carne; faço-o saborear minha carne por meio de sua carne, de modo a obrigá-lo a sentir-se carne. De sorte que a posse aparece verdadeiramente como dupla encarnação recíproca” (Sartre, 2009, p. 486)⁷⁴.

Dessa forma, o homem só se submete às carícias do Outro, pois também pensa que assim poderá atingir a liberdade do Outro, mas isso não acontece, pois o Outro consegue fugir. Portanto, o desejo sexual como modo de buscar a liberdade do Outro também se destina ao fracasso, pois o prazer sexual faz desaparecer o desejo de possuir a consciência encarnada do Outro.

Como não foi possível ser indiferente ao Outro e a tentativa de dominar o Outro por meio do desejo também falhou, Sartre propõe analisar o sadismo, que é uma relação que se caracteriza por ser paixão, secura e obstinação. É diferente da relação do desejo em que há certa reciprocidade entre os sujeitos, pois ao se fazer carne para o Outro, o Outro também se faz carne para o sujeito. Já no sadismo não há reciprocidade, o sádico transforma o Outro em instrumento para sua própria satisfação, violentando o Outro, e usando de sua força para possuir seu objetivo. O sádico não tem nenhum respeito pelo Outro, ele quer a liberdade do Outro e obriga o outro a submeter-se às suas vontades, dessa forma, isso lhe dá prazer.

“Assim, o esforço do sádico consiste em enviscar o Outro em sua carne através da violência e da dor, apoderando-se do corpo do Outro pelo fato de tratá-lo como carne a ser nascida da carne; mas esta apropriação transcende o corpo de que se apropria, porque só quer possuí-lo na medida em que enviscou em si a liberdade do Outro. Eis por que o sádico irá exigir provas manifestas desta servidão da liberdade do Outro pela carne; seu propósito será fazer com que ele peça perdão, obrigará o Outro a se humilhar por meio da tortura e da ameaça, irá forçá-lo a renegar o que lhe é mais caro” (Sartre, 2009, p.500)⁷⁵.

A relação sádica é uma luta pelas liberdades, e consequentemente, apenas uma sairá vencedora. O prazer do sádico é sentir a carne do Outro por meio da tortura, dessa

⁷⁴ “Ainsi la révélation de la chair d'autrui se fait par ma propre chair ; dans le désir et dans la caresse qui l'exprime, je m'incarne pour réaliser l'incarnation d'autrui ; et la caresse, en réalisant l'incarnation de l'autre, me découvre ma propre incarnation ; c'est-à-dire que je me fais chair pour entraîner l'autre à réaliser pour soi et pour moi sa propre chair et mes caresses font naître pour moi ma chair en tant qu'elle est, pour autrui, chair le faisant naître à la chair ; je lui fais goûter ma chair par sa chair pour l'obliger à se sentir chair. Et de la sorte apparaît véritablement la possession comme double incarnation réciproque”(Sartre, 1943, p431).

⁷⁵ “Ainsi l'effort du sadique est pour engluier autrui dans sa chair par la violence et par la douleur, en s'appropriant le corps de l'autre par le fait qu'il le traite comme chair à faire naître de la chair ; mais cette appropriation dépasse le corps qu'elle s'approprie, car elle ne veut le posséder qu'en tant qu'il a englué en lui la liberté de l'autre. C'est pourquoi le sadique voudra des preuves manifestes de cet asservissement par la chair de la liberté de l'autre : il visera à faire demander pardon, il obligera par la torture et la menace l'autre à s'humilier, à renier ce qu'il a de plus cher. On a dit que c'était par goût de domination, par volonté de puissance”(Sartre, 1943, p.443).

forma, o sádico irá possuir apenas a carne do Outro. Com isso, ele irá perceber que é impossível se apoderar da liberdade do Outro desta maneira, está é mais uma relação fracassada, visto que o sádico jamais terá o que deseja. Ao ser humilhado, desperta no Outro o sentimento de ódio. A relação de ódio entre os homens ocorre em função do desejo de morte do Outro. Nesta relação desaparece a possibilidade de união entre os homens, visto que quando o Outro deixa de existir, o sujeito recupera a sua subjetividade e deixa de existir apenas como objeto.

“Mas o ódio, por sua vez, é um fracasso. Seu projeto inicial, com efeito, consiste em suprimir as outras consciências. Porém, ainda que o conseguisse, ou seja, ainda que pudesse abolir o Outro no momento presente, não poderia fazer com que o Outro não houvesse sido. Melhor ainda: a abolição do Outro, por ser vivida como triunfo da ira, pressupõe o reconhecimento explícito de que o Outro existiu” (Sartre, 2009, p.511)⁷⁶.

Pode-se concluir que por meio da relação de ódio é impossível apropriar-se da liberdade dos Outros. Com isso, para Sartre, por meio da morte do Outro, o sujeito se constitui como objeto irremediável, exatamente como a sua própria morte. Por isso o ódio não permite sair da tentativa de se apoderar da liberdade do Outro. O ódio foi à última tentativa que Sartre encontrou para tentar demonstrar que é impossível respeitar e não se apropriar da liberdade do Outro.

Percebe-se então a dificuldade tanto em assimilar quanto em identificar-se com a liberdade dos Outros. A única conclusão a que se pode chegar é que as relações concretas entre os homens serão sempre conflituosas, visto que todos tentarão defender os seus lugares, o seu espaço e a sua liberdade. Com isso, o respeito pela liberdade dos Outros será sempre uma busca desafiadora.

Neste item, foram trabalhadas as relações concretas com o outro, no tópico seguinte veremos a questão do limite que a liberdade impõe. Ele servirá para identificar com maior riqueza de detalhes cada uma das relações comentadas anteriormente e também para antecipar o próximo capítulo no qual abordaremos a peça de teatro *Entre Quatro Paredes*.

⁷⁶ “Mais la haine, à son tour, est un échec. Son projet initial, et en effet, est de supprimer les autres consciences. Mais si même elle y parvenait, c'est-à-dire si elle pouvait abolir l'autre dans le moment présent, elle n'en pourrait faire que l'autre n'ait pas été. Mieux encore, l'abolition de l'autre, pour être vécue comme le triomphe de la haine, implique la reconnaissance explicite qu'autrui a existé” (Sartre, 1943, p.452).

2.5 – A LIBERDADE LIMITADA PELA EXISTÊNCIA DE OUTROS

Como foi visto no item anterior, mesmo tentando fazer com que o Outro exista livremente sem se apropriar da liberdade do sujeito, isso é quase que impossível na filosofia de Sartre, diante da existência de Outros seres completamente livres, pois um invade a liberdade da outra, enquanto ambos tentam defender a sua própria liberdade.

No entanto, é impossível tentar fugir da existência do Outro, pois o mundo está infestado de Outros. E o *ser-para-si*, ao surgir no mundo, apesar de ser livre, se depara com outras liberdades já existentes e as quais não tem autonomia nenhuma para interferir. Ao surgir no mundo, o homem se depara com um mundo dominado e repleto por outros, em todos os lugares do mundo o Outro está presente, seja para dominar o sujeito, para dar ordens ou até mesmo para torná-lo objeto. Para Sartre, quando o sujeito surge no mundo já existem algumas categorias de realidade que entram em jogo para construir a situação concreta do sujeito:

“os utensílios já significantes (a estação, o sinal da ferrovia, a obra-de-arte, o aviso de mobilização para o serviço militar), a significação que descubro como sendo já minha (minha nacionalidade, minha raça, meu aspecto físico), e, por ultimo, o Outro como centro de referência ao qual tais significações remetem” (Sartre, 2009, p. 626)⁷⁷.

Quando o sujeito surge no mundo já existe uma serie de significações que não foram dadas por ele, pois os Outros que estavam antes no mundo já haviam preestabelecido as denominações. Por isso, seria mais simples, se o homem pertencesse a um mundo cujas significações se revelassem pelos fins interessados a ele, e não já existente. Para Sartre, a existência do Outro traz um limite de fato à liberdade do sujeito, pois, por meio do surgimento do Outro, aparecem certas determinações que o sujeito *é* sem tê-las escolhido. O sujeito pode ser rico, pobre, bonito, feio, ariano, judeu, etc. Tudo isso, o sujeito *é* para o Outro sem esperanças de apreender o sentido que se tem do lado de fora, e nem ao menos pode modificar tal situação.

“Somente a linguagem irá me ensinar àquilo que sou, e, ainda assim, sempre como objeto de uma intenção vazia: a intuição disso jamais deixará de me ser negada. Se minha raça ou meu aspecto físico não fossem mais do que uma imagem no Outro a meu respeito, logo resolveríamos a questão; mas vimos que se trata de caracteres objetivos que me definem em meu ser-Para-Outro; a partir do momento em que outra liberdade que não a minha surge frente a mim,

⁷⁷ “les ustensiles déjà signifiants (la gare , l'indicateur de chemin de fer, l'oeuvre d'art, l'affiche de mobilisation), la signification que je découvre comme déjà mienne (ma nationalité, ma race, mon aspect physique) et enfin l'autre comme centre de référence auquel renvoient ces significations” (Sartre, 1943, p.555).

começo a existir em uma nova dimensão de ser, e desta vez, não se trata para mim de conferir um sentido a existentes e bruto, nem de reassumir por minha conta o sentido que outros conferiam a certos objetos: sou eu mesmo quem me vê conferir um sentido, e não tenho o recurso de reassumir por minha conta esse sentido que tenho, pois este só poderia me ser dado a título de indicação vazia” (Sartre, 2009, p.642)⁷⁸.

O homem ao surgir no mundo assume o seu lugar, só que tem de se adaptar aos utensílios e significados já criados pelos Outros e que jamais foram ou tiveram a chance de serem escolhido pelo *ser-para-si*. Por isso, parece que o homem já nasce com a liberdade alienada, pois surge em um mundo que já está totalmente denominado e com isso o homem tem que se submeter àquilo que já foi estabelecido pela presença dos Outros. Para Sartre:

“O verdadeiro limite à minha liberdade está pura e simplesmente no próprio fato de que um Outro me capta como Outro-objeto, e também no fato, corolário do anterior, de que minha situação deixa de ser situação para o Outro e torna-se forma objetiva, na qual existo a título de estrutura objetiva. É esta objetivação alienciadora de minha situação que constitui o limite permanente e específico de minha situação, assim como a objetivação de meu ser-Para-si em ser-Para-outro constitui o limite de meu ser. E são precisamente esses dois limites característicos que representam as fronteiras de minha liberdade” (Sartre, 2009, p.643-644)⁷⁹.

Por isso, na medida em que não se pode escolher o caminho para tentar atingir a essência fundamental do homem, uma vez que não se pode escolher fora do sujeito uma ligação com o mundo, fora de uma situação, é possível verificar evidentemente um limite à liberdade. Ela fica limitada mediante perante o Outro, visto que não se pode escolher. Não se pode escolher nem mesmo ao ser lançado no mundo, e principalmente diante das escolhas prévias. Visto que essas escolhas prévias significa que o homem estará sempre engajado, em situações, impedido de recuar a um ponto de vista fora do mundo: “essa necessidade de ser em situação é, portanto o limite da liberdade”

⁷⁸ “Le langage seul m'apprendra ce que je suis ; encore ne sera-ce j amais que comme objet d'intention vide : l'intuition m'en est à jamais refusée. Si ma race ou mon aspect physique n'était qu'une image e n autrui ou l'opinion d'autrui sur moi nous en aurions tôt fini : mais nous avons vu qu'il s'agit de caracteres objectifs qui me définissent dans mon être-po ur-autrui ; dès qu'une liberté autre que la mienne surgit en face de moi, je me mets à exister dans une nouvelle dimension d'être et, cette fois, il ne s'agit pas pour moi de conférer un sens à des existants bruts, ni de reprendre à mon compte le s e ns que d'autres ont conféré à certains objets : c'est moi même qui me vois conférer un sens et je n'ai pas la ressource d e reprendre à m o n compte c e ns q u e j'ai puisqu'il ne saurait m'être donné sinon à titre d'indication vide” (Sartre, 1943, p.568-569)

⁷⁹ “La véritable limite de ma liberté est purement et simplement dans le fait même qu'un autre me saisit comme autre-objet et dans cet autre fait corollaire que ma situation cesse pour l'autre d'être situation et devient forme objective dans laquelle j'existe à titre de structure objective. C'est cette objectivation aliénante de ma situation qui est la limite constante et spécifique d e ma situation, tout comme l'objectivation de mon être-pour-soi en être-pour-autrui est la limite de mon être. Et c'est précisément ces deux limites caractéristiques qui représentent les bornes de ma liberte” (Sartre, 1943, p. 569-570).

(Moutinho, 1995, p.75). O homem tem que ser e agir conforme as situações e por essa razão sua liberdade fica limitada perante ele mesmo e os Outros.

Assim, é possível dizer que existe uma característica peculiar quanto à teoria da liberdade de Sartre, pois quando se fala em Outro, este já estava no mundo e já havia dado significações, quando o sujeito foi lançado, logo, o sujeito já não nasce livre e determinado ao mesmo tempo. Dessa forma, o Outro é visto como um problema, pois, impede e limita o sujeito de fazer o que quiser e seguir o seu caminho conforme sua vontade. Neste contexto, para Sartre, “então só poderia haver um único sujeito livre; todos os outros seriam objetos sobre os quais esse sujeito exerceria sua liberdade” (Silva, 2012, p.25).

Portanto, como a existência do Outro sempre limitará a liberdade do sujeito, percebe-se de imediato a característica fundamental das relações humanas, que é o conflito. Ambos vivem em constante conflito, pois sempre irão tentar defender sua própria liberdade.

Percebe-se então, que, ao longo de toda história da Filosofia, a compreensão da relação entre os seres humanos mostra-se mais difícil e mais complexa do que o entendimento daquelas que são explicadas nas ciências naturais e exatas visando o conhecimento objetivo. Isso se deve em função da imensa dificuldade em dizer exatamente o que se passa na mente de cada ser humano. Além do mais, outra dificuldade surge, no momento em que se diz que todo sujeito é livre, logo, todos irão defender sua própria liberdade, e então as liberdades irão se confrontar, e com isso irão surgir os conflitos.

O presente capítulo visou erigir uma exposição geral sobre a existência do Outro, que para Sartre é a existência de outras consciências. Além disso, foi exposta também a dificuldade em definir a existência de outras consciências absolutamente livres, o olhar entre os homens e as relações concretas existentes entre as consciências, relações que passam a serem limitadas, visto que todos querem defender e protegem a sua liberdade. Nessa situação, o homem é levado ao conflito, pois todos têm a pretensão de defender e proteger a sua própria liberdade.

No próximo capítulo as questões abordadas até o momento serão retomadas com o intuito de entendermos a obra teatral sartreana *Entre Quatro Paredes*.

CAPÍTULO 3 – ENTRE QUATRO PAREDES

Finalmente chegamos ao ultimo capítulo da dissertação e nele será abordado os dois capítulos anteriores dentro de todo o desdobramento da peça *Entre Quatro Paredes*. A motivação da escolha da peça teatral se deu em função de já ser uma obra existencialista sartreana, poderia ter sido focado nas situações cotidianas da nossa realidade em que nos deparamos com a existência de outros homens livres, e que também é possível apontar claramente do desdobramento do primeiro e segundo capítulo, porém foi decidido pela peça de teatro, pois, já encontra-se como uma obra do próprio Sartre e por enquanto, no decorrer desta dissertação não foi proposto sair do contexto sartreano. Esses apontamentos dos capítulos anteriores para a nossa realidade cotidiana será tema de um próximo trabalho.

Dessa forma, este ultimo capítulo parte da apresentação da peça de teatro *Entre Quatro Paredes*, em um segundo momento é apontando a liberdade e a escolha dentro da peça de teatro, em seguida foi apresentado a questão do olhar e dos conflitos dos personagens da peça, posteriormente foi feito uma análise das relações concretas entre os personagens Garcin, Estelle e Inês e finalmente, foi trabalho a famosa oração sartreana “o inferno são os outros”.

3.1 – O TEATRO “ENTRE QUATRO PAREDES”

O que se propõem a partir de agora é trabalhar todo o desdobramento dessa dissertação no contexto da peça teatral *Entre quatro paredes*, em que Sartre pondera sobre a questão da imagem e ilustra suas ideias filosóficas. Nesta obra é possível perceber que os personagens vivem os dramas existenciais, os conflitos entre os Outros, a maneira pela qual a liberdade é limitada pelos Outros, a forma com que cada um usou de sua existência, a condição humana, suas crenças, ações e o momento em que por meio da existência do Outro o existir torna-se um inferno.

A princípio, vale ressaltar a importância do teatro na obra sartreana, visto que, para Sartre, “O verdadeiro teatro é um apelo a um público ao qual se está ligado por uma comunidade de situação” (Sartre, 1977, p.12). Por meio das obras teatrais Sartre criou o “Teatro de Situações”⁸⁰, ou seja, “Se é verdade que o homem é livre em uma situação

⁸⁰“Conceito pelo qual Sartre define a nova corrente dramática surgida na França entre a Ocupação e o pós-guerra, tendo por representantes nomes como Anouilh, Camus, o próprio Sartre e Simone de Beauvoir. Os quais seguindo caminhos diversos, e sem um desejo pré-determinado de construir uma ‘escola’ estética, caracterizam-se pela

dada e que se escolhe livre nesta e por esta situação, então é preciso mostrar no teatro situações simples e humanas e liberdades que se escolhem nestas e por estas situações” (Sartre, 1977, p. 14). Dessa forma, o teatro deveria mostrar o movimento do homem em direção a sua livre escolha.

A peça de teatro *Entre Quatro Paredes*, originalmente *Huis Clos*, que se chamava inicialmente “Os Outros” – *Les Autres* – foi escrita por Sartre entre os anos de 1943 e 1944. Produzida e encenada pela primeira vez em maio de 1944, no fim da Segunda Guerra Mundial, no *Théâtre du Vieux-Colombier*, a pedido do editor Marc Barbézat. Sartre vislumbrou em *Entre Quatro Paredes* primeiramente motivos estéticos, além de suas preocupações mais profundas, tais como tratadas no existencialismo, que é visto claramente na peça. Escreveu para três amigos – Marie Olivier, Olga Barbézat e Albert Camus, para que pudessem trabalhar juntos, sem privilegiar nenhum deles. Todos deveriam permanecer em cena durante o espetáculo, não havendo papel que fosse mais importante que outro. Devido ao baixo orçamento estipulado para a peça, a obra determinou seu ato único e a ausência de mudança de cenário.

A ideia de escrever um drama ambientado num só cenário, com poucos personagens, sempre seduzira Sartre. Ele imaginara uma situação a portas fechadas e a primeira que lhe ocorreu foi a de três indivíduos encerrados num porão, durante um bombardeio prolongado. Depois, refletindo, optou por uma situação extrema: encenaria Garcin, Estelle e Inês na eternidade. Os ensaios já tinham começado quando, numa manhã de fevereiro de 1944, Sartre foi informado de que Olga Barbezat tinha sido presa. Na véspera estivera em casa de amigos da Resistência. A polícia chegou e prendeu a todos. Desolado, Sartre deu por encerrado qualquer projeto de encenação de EQP. Mas a peça, publicada em março na revista *L’Arbalète*, chamou a atenção de Babel, diretor do *Théâtre Vieux-Colombier*.

Os planos de Babel, porém, eram mais ambiciosos que os de Sartre e Barbezat: um elenco de principiantes estava fora de cogitação. Sartre expôs o problema a Camus e este, num bilhete, desobrigou-o imediatamente de qualquer compromisso anterior: não queria a responsabilidade de dirigir atores profissionais. E em 10 de junho de 1944 EQP fazia sua estréia, dirigida por Raymond Rouleau e interpretada por Gaby Sylvia

abordagem a “[...] problemas muito diferentes daqueles de que nos ocupávamos antes de 1940” (Sartre, 1992, p58), no que se refere a uma tendência vigente no entre-guerras- e que seguia viva nos EUA- de priorizar a análise dos caracteres” (Nunes, 2009, p.108).

(Estelle), Tania Belachova (Inês), Michel Vitold (Garcin) e Chauffard (o Criado), este último, ex-aluno de Sartre e único remanescente do elenco original.

A ação da peça desenrola-se no inferno, *Entre Quatro Paredes* se divide em duas partes, a exposição, que são as cenas I a IV (a entrada e apresentação dos personagens) e o desenvolvimento da peça na cena V que é a parte principal. Do ponto de vista filosófico, para Sartre, escrever é uma forma de engajamento, de proporcionar liberdade à palavra por meio da ação, a peça foi o meio utilizado para problematizar a existência humana e sua indissociável liberdade, dentro de sua concepção da ontologia do ser. A peça é tratada por Sartre como uma reflexão dos personagens sobre as suas respectivas existências enquanto estavam vivos, visto que os personagens estão mortos e se encontram em um inferno. Só que naquele momento da peça não é possível estabelecer qualquer tipo de alteração dos fatos do passado, visto que, Garcin, Estelle e Inês, encontram-se como personagens mortos, incapazes de agir e privados de liberdade. A situação de se encontrarem na peça como mortos, foi para Sartre, uma maneira na qual os personagens são privados de liberdade, não tem mais possibilidade de existirem e usufruírem dela.

A princípio a peça se desencadeia pela entrada e a apresentação que é composta por três personagens principais e pelo criado. Os personagens são; Garcin um jornalista e homem de letras, que queria ser um herói, mas foi covarde, teme que as duas companheiras de danação descubram sua covardia. Inês é uma homossexual e funcionária dos correios, na clausura ela se mostra agressiva e constantemente reforça o sofrimento entre os outros, o ódio a alimenta, e nunca procura se desculpar. E finalmente Estelle, uma dama fútil e narcisista, que ascendeu socialmente pelo casamento, por causa do conforto assassinou o bebê que teve com seu amante, e foge da própria culpa responsabilizando o destino, usa a paixão como forma de escapar à realidade.

Como na peça os personagens são dados como “mortos-vivos”, eles se encontram em um inferno, mas não se trata do inferno de flamas e de torturas físicas, são condenados por terem feito mal uso de suas liberdades durante as suas existências na terra. De acordo com a fala de Inês, “Entre assassinos. Estamos no inferno, minha filha,

e aqui não pode haver erros, e não se condena ninguém à toa” (Sartre, 1977, p. 9)⁸¹. Estão mortos, porém vivos ao se confrontarem entre si, estão todos trancados em uma sala em estilo Segundo Império. Na sala os personagens são ocasionalmente visitados por um criado. Nela terão que permanecer para sempre ali, enclausurados, condenados a uma vida sem interrupção. De portas fechadas, sem espelhos, sem janelas, sem necessidade de se alimentarem ou de dormirem por toda eternidade. Os três terão que se enxergar através dos olhos do Outro e, com isso, transformarão a convivência em algo crucial e insuportável.

No desenvolvimento da peça o primeiro a ser condenado a viver naquela sala, ou seja, no inferno, é Garcin, que ao chegar no aposento com três poltronas, é informando, pelo criado, que a luz não irá ser apagada e que será impossível dormir. Depois que o criado sai da sala ele fica sozinho e se desespera, porém, neste momento sente a necessidade de organizar a sua vida e começa a refletir sozinho. Até que é interrompido pela chegada de outra condenada, Inês, que se estabelece no mesmo local. Com a porta trancada do lado de fora, sem possibilidade de fuga, os dois são obrigados a permanecerem no mesmo local. A princípio, Inês, demonstra a intenção de não querer incomodar Garcin, com isso eles fazem um pacto de silêncio que é interrompido pela chegada do terceiro condenado, Estelle, que de início adere ao pacto, e os três se encontram diante uns dos outros em silêncio.

Não há confiança recíproca em relação ao pacto, visto que um olha ao outro, estabelecendo-se aí uma relação de olhar entre eles, e desta forma, por meio dessa interferência de olhares, cada um se sente existir nos olhos dos outros. Esses olhares causam incomodo, pois cada um que olha imagina o outro do seu jeito. Estelle é a primeira que reconhece a necessidade de se encontrar intacta no conforto de seu próprio olhar, querendo vê-la diante de um espelho, e com isso ela rompe o pacto solicitando a Garcin um espelho, inexistente ali naquele momento.

Como na sala não há espelhos e nem nada que pudesse refletir a própria imagem, Estelle mostra-se vaidosa e egoísta, e se desespera para ver a sua imagem. Inês arregala os olhos para que ela possa se enxergar: ela se vê pequenina. Toda essa situação os incomoda bastante, pois não conseguem enganar uns aos outros por muito tempo e, aos poucos vão se constrangendo cada vez mais.

⁸¹ “INÊS - Entre assassins. Nous sommes en enfer, ma petite, il n'y a jamais d'erreur et on ne damne jamais les gens pour rien” (Sartre, 1945, p. 40).

“E – Ah, sim, interiormente... Tudo o que se passa nas cabeças é tão vago que me dá sono. (*Tempo*). Meu quarto tem seis espelhos grandes. Estou vendo todos. Estou vendo. Mas eles não me vêem. Eles refletem a penteadeira, o tapete, as janelas... Como é vazio um espelho em que não estou! Quando eu falava, sempre dava um jeito para que houvesse um espelho em que eu pudesse me ver. Eu falava e me via falar. Eu me via como os outros me viam. Por isso, ficava acordada. (*Com desespero*): Meu *rouge*! Tenho certeza de que pintei mal. Mas não posso ficar sem espelho por toda a eternidade!

[...]

E – Estou tão pequeninha. Vejo-me muito mal. Muito mal!

I – Mas eu vejo você inteirinha. Faça-me perguntas. Nenhum espelho será mais fiel!”(Sartre, 1977, p.10)⁸².

Nesta cena, as réplicas que se seguem entre Inês e Estelle, incomodam Garcin pela tagarelice entre as duas mulheres, principalmente depois que Inês propõe uma relação amorosa entre elas. Porém, como Estelle não é lésbica, ela se insinua para Garcin simulando um desejo que sente por ele. Muito incomodado, Garcin propõe que, já que terão que viver a três, seria importante que cada um contasse sobre sua existência e sobre sua morte.

Então todos começam a falar sobre sua vida, só que é perceptível que eles mascaram algumas situações e usam da mentira⁸³ em vários momentos. Eles mentem ao contar uns para os outros sobre como era a sua existência com o objetivo de reconstruir uma imagem satisfatória de si própria. Eles dão uma nova interpretação aos acontecimentos anteriores, porém, mesmo negando o passado, cada um vai sendo revelado por imposição dos outros dois, por isso, nessa situação suas reações são reveladoras de má-fé, eles mostram que mentem para si e para o outro.

Como há a presença de três personagens, um conta uma mentira para o outro, e vê-se a dificuldade de mentir com a presença de um terceiro, cada um deles torna-se um terceiro, enquanto um mente para o outro, o terceiro observa. O inferno seria então o terceiro sujeito que observa a mentira, ou seja, “o carrasco é cada um de nós para os

⁸² “ESTELLE - Ah! oui, de l'intérieur ... Tout ce qui se passe dans les têtes est si vague, ça m'endort. (Um temps.) Il y a six grandes glaces dans ma chambre à coucher. Je les vois. Je les vois. Mais elles ne me voient pas . Elles reflètent la causeuse, le tapis, la fenêtre ... comme c'est vide, une glace où je ne suis pas. Quand je parlais, je m'arrangeais pour qu'il y en ait une où je puisse me regarder. Je parlais, je me voyais parler. Je me voyais comme les gens me voyaient, ça me tenait éveillée. (Avec désespoir.) Mon rouge! Je suis sûre que je l'ai mis de travers . Je ne peux pourtant pas rester sans glace toute l'éternité.[...]

ESTELLE - Je suis toute petite . Je me vois très mal.

INÈS - Je te vois, moi . Tout entière. Pose-moi des questions. Aucun miroir ne sera plus fidèle” (Sartre, 1945, p.44 e 46).

⁸³ “Ato através do qual um emissor altera ou dissimula deliberadamente aquilo que ele reconhece como verdadeiro, tentando fazer com que o ouvinte aceite ou acredite ser verdadeiro algo que é sabidamente falso. Diferentemente do erro e do engano, a mentira supõe a intenção de dizer o falso, sendo por este motivo moralmente condenável” (Japiassú e Marcondes, 2001, p.128).

outros dois” (Sartre, 1977, p.9)⁸⁴. Com isso, os condenados começam a deixar escapar, pouco a pouco, as suas verdades, pois um reprime o outro. Percebe-se então que o carrasco está em cada um presente na sala e o inferno encontra-se ali.

A convivência começa a ficar insuportável e Garcin começa a desesperar-se, suplica que a porta seja aberta para que ele saia dali. Até que a porta se abre, mas ele não consegue sair, pois questiona para onde deveria ir, e diz que precisa do Outro para existir. O Outro ao qual Garcin necessita para existir é Inês. Mesmo ela sendo lésbica, ridicularizando os julgamentos morais e desvalorizando todas as verdades, é com Inês que “ele quer formar dupla, para uma intimidade espiritual, um pacto racional, uma união de inteligências” (Campbell, 1945, p.135). Porém, como Inês faz de tudo para que a convivência fique mais difícil, ela recusa se juntar a Garcin. Com isso, Estelle para tentar se livrar de Inês, “entrega-se a seu ódio e deseja a morte de Inês” (Campbell, 1945, p.135). Só que neste momento, a morte já está consumada, pois todos estão em um inferno, em que um é a perturbação do outro. Logo, todos reconhecem o seu fracasso e Garcin propõe que continuem a falar sobre a sua existência.

Os personagens encontram-se confinados, pois cada um responde por um crime. Estelle, a burguesa vaidosa, foi casada com um velho rico, e por isso promoveu-se socialmente, por meio do conforto e da vaidade. Matou uma criança que teve com o amante e logo também provocou a morte dele, posteriormente ela não resiste a uma pneumonia e morre. Ela se define como uma pessoa inconstante, e por pregar uma falsa moral, ela recusa a aceitar a sua situação no inferno. Como viveu em um mundo predominado pela aparência, ela se preocupa com a cor das poltronas e com a maquiagem, acha grosseiro dizer que está morta e sugere que os outros dois se tratem como ausentes. Estelle acredita que está ali por engano, pois não se sente em nenhum momento culpada por ter assassinado o seu filho e por ter provocado a morte de seu amante, ela refugia-se na má-fé. É completamente fútil e pretenciosa, só deseja ser amada e acariciada, despreza Inês pois ela a corteja e por ter vindo de uma classe social inferior. Quando fala de sua juventude e de seu casamento, tenta se convencer e convencer aos outros dois de sua inocência.

Enquanto isso, Garcin finge acreditar na inocência de Estelle, visto que ele necessita de sua confiança. Necessita que Estelle o faça esquecer seu passado de

⁸⁴ “Le bourreau, c'est chacun de nous pour les deux autres” (Sartre, 1945, p.42)

desertor e fugitivo, pois ela o admira e acredita que ele seja um herói. Garcin foi um publicitário engajado, que foi morto por suas ideias pacifistas, acredita ser um herói que sacrificou tudo por seu ideal; só que ele precisa fazer as mulheres acreditarem nisso, já que isso não é verdade. Garcin não se opôs à guerra, ele fugiu e foi vítima de uma fraqueza corporal, diante do pelotão de execução morreu como um covarde. Durante a sua existência foi um homem incapaz de amar e tolerar a esposa, foi sádico com ela e covarde.

A mentira de Garcin e Estelle lhes proporcionam uma certa paz, porém Inês percebe que no discurso de ambos não existe somente verdade e dirige-se a eles com perguntas contundentes e comentários irônicos. Na peça, Inês desempenha o papel de detetive no momento em que ela não cessa de atormentar Estelle e Garcin até conseguir dos dois uma confissão integral.

Os condenados não conseguem escapar ao olhar do outro, ou melhor, eles só se veem através do olhar do outro. Logo, os personagens se dão conta do inevitável e implacável olhar que atormenta, que vai se tonando cada vez mais impiedoso, porque, por conta de suas confissões, eles se encontram “nus como minhocas” (Sartre, 1977, p. 15)⁸⁵, à mercê dos julgamentos dos outros. A convivência entre os personagens vai se tornando um irremediável sofrimento que é apontado por Sartre como um inferno, na peça os três acabam chegando à conclusão formulada finalmente por Garcin: “o inferno são os outros” (Sartre, 1977, p. 23)⁸⁶, pois todos estão em uma situação de confinamento e obrigados a conviverem com os outros. Percebe-se então um choque de consciências, visto que elas não podem furtar-se a enfrentar outra que a denuncia.

Na peça Sartre tenta mostrar como é realmente a realidade humana entre os homens que convivem em sociedade. Ao se relacionar com os Outros é possível perceber a imensa dificuldade do ser humano em manter uma convivência amistosa, é possível perceber sempre um constante conflito. Visto que, em um mundo rodeado por Outros, eles só podem gerar conflitos, pois todos estão em busca de sua exclusiva liberdade, em busca de defender os seus espaços, convivendo com pessoas diferentes, fisicamente, socialmente e culturalmente. Esse choque entre os homens faz com que o sujeito seja reconhecido pelo olhar do Outro. Para Sartre, “Os Outros” seriam então, aqueles que, voluntária ou involuntariamente, revelam os homens pelo olhar. Por isso, o que se

⁸⁵ “Nous voici nus comme des Vers”, (Sartre, 1945, p.63)

⁸⁶ “l'enfer, c'est les Autres” (Sartre, 1945, p.93).

pretende desenvolver a seguir é o momento em que nossa liberdade se depara com a liberdade do Outro “Entre Quatro Paredes”.

3.2 - LIBERDADE E ESCOLHA “ENTRE QUATRO PAREDES”

Em SN, Sartre estabelece que a liberdade seja absoluta e sem restrição, ela é a estrutura fundamental do homem. Ela se manifesta concretamente através da escolha de ações visto que é através da ação que a liberdade se faz para realizar no mundo o projeto de existência do homem. A liberdade encontra-se situada no campo da facticidade, já a situação é o obstáculo necessário que o homem deve vencer para realizar seus projetos. Assim, a situação e a ação são indispensáveis à liberdade. Dessa forma, usando de sua liberdade, o projeto de existência é a maneira escolhida pelo homem através de suas ações e opções realizadas diante das situações para construir sua existência em busca de sua essência.

“A liberdade humana precede a essência do homem e a torna possível, a essência do ser humano acha-se em suspenso na sua liberdade. Logo, o que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da *realidade humana*. O homem não é *primeiro*, para ser livre *depois*, não há diferença entre o ser do homem e o seu *ser-livre*” (Sartre, 2009, p. 68.)⁸⁷.

A concepção sartriana de liberdade é um fator essencial para entender a trama da peça EQP, visto que a liberdade apresenta-se para o homem em seus constantes momentos de escolha. Vale ressaltar que por se tratar de uma peça com implicações filosóficas, podem haver infinitas leituras, olhares e termos a serem pensados e repensados sobre a peça. Dessa forma, o que se pretende neste item é apresentar modestamente o desdobramento da peça na concepção sartreana de liberdade e escolha entre o sujeito e os Outros diante da realidade humana.

Em EQP, há uma representação das relações humanas por meio de Garcin, Inês e Estelle. Os personagens são dados como mortos e se juntam para falar sobre suas existências enquanto estavam vivos. A vida é simbolizada pela existência enquanto homens livres e acessíveis as suas escolhas. Já a morte é simbolizada pela privação de suas liberdades, os personagens não têm mais condições de escolherem e nem de voltarem ao passado para mudar algumas atitudes. Por isso, no decorrer da peça, os

⁸⁷ “La liberté humaine précède l'essence de l'homme et la rend possible, l'essence de l'être humain est en suspens dans sa liberté. Ce que nous appelons liberté est donc impossible à distinguer de l'être de la réalité-humaine. L'homme n'est point d'abord pour être libre ensuite, mais il n'y a pas de différence entre l'être de l'homme et son être libre” (Sartre, 1943, p.59 – 60).

personagens começam a mentir, pois eles dizem tudo aquilo que realmente gostariam que tivesse acontecido para tentar afirmar para eles mesmo que a existência poderia ter sido melhor, poderiam ter vividos de uma maneira que os deixassem mais felizes e mais satisfeitos com as suas escolhas.

Durante a existência dos personagens, como afirma Sartre, eles são homens condenados a serem livres, assim como em uma das falas de Garcin, “nenhum de nós pode se salvar sozinho; ou nos perdemos de uma vez juntos, ou nos salvamos juntos” (Sartre, 1977, p. 15)⁸⁸, percebe-se então que o homem é escravo da própria liberdade e não há um projeto divino ou um demônio que os tirem desta situação. Vê-se então que a liberdade é uma escolha exclusivamente particular e com isso cada um tem a sina de viver como unicamente responsáveis por seus atos e que conseqüentemente mais adiante podem interferir nos atos e escolhas dos Outros.

O homem, fadado a ser livre, não pode anular sua liberdade em vida, como acontece com os personagens Garcin, Inês e Estelle. Porém, essa tentativa ocorreu, pois, os personagens durante as suas respectivas existências fizeram mal uso de suas liberdades e com isso viveram como mortos sem estarem mortos. Os personagens durante a vida abdicaram da liberdade, de forma a alienar-se no mundo no qual viveram e abdicaram de escolhas, pelos Outros. Por isso, os personagens se encontram em um inferno e para sair dele seria necessário crer na possibilidade de mudança, pois somente as escolhas são capazes de mudar atos passados.

Em EQP, Sartre tentou transmitir sua visão de realidade humana por meio dos três personagens. Na primeira cena a existência de Garcin é demonstrada pela seguinte maneira:

G – “E eu? Que quer que eu faça? Sabe quem era eu? Ora! Isso não tem importância. O que é fato é que sempre vivi no meio dos móveis, de que não gostava, e de situações falsas. Achava isso adorável. Que tal; uma situação falsa numa sala de jantar a Luis Felipe?” (Sartre, 1977, p.2)⁸⁹.

Nesse trecho, percebe-se que quando Garcin era vivo não assumiu a sua liberdade, com isso revoltando-se contra as situações que não eram úteis para a sua vida, as aceitava mesmo não se sentindo bem pela postura adotada, talvez, por buscar agradar os outros, isto é, às outras consciências distintas da sua. Percebe-se aí que Garcin deixava de

⁸⁸ “Aucun de nous ne peut se sauver seul; il faut que nous nous perdions ensemble ou que nous nous tirions d'affaire ensemble” (Sartre, 1945, p.63).

⁸⁹ “GARCIN - Et moi , qu'est-ce que vous voulez que j'em fasse ? Savez-vous qui j 'étais ? Bah ! ça n'a aucune importance. Après tout, je vivais toujours dans des meubles que je n 'aimais pas et des situations fausses ; j 'adorais ça. Une situation fausse dans une salle à manger Louis-Philippe, ça ne vous dit rien ?” (Sartre, 1945, p.14).

escolher o que desejava, vivia em situações falsas e, com isso, para fugir da escolha que lhe angustiava, refugiava-se na *má-fé*. Nesta, finge-se escolher sem escolher, colocando a culpa em alguém ou no destino. Essa é a postura típica de alguém que mente para si mesmo como forma de escapar às escolhas que terão de fazer, diferentemente da mentira que é enganar o outro para se livrar de qualquer consequência daquilo que se mente. Garcin mentia pra si mesmo e para os outros.

A forma com que Garcin usava sua liberdade o levava a uma constante angústia, visto que as escolhas feitas não eram em benefício próprio, vivia em um lugar onde não gostava dos móveis e em meio a situações que para ele eram falsas. Dessa forma, ele agia de acordo com as situações independentemente se o agradavam ou não. Garcin simplesmente agia mesmo sem orientação de uma exigência ética que indicasse o que deveria ser feito ou não. O que para Sartre, “não está escrito em parte alguma que o bem existe, que é preciso ser honesto, que não devemos mentir” (Sartre, 1977, p. 6)⁹⁰, Garcin agia de acordo com as regras de conduta que lhe fossem necessárias, ou seja, essa era a forma de existir que ele escolheu para tentar atingir sua essência. Uma vez que para existir não é possível se guiar por um roteiro e nem por um ser metafísico que indique o caminho.

No desenvolvimento da peça Garcin encontra-se sozinho e se propõe a pensar sobre suas escolhas e ações no decorrer de sua existência em vida. Ele era livre quando era vivo, deixou de ser livre ao morrer, dessa forma, não tinha mais condições de escolher e alterar as suas ações, o que lhe restava era apenas as recordações e os pensamentos. Por estar morto não tinha mais condições de retornar ao passado e modificar suas ações. Enquanto refletia e tentava colocar a sua “vida em ordem”, fato que era impossível, visto que não havia mais como pôr sua vida em ordem, uma vez que ele já estava morto, aniquilado, transcendido pela morte. É interrompido pela chegada de Inês. Ele passa então a ter sua liberdade limitada pela presença de Inês que o incomodava.

Em Sartre, a liberdade humana não pode ser determinada por nenhuma causa nem limitada por nenhuma outra: “a liberdade, é precisamente o nada que é sido no coração do homem e que força a realidade humana a se fazer, em vez de ser” (Sartre, 2009, p. 545)⁹¹; a liberdade só encontra no mundo os limites que ela mesma colocou.

⁹⁰ “il n'est écrit nulle part que le bien existe, qu'il faut être honnête, qu'il ne faut pas mentir” (Sartre, 1945, p. 13).

⁹¹ “La liberté, c'est précisément le néant qui est été au coeur de l'homme et qui contraint la réalité-humaine à se faire, au lieu d'être”(Sartre, 1943, p.485).

Inês foi para o inferno porque durante sua existência também fez mal uso de sua liberdade, embora agisse de acordo com os seus interesses. Porém foi a única dentro da sala que assumiu suas culpas. Diferente de Garcin, Inês considerava que “Minha vida está em ordem. Perfeitamente em ordem. Ela mesma se pôs em ordem por lá; não tenho que me preocupar com isso” (Sartre, 1977, p.7)⁹². Convencida de sua condenação, ela não aparenta estar vulnerável. Era frágil, sofria, porém, não demonstrava. Inês não se esconde atrás de desculpas, ou refugia-se em uma mentira assim como Garcin, e nem se embeleza como Estelle, ela reconhece o mau, e diz que precisa do sofrimento dos outros para existir. É autêntica ao seu modo e reconhece que durante sua existência usou de sua liberdade para fazer mal às pessoas e considera que por isso merecia estar no inferno. É a única que usou de sua liberdade para fazer as escolhas, não por ter sido influenciada ou por interesses, agia por conta própria.

Diferente de Estelle, que, com sua chegada, rompeu o silêncio que havia na sala, reclamando da cor do seu sofá, solicitando imediatamente um espelho, para se mostrar bem apresentável diante dos colegas de clausura. Estelle usou de sua liberdade como bem entendeu e da maneira que foi melhor pra ela. Estelle usou de sua liberdade para matar, trair, mentir, ser arrogante, superficial e jamais reconheceu isso, fugiu da própria culpa e responsabilizou o destino. De acordo com as suas concepções, não fez nada de errado, apenas agiu em sua existência e foi parar no inferno por engano, pois sempre escolheu corretamente. A ação de Estelle é sempre de má-fé, ela jamais se engajou no mundo, ela agia apenas em benefício próprio e sem culpa das consequências.

Ser livre para escolher a direção de sua existência é direito de todos os homens, segundo Sartre. Na peça os personagens usaram suas liberdades como bem entenderam, do jeito que pensavam ser melhor para tentarem conquistar a essência individual. Por isso, é difícil julgar o uso da liberdade dos personagens, se não é possível estabelecer um caminho e um projeto divino que oriente o homem em suas escolhas. É aceitável que ao longo da filosofia existencialista Sartre estabeleça algumas condutas éticas que o homem deve seguir para não fazer mal uso de sua liberdade, só que se não existe um Deus que indique se as escolhas são certas ou erradas para tentar atingir a essência. Então, não se pode julgar se Estelle, Inês e Garcin fizeram mal uso de suas liberdades. O que se pode dizer é que todos usaram suas liberdades e fizeram as escolhas que

⁹² “Elle est en ordre, ma vie. Tout à fait en ordre. Elle s'est mise en ordre d'elle-même, là-bas, je n'ai pas besoin de m'en préoccuper” (Sartre, 1945, p. 33).

melhor cabiam para agir durante as suas respectivas existência na terra. As consequências ocorreram e cada lidou com esses fatos ao seu modo.

O que se propõe no seguinte item é analisar o conflito entre os homens livres e o olhar que os Outros têm sobre o sujeito.

3.3 - O OLHAR E O HOMEM EM CONFLITO COM OS OUTROS “ENTRE QUATRO PAREDES”

Como cada ser humano é único, e cada um está em sua constante busca pela essência usando de sua liberdade, às vezes um simples olhar sobre o outro causa um grande conflito. Para Sartre, durante a construção do ser no decorrer da sua existência, é possível considerar que a presença do Outro seja uma ameaça para o sujeito. O Outro a cada momento encontra-se como uma ameaça a liberdade do homem, e a primeira forma de demonstrar isso é pelo olhar. A ideia sartreana de que toda relação é conflito, refere-se ao encontro do sujeito com o Outro que gera uma perpétua disputa pelo lugar.

O encontro entre o sujeito e o Outro gera conflitos no momento em que um olha para o Outro, visto que o olhar causa um desconforto entre ambas as partes, pois é impossível estabelecer o julgamento existente sobre a imagem do Outro. O outro consegue tomar o sujeito como objeto, “o olhar do outro me especializa e me temporaliza, e eu me ofereço, sem defesa, à apreciação alheia; assumo a despeito de mim, uma liberdade que não é a minha” (Bornheim, 2005, p.90). O conflito aparece no momento de encontro com o Outro, pois, o olhar do outro transforma o sujeito em objeto, é como se transformasse o Outro em pedra, e o sujeito para se defender também o olha petrificando-o. Essa petrificação provocada pelo olhar do Outro ao transformar o sujeito em objeto revela o “sentido profundo do mito de Medusa” (Sartre, 2009, p.531)⁹³.

Em EQP, a questão do olhar perpassa toda a narrativa começando pelo primeiro diálogo, em que Garcin percebe que o criado tem as pálpebras atrofiadas:

“G – (*Remedando-o*): Que interrupção? (*Desconfiado*): Olhe bem para mim! Eu sabia. Aí está o que explica a indiscrição grosseira e insustentável do seu olhar. De fato, estão atrofiadas.
C – Do quê o senhor está falando?
G – De suas pálpebras. Nós... nós batíamos as pálpebras. Chamava-se a isso *pisar*. Um pequeno relâmpago negro, uma cortina que cai e se ergue: deu-se a interrupção. Os olhos se umedecem, o mundo se aniquila. Não pode imaginar como era refrescante! Quatro mil

⁹³ “sens profond du mythe de Méduse” (Sartre, 1943, p.470).

repouso por hora. Quatro mil pequenas evasões. Quatro mil, digo eu... Como é? Então, vou viver sem pálpebras? Não se faça de bobo. Sem pálpebras, sem sono, é a mesma coisa. Nunca mais hei de dormir... Como poderei me tolerar? Trate de responder, faça um esforço! Tenho um caráter implicante, como vê, e tenho o costume de implicar comigo mesmo. Mas... mas, não posso estar implicando sem parar. Por lá, havia as noites. Eu dormia. Tinha o sono leve. Em compensação, sonhava coisas simples. Havia uma campina” (Sartre, 1977, p.3)⁹⁴.

Garcin foi o primeiro a chegar à sala, e já no início ele afirma que no inferno não há interrupção, e descreve que para ele o ato de abrir e fechar os olhos são como um “descanso” da existência. Logo, o inferno não tem interrupção; os enclausurados deverão permanecer eternamente de olhos abertos e olhando os outros que estavam fechados na sala. Para Garcin a sua grande condenação seria viver para sempre de olhos abertos. A princípio tenta fugir dessa sentença e por diversas vezes propõe às duas mulheres que mantivesse a polidez e que permanecesse em silêncio.

“G – (Com voz doce): Não serei o carrasco de ninguém. Não lhes desejo mal e nada tenho a ver com as senhoras. Nada. É muito simples. Vejam só: cada qual no seu canto: esse é que é o jogo. A senhora aqui, a senhora ali, eu lá. E silêncio. Nem um pio. Não é difícil, não é mesmo? Cada um de nós tem muito que se incomodar consigo mesmo. Acho que eu seria capaz de passar dez mil anos sem falar” (Sartre, 1977, p.9)⁹⁵.

Garcin encontra-se sentado com a cabeça mergulhada nas mãos, numa tentativa de olhar para si, visto que, como no inferno o existir não tem interrupção, ele sente falta das “pausas” da existência, porém Estelle e Inês não o deixam “descansar”, pois não conseguem permanecerem em silêncio.

Um homem contraditório é o que se pode enxergar em Garcin. Durante sua existência na terra ele foi um jornalista pacifista, porém, em casa, era um péssimo marido, mulhengo e insensível aos sentimentos de sua esposa. Mas aos olhos da sociedade ele era um herói, porém suas ações denunciavam a sua covardia. No inferno, afirma ao criado que gostava de encarar as situações de frente, mas na presença das duas

⁹⁴ “GARCIN- l’imitant. Quelle coupure ? (Soupçonneux.) Regardezmoi. J’en étais sûr ! Voilà ce qui explique l’indiscrétion grossière et insoutenable de votre regard. Ma parole, elles sont atrophiées. .

LE GARÇON- Mais de quoi parlez-vous ?

GARCIN- De vos paupières. Nous, nous battions des paupières. Un clin d’oeil, ça s’appelait. Un petit éclair noir, un rideau qui tombe et qui se relève : la coupure est faite. L’oeil s’humecte, le monde s’anéantit. Vous ne pouvez pas savoir combien c’était rafraichissant. Quatre mille repos dans une heure. Quatre mille petites évasions Et quand je dis quatre mille ... Alors ? Je vais vivre sans paupières ? Ne faites pas l’imbécile Sans paupières, sans sommeil, c’est tout un. Je ne dormirai plus ... Mais comment pourrai-je me supporter ? Essayez de comprendre, faites un effort : je suis d’un caractère taquin, voyez-vous, et je ... j’ai l’habitude de me taquiner. Mais je ... je ne peux pas me taquiner sans répit : là-bas il y avait les nuits . Je dormais. J’avais le sommeil douillet. Par compensation. Je me faisais faire des rêves simples. Il y avait une prairie ... Une prairie, c’est tout. Je rêvais que je me promenais dedans. Fait-il jour?” (Sartre, 1945, p. 17-18).

⁹⁵ “GARCIN - d’une voix douce. Je ne serai pas votre bourreau. Je ne vous veux aucun mal et je n’ai rien à faire avec vous. Rien. C’est tout à fait simple. Alors voilà : chacun dans son coin; c’est la parade. Vous ici, vous ici, moi là. Et du silence. Pas un mot : ce n’est pas difficile, n’est-ce pas ? Chacun de nous a assez à faire avec lui-même. Je crois que je pourrais rester dix mille ans sans parler” (Sartre, 1945, p.42).

mulheres ele se esquivava, abaixando a cabeça e permanecendo em silêncio. Vive em constante conflito com sua aparência, sendo sua má-fé a incoerência criada entre o que deseja ser e o que de fato faz de si mesmo. Escolheu ser herói e acreditava em sua escolha: “Eu não sonhei com este heroísmo. Escolhi-o. A gente é o que a gente quer ser” (Sartre, 1977, p.21)⁹⁶. Inês denuncia sua incoerência afirmando: “Só os atos decidem a respeito do que a gente quis” (Sartre, 1977, p.21)⁹⁷. A dualidade de Garcin faz com que ele se coloque de forma passiva e acomodada frente à vida. Estando satisfeito, ou não, procura se adaptar às situações para não ter que agir e modificá-las, sendo este o ganho que tem com sua má-fé: “O que é fato é que sempre vivi no meio dos móveis, de que não gostava, e de situações falsas. Achava isso adorável” (Sartre, 1977, p.2)⁹⁸. O contraste de seu estilo com o de Inês o incomoda, visto que esta era para Garcin como um espelho que refletia sua não ação e, conseqüentemente, sua covardia.

O primeiro contato que Garcin teve com o criado foi mediante o olhar e ele já estranhou as pálpebras atrofiadas. No decorrer da peça os personagens são compostos sobre o olhar, visto que Estelle necessita do olhar de Garcin para se sentir bela e desejada, porém usa os olhos de Inês para se vê bem pequeninha. Garcin precisa do olhar de Inês para se justificar de sua covardia e Inês precisa do olhar amedrontado dos outros dois personagens para manter sua escolha de manipuladora. Dessa forma, ao mesmo tempo em que os personagens desejam ser olhados, a ponto de Garcin desistir de sair da sala por causa de Inês, esse olhar é um inferno para cada um deles, “aquele que me olha” (Sartre, 2009, p.332)⁹⁹ é sempre o carrasco.

Como na sala não existia espelhos, Estelle, mesmo enclausurada tem como projeto a manutenção de seus status e de sua imagem de bela e desejável. Para isso ela precisaria de um espelho, e como não há, Inês propõe que a veja pelos seus olhos. Ela apenas se vê pequena. Estelle estava desesperada por um espelho, quando o tinha, o que via era a mesma imagem que os outros tinham dela, somente os outros eram quem podiam vê-la, logo, julgá-la. Estelle era apenas exterioridade, e já que ela não se via no espelho no inferno, precisava se apalpar para saber se existia. Até a narrativa de Estelle sobre o seu funeral é marcada pela exterioridade, ao falar do choro da amiga, não foca no sentimento, mas o superficial, logo ela não chora para não estragar a maquiagem.

⁹⁶ “GARCIN- Je n'ai pas rêvé cet héroïsme. Je l'ai choisi . On est ce qu'on veut” (Sartre, 1945, p.90).

⁹⁷ “INÊS- [...] Seuls les actes décident de ce qu'on a voulu” (Sartre, 1945, p.90).

⁹⁸ “GARCIN [...] Après tout, je vivais toujours dans des meubles que je n 'aimais pas et des situations fausses ; j 'adorais ça [...]” (Sartre, 1945, p.14).

⁹⁹ “celui qui me regarde” (Sartre, 1943,p.297).

“E - Eu? Ontem. A cerimônia ainda não acabou. (*Fala com muita naturalidade, como se estivesse vendo o que descreve*): O vento desmancha o véu de minha irmã. Ela faz o que pode para chorar. Vamos, vamos! Mais um esforço. Aí está: duas lágrimas, duas lágrimas pequenas, brilhando sobre o crepe. Olga Jardet... está muito feia essa manhã. Sustem minha irmã pelo braço. Não chora por causa do *rimmel*. e devo confessar que eu, no seu lugar... era minha melhor amiga” (Sartre, 1977, p.6)¹⁰⁰.

Para Sartre, o projeto de essência do homem é aquilo que por meio de sua liberdade ele escolhe ser. Estelle escolheu ser exterioridade, fútil e superficial, dessa forma ela tinha um olhar estético tanto para si quanto para o Outro. Pode-se perceber que no auge de seu desespero pede a Garcin que olhe para ela: “Vamos, olhe para mim, não desvie os olhos... será tão difícil. Meus cabelos são de ouro e alguém se matou por mim! Eu lhe peço. Você tem de olhar para qualquer coisa. Se não for para mim, será para o bronze, para os sofás... Vale mais a pena olhar para mim, apesar de tudo” (Sartre, 1977, p.17)¹⁰¹. Em outra passagem grita para Inês: “Seu cristal. É grotesco. A quem quer enganar. Todo mundo sabe que atirei a criança pela janela. O cristal está em pedacinhos, no chão, e não me importo. Sou apenas uma pele. É minha pele não é para você” (Sartre, 1978, p.17)¹⁰². E ainda em outro instante da peça Estelle diz a Garcin: “Gosto de homens, Garcin, de homens de verdade, de pele áspera e mãos fortes. Você não tem o queixo de um covarde, a boca de um covarde, a voz de um covarde; seus cabelos não são os de um covarde. E é pela sua boca, pelos seus cabelos que gosto de você” (Sartre, 1977, p.20)¹⁰³. Esses trechos revelam a escolha de Estelle pela exterioridade, ela toma tanto o seu corpo, quanto o do outro, como objeto. Seu olhar para si, para outro e para o mundo é superficial, não consegue enxergar a interioridade e nem os sentimentos dos outros. É por isso que ela sente tanta falta dos espelhos, pois é o mundo exterior somente que consegue enxergar.

O olhar de Inês na peça é bem diferente da visão de Estelle. Inês é mais reflexiva, sabe o motivo pelo qual se encontra naquela clausura e reconhece a responsabilidade de

¹⁰⁰ “ESTELLE- Moi ? Hier. La cérémonie n'est pas achevée.(Elle parle avec beaucoup de naturel, mais comme si elle voyait ce qu'elle décrit.) Le vent dérange le voile de ma soeur. Elle fait ce qu'elle peut pour pleurer. Allons! allons! encore un effort. Voilà ! Deux larmes, deux petites larmes qui brillent sous le crêpe. Olga Jardet est très laide ce matin. Elle soutient ma soeur par le bras. Elle ne pleure pas à cause du rimmel et je dois dire qu'à sa place ... C'était ma meilleure amie. “(Sartre, 1945, p.22).

¹⁰¹“ ESTELLE- [...]Mais regardez-moi donc, ne détournez pas les yeux : est-ce donc si pénible ? J'ai des cheveux d'or, et, après tout, quelqu'un s'est tué pour moi . Je vous supplie, il faut bien que vous regardiez quelque chose. Si ce n'est pas moi, ce sera le bronze, la table ou les canapés. Je suis tout de même plus agréable à voir. Ecoute : je suis tombée de leurs coeurs comme un petit oiseau tombe du nid. Ramasse-moi, prends-moi, dans ton coeur, tu verras comme je serai gentille” (Sartre, 1945, p. 71)..

¹⁰² “ESTELLE - Votre cristal ? C'est bouffon. Qui pensez-vous tromper ? Allons, tout le monde sait que j'ai flanqué l'enfant par la fenêtre. Le cristal est en miettes sur la terre et je m'en moque. Je ne suis plus qu'une peau - et ma peau n'est pas pour vous” (Sartre, 1945, p.72).

¹⁰³ “ESTELLE – [...]J'aime les hommes, Garein, les vrais hommes, à la peau rude, aux mains fortes. Tu n'as pas le menton d'un lâche, tu n'as pas la bouche d'un lâche, tu n'as pas la voix d'un lâche, tes cheveux ne sont pas ceux d'un lâche. Et c'est pour ta bouche, pour ta voix, pour tes cheveux que je t'aime” (Sartre, 1945, p. 83).

suas ações. É possível perceber a visão mais centrada de Inês em algumas de suas falas durante a narrativa: “Ora! Sei bem o que estou dizendo. Espelho não me falta” (Sartre, 1977, p.5)¹⁰⁴. Em outro momento da peça diz: “Eu sempre me sinto interiormente.” (Sartre, 1977, p.10)¹⁰⁵. Estas duas passagens ilustram a consciência reflexiva de Inês, nas quais o ato de se olhar no espelho pode significar a própria ação de posicionar a consciência refletida, ou seja, de conseguir olhar o seu interior, e posteriormente o interior dos outros. Como Inês tem essa sensibilidade, ela foi a primeira a perceber que no lugar onde estavam cada um seria o carrasco do outro. E por isso, em alguns momentos da peça Inês é para os outros dois enclausurados um espelho, ela transmite a eles o que ela consegue enxergar: “Condenada, a santinha. Condenado, o herói sem mácula. Tivemos nossos momentos de prazer, não é verdade? Houve pessoas que sofreram por nós até à morte, e isso nos divertia bastante. Agora temos de pagar” (Sartre, 1977, p.9)¹⁰⁶.

Inês deixa escapar o seu projeto de existência “Eu, sim, sou má. Quer dizer, preciso do sofrimento dos outros para existir” (Sartre, 1977, p.13)¹⁰⁷. Ela aproveita sua sensibilidade para usar do sofrimento dos outros para existir. Percebe-se então que há um grande contraste entre as condutas de Inês, visto que é uma mulher sensível que consegue enxergar o interior dos outros, porém, usa disso para fazer maldades. Inês quando se olha se considera uma mulher de aparência inferiorizada e afirma a Garcin que ninguém a admirava e depois exclama que se vê como podre. Para Sartre esse complexo de inferioridade de Inês demonstra que “ele é sempre uma antecipação de condutas futuras de desaprovação, quer dizer, antes que o outro possa vir a realizar um juízo desfavorável ao meu respeito, eu o antecipo adotando uma conduta correspondente” (Maciel, 1970, p.35).

A visão que os personagens têm sobre si mesmos é uma realidade diferente da visão real, tal como Garcin se considera uma pessoa heroica e corajosa, porém ele é desleal e covarde. Estelle se considera bonita e não consegue enxergar além de sua estética, visto que ela é uma pessoa extremamente superficial. E finalmente Inês se considera malvada, porém ela é apenas uma pessoa rejeitada pela sociedade, usa da

¹⁰⁴ “INÊS - Allez ! Je sais ce que je dis. Je me suis regardée dans la glace” (Sartre, 1945, p.24).

¹⁰⁵ “INÊS - Vous avez de la chance . Moi , je me sens toujours de l'intérieur (Sartre, 1945, p.44).

¹⁰⁶ “INÊS- Damnée, la petite sainte. Damné, le héros sans reproche. Nous avons eu notre heure de plaisir, n'est-ce pas? Il y a des gens qui ont souffert pour nous jusqu'à la mort et cela nous amusait beaucoup. A présent, il faut payer” (Sartre, 1945, p.41).

¹⁰⁷ “INÊS – [...] Moi, je suis méchante : ça veut dire que j'ai besoin de la souffrance des autres pour exister” (Sartre, 1945, p. 57).

maldade para chamar a atenção. Na peça é possível verificar sempre o olhar dos personagens sobre o outro, visto que para Garcin, Estelle é uma pessoa vazia e Inês uma pessoa racional. Estelle enxerga, Garcin como um salvador e Inês como uma pessoa repugnante. Já para Inês, Garcin é um covarde e Estelle é bonita. Além disso, também é possível perceber como os personagens acreditam que os outros os vêem, tal como Garcin considera que Estelle o vê como uma pessoa covarde e Inês o vê como medroso. Estelle acredita que Garcin a rejeita e que Inês a intimida. E, finalmente, Inês acredita que Garcin a vê como inimiga e que Estelle a rejeita. Logo, é possível perceber que cada um tem sua maneira de olhar para si mesmo, olhar para o outro e perceber como o outro olha para si, o que constantemente leva ao conflito.

Portanto, percebe-se que os personagens de EQP, quando se trata de olhar, são totalmente diferentes um do outro, cada um com sua subjetividade, cada um tem seu jeito de se enxergar, diante de si mesmo, de se mostrar ao mundo pelos olhos dos outros e de olhar o mundo. Alguns usam artifícios para esconder-se perante o Outro. Porém, não é possível esconder-se quando se tem alguém observando, o Outro sempre irá saber que o sujeito está fingindo ser o que não é por meio de ações. Quando o olhar do outro está em harmonia com as expectativas do sujeito, não há conflito, mas quando isso não acontece, o outro é para o sujeito um espelho crítico que aponta falhas e mentiras. O conflito será apontado quando o Outro julgar as ações e conseguir enxergar além das máscaras. Para Sartre, “seria inútil que a realidade-humana tentasse sair desse dilema: transcender o Outro ou deixar-se transcender por ele. A essência das relações entre consciências não é Mitsein, mas o conflito” (Sartre, 2009, p.531)¹⁰⁸. Para Sartre, “tudo que vale para mim vale para o Outro. Enquanto tento livrar-me do domínio do Outro, o Outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o Outro, o Outro procura me subjugar” (Sartre, 2009, p.454)¹⁰⁹. Partindo dessa perspectiva o relacionamento humano será sempre conflituoso visto que as relações serão sempre recíprocas e moventes, além disso, todos os homens são diferentes e defendem suas liberdades de suas próprias maneiras. Diante desse quadro, a relação entre os homens será o tema escolhido para o item que se segue.

¹⁰⁸ “C'est donc en vain que la réalité-humaine chercherait à sortir de ce dilemme : transcender l'autre ou se laisser transcender par lui. L'essence des rapports entre consciences n'est pas le Mitsein, c'est le conflit” (Sartre, 1943, p.470).

¹⁰⁹ “Tout ce qui vaut pour moi vaut pour autrui. Pendant que je tente de me libérer de l'emprise d'autrui, autrui tente de se libérer de la mienne ; pendant que j'en cherche à asservir autrui, autrui cherche à m'asservir” (Sartre, 1943, p. 404).

3.4 – AS RELAÇÕES CONCRETAS “ENTRE QUATRO PAREDES”

A peça EQP foi escrita por Sartre com a pretensão de tentar representar as relações humanas, tanto do ser com o próprio ser, quanto do ser com o outro e do outro com o homem, além da questão da liberdade individual. No que se pode perceber em relação aos personagens de EQP, Sartre demonstrou a exterioridade de Estelle e a dificuldade de enxergar o seu interior e o interior dos outros; mostrou a covardia de Garcin que se apresentava como um herói para os outros, porém era um covarde; e finalmente mostrou a sinceridade de Inês, que apesar de sensível e reflexiva, usava disso para fazer mal aos outros. Neste item, será possível verificar em EQP as relações concretas com o Outro, descritas em SN.

Para Sartre, o Outro é quem detém o segredo do que sou, o outro é quem enxerga o sujeito em sua forma de objeto. Em EPQ a personagem Inês consegue enxergar com mais sensibilidade os outros dois personagens, tal como objeto que são. No decorrer da peça é possível verificar que todos os personagens conseguem perceber o outro como objeto, vivenciar o olhar do Outro e transcenderem o olhar do Outro. Na peça Inês tem um papel muito importante, pois ela consegue objetivar os personagens. Para Sartre “o outro é para mim aquele que rouba meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que ‘haja’ um ser, que é o meu” (Sartre, 2009, p.555)¹¹⁰. Já que o outro é aquele que rouba o ser do *para-si*, o homem se torna responsável pelo seu ser-para-outro, que é visto como algo dado e contingente. Na medida em que o homem se assume como responsável pelo seu ser, ele decide recuperar o que ele é para o Outro, pois “sou projeto de recuperação de meu ser” (Sartre, 2009, p.555)¹¹¹. Com isso, para Sartre “meu projeto de recuperação de mim é fundamentalmente projeto de reabsorção do Outro” (Sartre, 2009, p.555)¹¹². Por meio desse projeto de recuperação do homem e de transformação em um projeto de reabsorção é que Sartre apresenta as relações concretas, visto que é por meio das relações que o homem irá tentar reabsorver o Outro.

Assim como já foi visto no capítulo anterior dessa dissertação, as relações concretas com o Outro é dividida por Sartre em SN em duas atitudes: (1) o sujeito procura assimilar a liberdade de outrem na sua própria liberdade, por meio do amor, da linguagem e do masoquismo; (2) ou o sujeito procura reduzir a liberdade de outrem a uma objetividade, por meio da relação de indiferença, de desejo, de ódio e sadismo.

¹¹⁰ “autrui est pour moi à la fois ce qui m'a volé mon être et ce qui fait « qu'il y a » un être qui est mon être” (Sartre, 1943, p. 404).

¹¹¹ “je suis projet de récupération de mon être” (Sartre, 1943, p.404)

¹¹² “mon projet de récupération de moi est fondamentalement projet de résorption de J'autre” (Sartre, 1943, p.405).

Com isso, o resultado esperado seria retirar a liberdade do outro para tentar reabsorver o segredo do que o sujeito é como objeto, para que consequentemente o sujeito possa recuperar o seu ser. No entanto, em SN ambos os projetos fracassam, pois cada um deles pressupõe o outro.

Em EQP, é possível listar essas formas de relações concretas com o Outro por meio das relações entre os personagens. A partir do momento em Sartre considera que todo homem é livre, até o instante em que se depara com Outro, as relações passam a ser ameaçadas, pois a liberdade do Outro, ameaça à liberdade do sujeito e dessa forma é necessário que, ao se relacionar com o Outro, ocorra a garantia da própria liberdade antes que o Outro se aposses dela. É aqui que surgem os conflitos, como foi visto no item anterior. O que o sujeito procura fazer é assimilar a liberdade do Outro na sua própria liberdade para deixar de viver em constante insegurança, como ocorre com os personagens de EPQ, onde não há confiança recíproca e estão inseguros no inferno com a presença uns dos Outros. Com isso Sartre propõe três tentativas de assimilar a liberdade do sujeito à liberdade do Outro.

A primeira tentativa que se pode perceber é por meio do amor, em que o sujeito quer ser amado, ou seja, quer que o amante o tenha como sua razão de ser e de existir, tornando-se ser necessário, fundamento da sua liberdade. Na peça os personagens tentam usar o amor para recuperar o seu ser apoderando-se da liberdade do Outro e reduzindo-a à sua própria liberdade. Por isso é possível verificar que Inês tentou por meio da relação amorosa se unir a Estelle para assimilar sua liberdade, porém como Estelle não era lésbica ela se insinua para Garcin simulando um desejo que sente por ele, também para tentar apoderar-se da liberdade dele e com o objetivo de fugir de Inês.

A insistência amorosa de Inês incomoda profundamente Estelle, visto que ela não consegue ver-se completamente através de seu olhar, de sua consciência. De acordo com a imagem que faz de si, depende do olhar do Outro para ver-se e sentir-se, sem qualquer possibilidade de controle de julgamento de quem a vê, ou seja, Estelle deseja ser o Outro para ela mesma porque quer ter do Outro a visão exterior que somente ele pode ter dela. Com isso, Estelle, com medo de Inês, tenta seduzir¹¹³ o único homem que está disponível no aposento, esperando que ele também olhe para ela com desejo.

“G – Então você quer mesmo um homem?
E – Um homem, não. Você.

¹¹³ “Seduzir é assumir inteiramente e como um risco a correr minha objetividade para o Outro, é colocar-me ante seu olhar e fazer com que ele me olhe, é correr o risco de ser-visto, de modo a tomar novo ponto de partida e apropriar-me do Outro na e por minha objetividade” (Sartre, 2009, p.463).

G – Nada disso. Qualquer um serviria. Vim parar aqui, tem de ser comigo. Bom. (*Toma-a pelos ombros*). Bem sabe que não tenho nada do que você gosta: não sou um bobinho e não danço tango. E – Aceito-o como você é. Talvez eu o transforme...” (Sartre, 1977, p. 17)¹¹⁴.

Porém, Garcin, nesse momento, diz não se interessar por Estelle, por estar preocupado com as suas questões pessoais. Para Sartre, “no amor, ao contrário, o amante quer ser ‘o mundo inteiro’ para o amado: significa que se coloca do lado do mundo; é ele que resume e simboliza o mundo” (Sartre, 2009, p.458)¹¹⁵. Mas, Garcin se rende às investidas de Estelle, até que Inês, enciumada, tenta interromper os dois, afirmando que está na sala observando e vendo tudo o que eles fazem. O olhar de Inês é a forma encontrada por ela para tentar romper a relação amorosa que se iniciou entre Estelle e Garcin, com isso Inês tenta conquistar a confiança de Garcin, como forma de apoderar de sua liberdade. Na peça os personagens usam de todas as formas para tentar se apoderar da liberdade uns dos outros com a ilusão de que por meio da relação amorosa a liberdade do Outro não irá ameaçar a sua liberdade. Porém a convivência entre os personagens será sempre uma grande ameaça às suas próprias liberdades, a existência de um sempre irá ameaçar a liberdade do outro.

Na peça os personagens tentam seduzir uns aos outros para se apresentar como um intermediário necessário entre os personagens e o mundo, porque, por meio dos atos, os eles podiam manifestar poderes variados sobre o mundo (dinheiro, posição social, heroísmo, relacionamentos, etc). Assim como fizeram ao relatar aos colegas de clausura suas existências idealizadas. Porém, ao poucos os personagens foram percebendo que tudo o que o outro falava era mentira, ou aquilo que eles gostariam que tivessem sido, e aos poucos foram aparecendo algumas verdades devido à refutação e aos questionamentos entre os personagens. Os colegas de inferno seduziam uns aos outros, Garcin seduzia dizendo que era herói, Estelle seduzia afirmando ser bonita e Inês seduzia apresentando sua autoimagem ideal de pessoa malvada. Para Sartre a sedução é como um modo fundamental da linguagem.

Assim, segundo Sartre, as diversas tentativas de se expressar pressupõem a linguagem. Esta é a segunda tentativa sartreana em que o sujeito procura assimilar a

¹¹⁴ “GARCIN- Alors? Tu veux un homme?

ESTELLE- Un homme, non. Toi .

GARCIN- Pas d'histoire. N'importe qui ferait l'affaire. Je me suis trouvé là, c'est moi. Bon. (Il la prend aux épaules) Je n'ai rien pour te plaire, tu sais : je ne suis pas un petit niais et je ne danse pas le tango.

ESTELLE- Je te prendrai comme tu es. Je te changerai peut-être”. (Sartre, 1945. p.73)

¹¹⁵ “Dans l'amour, au contraire, l'amant veut être « tout au monde » pour l'aimé : cela signifie qu'il se range du côté du monde”(Sartre, 1943, p.407).

liberdade do outro na sua própria liberdade. Ao surgir diante do outro os corpos já estão se comunicando:

“Garcin (*que entra e olha em torno*) - Pois é...
Criado - Pois é.
G - Então é assim...
C - É assim.
G - Acho que com o tempo a gente se acostuma com os móveis.
C - Isso depende das pessoas”. (Sartre, 1977, p.1)¹¹⁶.

Já no primeiro momento da peça Garcin diante do criado começa a se comunicar, visto que a linguagem está presente em um simples olhar. E assim sucessivamente com a chegada dos outros personagens, o primeiro momento é interpretado pelos personagens por meio dos códigos e aparências emitidos pelos corpos. Dessa forma, o surgimento do outro diante do sujeito faz aparecer a linguagem como condição de comunicação entre os homens. Sartre concorda com Heidegger, no momento em que ele afirma “que sou o que digo” (Sartre, 2009, p.465)¹¹⁷. O homem é aquilo que afirma ser, porém, em EQP, os personagens afirmavam ser pessoas que verdadeiramente não eram e somente com o olhar do Outro é que eles vão se revelando e assumindo o que são. Para Sartre, “a linguagem me revela a liberdade daquele que me escuta em silêncio, ou seja, sua transcendência” (Sartre, 2009, p.466)¹¹⁸.

Por meio da linguagem o sujeito se faz objeto para o outro, e a sedução é uma manifestação da linguagem, na qual o sujeito procura tornar-se objeto de fascínio do outro. A sedução só poderia ser capaz de envolver o outro que tenta me seduzir como “objeto precioso a ser possuído” (Sartre, 2009, p.467)¹¹⁹. É o caso de Estelle, como ela era uma pessoa superficial e exigia as coisas exteriores seduzia os homens para se sentir bela e para conquistar o que queria. Ela seduziu o amigo de seu pai que era mais velho e rico apenas para ascender socialmente e viver no luxo. Como não tinha casado por amor encontrou um homem mais jovem por quem se apaixonou, porém ficou grávida e teve que seduzi-lo para conseguir desfazer-se da criança. E logo após sua partida, no inferno, tentou seduzir Garcin.

¹¹⁶ “GARCIN, il entre et regarde autour de lui. Alors voilà.

LE GARÇON- Voilà.

GARCIN- C'est comme ça ...

LE GARÇON- C'est comme ça.

GARCIN- Je pense qu'à la longue on doit s'habituer aux meubles.

LE GARÇON- Lépend des personnes”. (Sartre, 1945, p.13)

¹¹⁷ “je suis ce que je dis” (Sartre, 1943, p. 413).

¹¹⁸ “Le langage me révèle la liberté de celui qui m'écoute em silence, c'est-à-dire sa transcendence.” (Sartre, 1943, p.414).

¹¹⁹ “d'objet précieux « à posséder »” (Sartre, 1943, p. 415).

Percebe-se que projeto de apropriar-se da liberdade de outro, pelo amor e pela linguagem, é falho, pois não é possível encontrar neles uma subjetividade livre à qual o homem tenta se integrar. O que se pode encontrar é uma consciência que quer se perder como tal para se integrar à do sujeito, com isso se estabelece um conflito de projetos. Este conflito pode levar a uma tentativa mais radical de assimilação entre o sujeito e o outro que é a atitude masoquista. O que se pode perceber é que o ideal masoquista é oposto ao ideal do amor. Na relação masoquista o que se deseja é perder a liberdade e existir através do Outro, ou seja, negar a subjetividade para existir como se o sujeito fosse um objeto para o Outro.

O personagem de EQP que se mostra masoquista é Garcin, pois ele finge acreditar em toda a inocência de Estelle, dado que necessita de sua confiança. Necessita que Estelle o faça esquecer seu passado de desertor e fugitivo, pois ela acredita que Garcin seja um herói. Dessa forma, Garcin deixa de existir de maneira covarde como ele sempre foi, uma vez que Estelle enxerga nele exatamente como ele gostaria de ter sido, um homem herói e leal. Com isso, Garcin considera que o segredo que Estelle detém dele seja seu verdadeiro ser, pois Estelle enxerga Garcin como ele gostaria de ter sido e não como ele realmente foi. Para Sartre, “uma vez que o outro é o fundamento de meu ser-Para-outro, se eu fizer com que o outro cuide de meu existir já não serei mais que um ser-em-si fundamentado em seu ser por uma liberdade” (Sartre, 2009, p.470)¹²⁰.

Apesar de Garcin se idealizar como herói, e ser esse objeto heroico para Estelle, para si mesmo ele não o é. Sartre considera o masoquismo uma tentativa fadada ao fracasso, pois, “para fazer-me fascinar por meu eu-objeto seria preciso que eu pudesse realizar a apreensão intuitiva deste objeto tal como é *para o outro*, o que é, por princípio, impossível” (Sartre, 2009, p.472)¹²¹. Garcin acredita que Estelle o considera como herói, mas isso é impossível saber com certeza, ele nunca saberá o segredo do que é como objeto para Estelle.

Como o acesso ao outro é negado pelas tentativas de relações de amor, linguagem e masoquismo, Sartre propôs uma segunda tentativa de buscar a objetivação da liberdade do outro por meio das relações de indiferença, de desejo, de ódio e a do sadismo. Para Sartre, se não é possível saber qual é o segredo que o outro detém sobre o sujeito, é necessário que o sujeito se volte para o outro e o olhe, mas olhar o olhar do

¹²⁰ “puisque autrui est le fondement de mon être pour autrui, si Je m'en remettais à autrui du soin de me faire exister, je ne serais plus qu'un être-en-soi fondé dans son être par une liberté” (Sartre, 1943, p.417-418).

¹²¹ “pour me faire fasciner par mon moi-objet, en effet, il faudrait que je puisse réaliser l'appréhension intuitive de cet objet tel qu'il est pour l'autre, ce qui est par principe impossible” (Sartre, 1943, p.418).

outro é se colocar em sua própria liberdade e afrontar a liberdade alheia. Com isso, “o sentido do pretendido conflito será deixar às claras a luta de duas liberdades confrontadas enquanto liberdades” (Sartre, 2009, p.473)¹²². Porém isso é considerado por Sartre um fracasso, pois quando o sujeito se afirma em liberdade diante do outro, “faço do outro uma transcendência-transcendida, ou seja, um objeto” (Sartre, 2009, p.473)¹²³. Dessa forma, o outro reconhece a liberdade do sujeito e se torna um ser que somente o sujeito possui, mas o outro é para o sujeito um outro-objeto. Com isso o outro só possui do sujeito uma imagem a qual não poderá jamais atingir, isso acontece enquanto o outro é objeto no mundo e não pode reconhecer a liberdade do *ser-para-si*. “Minha decepção é total, pois busco apropriar-me da liberdade do outro e logo percebo que só posso agir sobre o outro quando esta liberdade já se desmoronou ante meus olhos” (Sartre, 2009, p.473)¹²⁴. Essa decepção, segundo Sartre, vai ser o motivo para as tentativas de buscar a liberdade do outro através do objeto que ele é para o sujeito, e também, “para encontrar condutas privilegiadas que poderiam fazer com que eu me apropriasse desta liberdade através de uma apropriação total do corpo do outro” (Sartre, 2009, p.473)¹²⁵.

A primeira conduta mencionada por Sartre para tentar a apropriação da liberdade alheia é a conduta da indiferença que é adotada pelo sujeito em relação aos Outros. A indiferença é um modo de se relacionar com os Outros, porém ao ser indiferente ao Outro não há como ter relação, pois os Outros são vistos pelo sujeito apenas como objetos, o olhar do sujeito petrifica e aliena o outro. Em EQP, Garcin era quem olhava para o Outro com indiferença mesmo durante a vida ou durante sua morte. Em vida ele tratava sua esposa com indiferença, não a amava e não a tolerava. Na clausura quando se deparou com a presença de outros ele optou por permanecer calado e sugeriu que todos também permanecem em silêncio:

“Não lhes desejo mal e nada tenho a ver com as senhoras. Nada. É muito simples. Vejam só: cada qual no seu canto: esse é que é o jogo. A senhora aqui, a senhora ali, eu lá. E silêncio. Nem um pio. Não é difícil, não é mesmo? Cada um de nós tem muito que se incomodar consigo mesmo. Acho que eu seria capaz de passar dez mil anos sem falar.” (Sartre, 1977, p.9)¹²⁶.

¹²² “Ainsi le sens du conflit recherché serait de mettre en pleine lumière la lutte de deux libertés affrontées en tant que libertés” (Sartre, 1943, p.420).

¹²³ “je fais de l'autre une transcendence-transcendée, c'est-à-dire un objet” (Sartre, 1943, p.420).

¹²⁴ “Ma déception est entière puisque je cherche à m'approprier la liberté d'autrui et que je m'aperçois d'un coup que je ne puis agir sur l'autre qu'en tant que cette liberté s'est effondrée sous mon regard” (Sartre, 1943, p.420).

¹²⁵ “[...]pour moi et pour trouver des conduites privilégiées qui pourraient m'approprier cette liberté à travers une appropriation totale du corps d'autrui” (Sartre, 1943, p.420).

¹²⁶ “Je ne vous veux aucun mal et je n'ai rien à faire avec vous. Rien. C'est tout à fait simple. Alors voilà : chacun dans son coin; c'est la parade. Vous ici, vous ici, moi là. Et du silence. Pas un mot : ce n'est pas difficile, n'est-ce pas

Garcin joga com a indiferença em relação a Estelle e Inês, trata principalmente Estelle desse modo quando percebe que ela precisa de sua atenção; refugia-se no isolamento na tentativa de por “a sua vida em ordem” e recusa a verdade, não dá atenção a Estelle e ignora-a. Agia como se estivesse sozinho no mundo. Garcin tratava a todos com indiferença, pois para ele agir assim era uma maneira de se defender em relação à liberdade do outro. Mas essa defesa, ao mesmo tempo, não permitia que Garcin experimentasse o ser-visto, provocava-lhe mal-estar e inquietação diante do olhar do outro, visto que tentava fazer do outro um objeto enquanto era olhado, só que, mesmo assim continuava sendo um objeto para o outro.

Outra conduta citada por Sartre para tentar a apropriação da liberdade do outro é por meio do desejo, o desejo sexual. O que o sujeito deseja é a liberdade do outro, porém essa liberdade é encarnada, dessa forma, o que o sujeito deseja é o corpo do outro em sua totalidade, “o desejo é desejo de apropriação de um corpo, na medida que esta apropriação me revela meu corpo como carne” (Sartre, 2009, p.484)¹²⁷. Em EQP, quem mostra sentir desejo sexual por Garcin é Estelle. Ela o provoca até arrancar que ele sente desejo por ela.

G – Eu darei a você o que puder. Não é muito. Amor, não. Eu conheço você demais.
E – Você me deseja?
G – Sim!
E – É quanto me basta”(Sartre, 1977, p.17)¹²⁸.

A princípio, Inês demonstra interesse por Estelle, mas como Estelle não é lésbica ela se insinua para Garcin. Inês tenta tocar Estelle com o propósito de acariciá-la, o que para Sartre é o momento em que o Outro faz nascer a carne do sujeito entre os dedos.

“a carícia de modo algum difere do desejo: acariciar com os olhos e desejar são a mesma coisa: *o desejo se expressa pela carícia assim como o pensamento pela linguagem*. E, precisamente, a carícia revela a carne do Outro enquanto carne, tanto para mim como *para o outro*. Mas revela esta carne de maneira muito particular: segurar o Outro revela a este sua inércia e sua passividade de transcendência-transcendida; mas isso não é acariciá-lo” (Sartre, 2009, p.485)¹²⁹.

? Chacun de nous a assez à faire avec lui-même. Je crois que je pourrais rester dix mille ans sans parler” (Sartre, 1945, p.42).

¹²⁷ “le désir est désir d’appropriation d’un corps en tant que cette appropriation me révèle mon corps comme chair” (Sartre, 1943, p.429).

¹²⁸ “GARCIN- Je te donnerai ce que je pourrai . Ce n'est pas beaucoup . Je ne t'aimerai pas : je te connais trop.

ESTELLE- Est-ce que tu me désires ?

GARCIN- Oui .

ESTELLE- C'est tout ce que je veux” (Sartre, 1945, p.74).

¹²⁹ “la caresse n'est aucunement distincte du désir : caresser des yeux ou désirer ne font qu'un ; le désir s'exprime par la caresse comme la pensée par le langage. Et précisément la caresse révèle la chair d'autrui comme chair à moi-même et à autrui. Mais elle révèle cette chair de façon très particulière : empoigner autrui lui révèle bien son inertie et sa passivité de transcendance-transcendée ; mais ce n'est pas là le carecer” (Sartre, 1943, p.430-431).

Estelle se esquiva das investidas de Inês, pois a vê com ódio. Conduta essa que também é avaliada por Sartre como uma maneira de se apoderar da liberdade do Outro. Estelle, para tentar se livrar de Inês, “entrega-se a seu ódio e deseja a morte de Inês” (Campbell, 1945, p.135). O ódio é o desejo pela morte do Outro. Nessa relação desaparece a possibilidade de união entre elas, pois no momento em que o Outro deixa de existir, o sujeito recupera a sua subjetividade e deixa de existir apenas como objeto. Estelle foge de Inês e tenta se relacionar com Garcin, mas ele recusa-se a amá-la na presença de Inês, e Estelle se desespera. É tomada pelo ódio, que a leva a querer assassinar Inês e depois suicidar-se. Logo após Garcin se rende a Estelle e com isso provoca a ira de Inês que se sente excluída e humilhada ao ver que os dois estão se relacionando em sua presença.

“I – Façam o que quiserem. Vocês são os mais fortes. Mas se lembrem: estou aqui, olhando. Não tirarei os olhos de você, Garcin. Terá de beijá-la sob o meu olhar. Que ódio tenho de vocês dois! Amem-se! Amem-se! Estamos no inferno e minha vez chegará!” (Sartre, 1977, p.18)¹³⁰.

O ato de humilhação desperta ódio, que pode ser percebido com Inês, que ao ser humilhada se rendeu a tal sentimento:

“E o ódio não surge necessariamente por ocasião de algum mal recém-sofrido por mim. Ao contrário, pode aparecer quando nos sentimos no direito de esperar reconhecimento, ou seja, por ocasião de um benefício: a ocasião que solicita a ira é simplesmente o ato do outro que me colocou em estado de *padecer* sua liberdade. Este ato é humilhante em si mesmo: é humilhante na medida em que é revelação concreta de minha objetividade instrumental diante da liberdade do outro” (Sartre, 2009, p.510)¹³¹.

Por meio do desejo sexual o homem pode ser levado ao ódio e ao desejo do prazer sádico, que é para Sartre uma conduta da luta pelas liberdades e onde apenas um sairá vencedor. O prazer do sádico é sentir a carne do Outro por meio da tortura. “O sadismo é um esforço para encarnar o Outro pela violência, e esta encarnação ‘à força’ já deve ser apropriação e utilização do outro” (Sartre, 2009, p.496)¹³². Garcin, o covarde dos personagens, se mostrou sádico com sua esposa no decorrer de sua existência. Além

¹³⁰ “Faites ce que vous voudrez, vous êtes les plus forts. Mais rappelez-vous, je suis là et je vous regarde. Je ne vous quitterai pas des yeux, Garein ; i l faudra que vous l'embrassiez sous mon regard. Comme je vous hais tous les deux ! Aimez-vous, aimez-vous ! Nous sommes en enfer et j 'aurai mon tour” (Sartre, 1945, p.75).

¹³¹ “Et la haine ne paraît pas nécessairement à l'occasion d'un mal que je viens de subir. Elle peut naître, au contraire, là où on serait en droit d'attendre de la reconnaissance, c'est-à-dire à l'occasion d'un bienfait : l'occasion qui sollicite l a haine, c'est simplement l'acte d'autrui par quoi j'ai été mis en état d e subir sa liberté. Cet acte e n lui-même est humiliant : i l est humiliant en tant que révélation concrète de m o n objectité instrumentale en face de la liberté d'autrui. Cette révélation s'obscurcit aussitôt, s'enfonce dans le passé et devient opaque. Mais, précisément, elle me laisse le sentiment qu'il y quelque chose » à d étruire pour me libérer(Sartre, 1943, p. 451).

¹³² “L e sadisme est un effort pour incarner autrui par la violence et cette incarnation « de doit être déjà appropriation et utilisation de l'autre” (Sartre, 1943, p. 439).

disso, a personagem Inês se mostrava sádica: “Mais tarde eu lhe direi. Eu, sim, sou má. Quer dizer, preciso do sofrimento dos outros para existir” (Sartre, 1977, p.13)¹³³. Ela dizia que precisava do sofrimento dos outros para existir, mas com essa atitude o sádico irá possuir apenas o corpo do Outro como ferramenta para realizar a existência encarnada. Inês, enfrentando o desprezo de Estelle que a repudia, faz a rejeição “alimentar seu sadomasoquismo” (Sartre, 1998, p.129).

Portanto, pode-se perceber que o desejo sexual, o ódio e o prazer sádico como modo de buscar a liberdade do outro se destinam ao fracasso, pois, o prazer sexual faz desaparecer o desejo de possuir a consciência encarnada do outro. Já o ódio, por ser o desejo pela morte do outro, se destina ao fracasso, pois a morte do outro faz com que ele seja um objeto irremediável. Se o Outro deixa de existir, o sujeito também deixa de ser reconhecido, visto que a existência do homem se dá em função da existência e reconhecimento do outro. E o prazer sádico “não procura suprimir a liberdade daquele a quem tortura, mas sim obrigá-la a identificar-se livremente com a carne torturada” (Sartre, 2009, p.500)¹³⁴. Para Sartre o fracasso da conduta sádica surge “no momento em que seu objetivo está para ser alcançado, cede lugar ao desejo. O sadismo é o fracasso do desejo, e o desejo o fracasso do sadismo” (Sartre, 2009, p.502)¹³⁵. Além disso, o que o sádico pretende é capturar a liberdade transcendente de sua vítima, o que, por princípio, não é possível.

Em resumo, neste item foram apontadas as fracassadas tentativas de posse da liberdade do outro em EQP. O que se pretende a seguir é concluir esse capítulo fazendo uma abordagem sobre a principal frase sartreana citada por Garcin: “o inferno são os outros!” (Sartre, 1977, p.23)¹³⁶.

3.5 – ENTRE QUATRO PAREDES “O INFERNO SÃO OS OUTROS”.

A peça *Entre Quatro Paredes* desenrola-se no inferno. Não no inferno da mitologia cristã, com diabos, garfos, sessões de tortura, fornalhas e cheiro de enxofre,

¹³³ “Je vous le dirai plus tard. Moi , je suis méchante : ça veut dire que j'ai besoin de la souffrance des autres pour exister” (Sartre, 1945, p.57).

¹³⁴ “ne cherche pas à supprimer la liberté de celui qu'il torture mais à contraindre cette liberté à s'identifier librement à la chair torturée” (Sartre, 1943, p.443).

¹³⁵ “le sadisme, au moment même où son but va être atteint, cède la place au désir. Le sadisme est l'échec du désir et le désir l'échec du sadisme” (Sartre, 1943, p.445).

¹³⁶ “l'enfer, c'est les Autres” (Sartre, 1945, p.93).

mas em um salão decorado no estilo do Segundo Império, com três poltronas, uma estátua de bronze sobre a lareira. Levados um a um a esse espaço pelo Criado, chegam os “mortos”: Garcin, Inês e Estelle que foram condenados ao inferno por não terem assumido a liberdade que lhes foram proporcionadas na sua condição de existência humana na terra, por terem cometido crimes em que os três se vêem condenados a conviver uns com os outros por toda a eternidade. Os personagens estão na condição de “mortos” devido à impossibilidade de fazer novas escolhas ou de alterar as escolhas realizadas durante a vida, além disso, são incapazes de modificar a imagem coagulada de si que o homem vê espelhada no julgamento ou no olhar do outro.

No início da peça o que chama a atenção de Garcin é ausência de artigos que poderia ser encontrados em um inferno de acordo com a mitologia cristã. “Onde estão as estacas?” (Sartre, 1977, p.2)¹³⁷ e “as grelhas, os funis de couro...” (Sartre, 1977, p.2)¹³⁸. O Criado nega a existência de um inferno tal como se conhece na terra. No decorrer da peça os personagens concluem que estão no inferno juntos e por toda eternidade, obrigados a conviverem em um ambiente fechado, sem janelas, sem espelhos, sem as habituais pausas da vida cotidiana, sem alimento, sem escova de dente, sem cama, sem dormir e sem sequer poder fechar os olhos, em uma eterna claridade. Não era permitido qualquer tipo de fuga do tempo presente e nem da própria consciência, visto que na sala não havia nada que pudesse proporcionar essa fuga.

Os objetos do cenário e a ausência de outros se apresentam com a intenção de aprofundar o conflito entre os personagens. Objetos como a estátua de bronze, uma imagem de um herói de guerra que faz Garcin lembrar-se constantemente da sua deserção e de sua covardia. Os canapés são dispostos de forma “angulosa” e possuem cores que incomodam a superficial Estelle. A disposição espacial dos três canapés mostra o difícil equilíbrio encontrado numa relação de três pessoas. Os canapés substituíam as camas, que permitiriam dormir. É possível perceber a falta das janelas e de espelhos que é sentida intensamente por Estelle, pois, ela necessita de sua imagem para se sentir segura de si, afirmando sua existência na superficialidade. Outro objeto de que eles sentem falta é da escova de dente, pois faz alusão ao podre, ao desagradável, ao cheiro ruim, e representa as conversas frente ao julgamento do outro e ao medo. A luz

¹³⁷ “où sont les pals?” (Sartre, 1945, p.15).

¹³⁸ “les pals, les grils, les entonniers de cuir” (Sartre, 1945, p.15).

do quarto não se apaga e além de tudo eles não conseguem piscar e nem dormir, mostrando como o olhar vai ser determinante no enredo da peça.

Os objetos desnecessários no inferno eram o cortador de papel, a lareira, e a campainha, que eram objetos do cotidiano, sem utilidade nenhuma naquele ambiente, porém revelavam o objetivo de fazer os personagens se recordarem da existência na terra. O corta papel é questionado por Garcin no início da peça e apenas no seu final, aparece para ser usado por Estelle na intenção de matar Inês, em vão, pois todos já estão mortos. Já a lareira apagada é uma ironia aos símbolos infernais que estão ligados ao fogo, ao vermelho, ao sangue. E finalmente, a campainha também não tinha função nenhuma, pois ninguém iria atender ao seu chamado.

Neste inferno sartreano a existência não tinha interrupções: “De olhos abertos. Para sempre. Será pleno dia em meus olhos. E nada na minha cabeça. (*Pausa*). E se eu atirasse esse bronze contra a lâmpada elétrica? Será que ela se apagaria?” (Sartre, 1977, p.3)¹³⁹. Em função da claridade os personagens eram obrigados a conviverem consigo mesmo e com os outros. O olhar e a presença do outro são suficientes para provocar suas condenações, pois, com o olhar do outro os personagens sofriam e se sentiam envergonhados com os julgamentos.

Na peça Inês admite que “Não existe tortura física, não é mesmo? E, no entanto, estamos no inferno. E ninguém mais chegará. Ninguém. Temos de ficar juntos, sozinhos, até o fim. Não é isso? Quer dizer que há alguma coisa que faz falta aqui: o carrasco!” (Sartre, 1977, p.9)¹⁴⁰. Neste caso o carrasco seria cada um dos personagens, um para o outro, seriam obrigados a tolerar-se mutualmente, “Cada um de nós é o carrasco para os outros dois” (Sartre, 1977, p.9)¹⁴¹. Um carrasco para o outro, que faria da vida dos personagens um inferno, que seria “aquele que me olha”. O caráter e o temperamento dos personagens serviam para intensificar o sofrimento que era causado pela relação que cada um dos personagens criava e construía dentro do inferno. E a principal punição que cada um recebe é causar sofrimento eterno nos outros, nos seus carrascos, somente através do olhar. O verdadeiro inferno sartreano seriam as relações humanas, ou mais precisamente, o olhar do outro.

¹³⁹ “Les yeux ouverts. Pour toujours. Il fera grand jour dans mes yeux. Et dans ma tête. (Un temps.) Et si je balançais le bronze sur la lampe électrique, est-ce qu'elle s'éteindrait?” (Sartre, 1945, p.20).

¹⁴⁰ “Il n'y a pas de torture physique, n'est-ce pas ? Et cependant, nous sommes en enfer. Et personne ne doit venir. Personne. Nous resterons jusqu'au bout seuls ensemble. C'est bien ça ? En somme, il y a quelqu'un qui manque ici : c'est le bourreau” (Sartre, 1945, p.41) .

¹⁴¹ “Le bourreau, c'est chacun de nous pour les deux autres” (Sartre, 1945, p.42).

No decorrer da peça, a partir do momento em que eles vão se conhecendo, a convivência vai se tornando cada vez mais conflituosa e intensamente insuportável. A constante presença do outro passa a incomodar e abrir feridas presentes no interior de cada um. Feridas estas que os “mortos” acreditavam estar cicatrizadas, esquecidas, deixadas numa vida que nunca mais voltará. É através do olhar que cada uma das falhas da vida na terra vai se apresentando aos demais.

É por meio da má-fé e da contradição que cada um dos personagens vai tentando esconder suas falhas da terra e o verdadeiro motivo de suas condenações no inferno. A princípio, Garcin afirma ao Criado que enfrenta todas as situações de frente, mas com a chegada das outras condenadas ele se esquivava. Posteriormente, ele se apresenta como um herói de guerra mesmo sendo um desertor. Ele sabe de suas ações, mas tenta ocultá-las. Ao contrário do que se pode perceber, na verdade, Garcin é um homem desleal e ao ser confrontado pelo olhar do outro, abaixa a cabeça para tentar esconder seus segredos. Com isso, a existência de Garcin começa a se tornar um tormento no inferno a partir do momento em que Inês percebe sua covardia, pois ela era a única que conseguia enxergar o verdadeiro covarde que ele era.

Por ser a mais reflexiva dentro do inferno Inês aceita sua situação e sua má-fé é admitir que necessita do sofrimento dos outros para existir. Dessa forma ela tenta controlar o outro de acordo com as suas opiniões e tenta fazer o outro enxergar-se com os próprios olhos. Inês é contraditória, pois tenta controlar o outro pelo seu olhar, o que faz com que o seu olhar seja escravo do outro. Para que ela seja uma pessoa má, é preciso que o outro a olhe, com isso, ela se diz má devido à condenação dos outros. Sendo assim, se o objetivo dela era julgar o outro, o seu inferno reside no fato de que ela sente a necessidade de ser julgada.

E, finalmente, a infanticida Estelle que trata a todos como objeto de seu interesse seduz aos outros com a sua submissão e falsa gentileza. Sua contradição e má-fé é acreditar que é possível controlar os outros com a sua beleza, mas ela mesma torna-se submissa ao olhar do outro por conta desta tentativa fracassada de tornar-se bela ao olhar do outro. O auge do seu inferno na sala é quando percebe que não tem espelhos na sala, pois era somente assim que ela poderia ver-se como o outro a olhava.

No final da peça Garcin retoma os seus questionamentos iniciais sobre um inferno mitológico e conclui que a simples presença, a convivência e o olhar das duas colegas de clausura já o fazia sentir-se em um inferno:

“O bronze aí está, eu o contemplo e compreendo que estou no inferno. Digo a vocês que tudo estava previsto. Eles previram que eu haveria de parar em frente deste bronze, tocando-o com minhas mãos, com todos esses olhares sobre mim. Todos esses olhares que me comem! (*Volta-se bruscamente*). Ah, vocês são só duas? Pensei que fossem muitas, muitas mais! (*Ri*). Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... O inferno são os outros!” (Sartre, 1977, p23)¹⁴².

No entanto, a célebre frase sartreana dita por Garcin em EQP: “O inferno são os outros”, pode ter sido mal interpretada, como Sartre mesmo afirma no prefácio de uma gravação fonográfica da peça em 1965:

“Mas ‘o inferno são os outros’ sempre foi mal compreendido. Pensou-se que eu quis dizer que foi porque as nossas relações com os outros ainda estavam envenenadas, relatando que sempre foi o inferno. No entanto, é outra coisa que eu quero dizer. Eu quero dizer que, se nossas relações estão torcidas, viciadas, em seguida, o outro pode ser um inferno. Por quê? Porque os outros são, basicamente, o que é mais importante em nós mesmos para o nosso próprio conhecimento de nós mesmos. Quando pensamos em nós, quando tentamos saber, basicamente, usamos o conhecimento que os outros têm sobre nós. Acreditamos com os recursos que os outros nos deram para nos julgar” (Simões, 2005).

Dessa forma, para Sartre, “o inferno são os outros”, pois, se o homem depende unicamente dos julgamentos e das ações dos outros, ele irá abdicar de sua liberdade, criando o seu próprio inferno. O homem queima na fornalha alimentada por seus próprios medos, pela má-fé, pela incapacidade de autonomia. Os outros não são necessariamente os causadores do seu sofrimento. O homem mesmo faz do outro o carrasco de sua própria tortura. Além do mais, na peça Sartre se referia a pessoas mortas, imutáveis, fixas, congeladas como a estátua de bronze, com isso tentou demonstrar que a morte desses personagens seria a morte em vida das pessoas que têm consciência do que o outro pensa e mesmo assim não fazem algo para mudar. Eles tentam, na verdade, esconder seus atos, não os mudando e vivendo o inferno em vida, criam relações distorcidas e viciadas.

¹⁴² “Le bronze est là, je le contemple et je comprends que je suis en enfer. Je vous dis que tout était prévu. Ils avaient prévu que je me tiendrais devant cette cheminée, pressant ma main sur ce bronze, avec tous ces regards sur moi. Tous ces regards qui me mangent ... (Il se retourne brusquement.) Ha ! vous n'êtes que deux ? Je vous croyais beaucoup plus nombreuses. (Il rit.) Alors, c'est ça l'enfer. Je n'aurais jamais cru ... Vous vous rappelez : le soufre, le bûcher, le gril... Ah ! quelle plaisanterie. Pas besoin de gril : l'enfer, c'est les Autres” (Sartre, 1945, p.93).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o presente trabalho abordou-se a liberdade, a escolha, os Outros e as condutas fundamentais da realidade humana diante dos Outros e, no final da reflexão, foram apontados todos esses temas na peça de teatro *Entre Quatro Paredes*. Essa abordagem filosófica esteve ancorada na teoria sartreana, mais precisamente nas obras *O ser e o nada* e *O Existencialismo é um humanismo*.

O tema principal desse trabalho foi a liberdade, tema abordado em diversos níveis de conhecimento filosófico, tais como, o ontológico, o fenomenológico e existencial. Partindo das reflexões sobre o tema liberdade, houve um momento no decorrer da dissertação que foi necessário apontar algumas condutas éticas, pois o homem livre, para Sartre convive diretamente com Outros homens livres; e por isso foi necessário indicar algumas condutas fundamentais para a realidade humana.

Partindo da ideia de que o homem é absolutamente livre e está condenado a liberdade desde o primeiro momento em que surge no mundo, pode-se dizer que no decorrer da existência humana o homem possui somente a sua liberdade. Partindo dessa argumentação, foi discutido que “a existência precede a essência”, e que esse princípio ampara a liberdade, ou seja, que não há essência humana anterior à existência do homem. Ele vai construindo sua essência na medida em que vai existindo livremente no mundo. Para Sartre, o homem primeiro existe e somente depois se torna isto ou aquilo, vai se configurando, lançando-se no mundo, sofrendo nele, lutando nele e aos poucos o homem se define, e dessa forma, a definição permanecerá sempre aberta e susceptível a mudanças a cada momento. Para Sartre, dado que o homem se apresentou no mundo sem ser concebido por algum projeto divino, cabe a ele produzir sua própria essência e será o que fizer de si mesmo, em liberdade.

A partir do momento em que o homem é lançado no mundo, ele é completamente livre pra estabelecer suas escolhas e seus projetos, uma vez que a existência vem antes da essência o homem é uma escolha e, além disso, o homem também é responsável por tudo que escolher. Logo, Sartre salienta que quando o homem deixa de se responsabilizar por suas escolhas, este estará agindo segundo aquilo que denominou de má-fé da consciência, ou seja, o homem isenta-se de usufruir de sua liberdade. A má-fé seria então fingir não ter liberdade, o que para Sartre é uma covardia.

Agindo de má-fé no mundo, essa ação do *ser-para-si* deixa de ser totalmente livre quando o homem se depara com Outros homens livres. Ao se deparar com esses Outros, Sartre propõe algumas condutas e atitudes que resultam em uma ética que seriam os valores das escolhas das ações e do engajamento consciente, só que está constatação gera no homem uma espécie de angústia.

No caso da angústia ética, constatada nossa liberdade, advém a certeza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa decisão de criá-los. A vida é permanente escolha, e, com cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angústia é saber que não temos a que recorrer para orientar nossas escolhas (Perdigão, 1995, p. 113).

Do ponto de vista ético, essa angústia é causada pela responsabilidade que o homem tem em escolher, visto que, para Sartre, como não existe um Deus que indique o que é certo, então cabe ao homem escolher e responsabilizar-se pelas ações perante o mundo e aos Outros homens livres que também habitam ao mundo.

A questão da existência de Outros homens livres foi o tema do segundo capítulo dessa dissertação. Consequentemente, foi impossível falar da questão do *ser-para-outro* sem passar por conceitos como: reciprocidade, intersubjetividade, solipsismo, cogito, o olhar, conflitos, alteridade e as relações concretas com o Outro. A princípio, a busca nesse segundo capítulo era se realmente o *ser-para-outro* existia e se era possível dois seres conscientes existirem e serem livres. A resposta foi buscada na crítica sartreana do solipsismo e que passou pelos argumentos de Descartes apoiando o *cogito* em que o Outro existe tanto quando eu existo. Seguiram-se os argumentos de Hegel, Husserl e Heidegger, no entanto, Sartre concluiu que nenhum dos argumentos dos respectivos pensadores seriam suficientes para superar o solipsismo, ou seja, indicar a existência de outra consciência fática.

Também nesse segundo capítulo, foi apresentada a questão do olhar, que foi de suma importância para indicar a existência de Outro ser livre e consciente. Para Sartre, o ato de ser visto é o momento em que duas consciências efetuam o reconhecimento recíproco. O momento em que o *ser-para-si* começa a se relacionar com o *ser-para-outro* no mundo é primeiramente pelo olhar. E é em virtude dessa relação recíproca do ato de olhar que Sartre conclui que o Outro existe na medida em que há um

reconhecimento, pois “devo obter do outro o *reconhecimento* de meu ser” (Sartre, 2009, p.307)¹⁴³. Logo, o Outro existe, dado que o *ser-para-si* o reconhece.

Partindo da relação entre os olhares, neste mesmo capítulo, também foram expostas as relações concretas com os Outros, com o objetivo de expor como os sujeitos tidos como livres se relacionam além do olhar e por meio dos corpos sem poderem apoderar-se da liberdade dos outros. Por meio das relações de amor, ódio, masoquismo, sadismo, desejo, linguagem e indiferença, foi concluído que mesmo através dessas relações o sujeito sempre irá se apoderar da liberdade do Outro. E por meio dessas relações não foi possível estabelecer o respeito à liberdade dos outros, o que constantemente levou a conflitos. Nessas relações a liberdade sempre escapou do controle, pois a relação com o Outro sempre foi ameaçadora. “Somos, eu e o Outro, duas liberdades que se afrontam e tentam mutuamente paralisar-se pelo olhar. Dois homens juntos são dois seres que se espreitam para escravizar a fim de não serem escravizados” (Perdigão, 1995, p.147). Logo, o homem deixa de ser totalmente livre na medida em que o Outro existe.

No entanto, o homem livre, ao surgir no mundo, encontra-se diante da necessidade de assumir o seu lugar, o que significa uma liberdade em situação com característica espaço-temporal, ou seja, a liberdade é determinada pela situação em que está sendo vivenciada e pelo momento e que também pode constituir limites à condição de homem livre. Além disso, pode-se perceber que existem outros momentos, além da presença dos Outros que constituem limites a liberdade do homem, tais como, surgir no mundo e seguir os costumes familiares, culturais, sociais, se deparar com os utensílios já significados pelos Outros que existiam no mundo antes do *ser-para-si* surgir. Assim como as características pessoais como, por exemplo, a nacionalidade, sexo, raça, aspecto físico, entre outros. Tudo isso são referências de um homem que surge no mundo e é caracterizado como livre, esse homem é livre na medida em que vive de acordo com todo esse referencial e com a presença de outros homens livres.

Dessa forma, pode-se concluir que apesar de o homem ser condenado à liberdade, se existe Outro ser consciente e livre, logo, o homem não é tão livre assim. Ele é condenado à liberdade e somente a possui quando surgir no mundo. Porém, a presença de outros seres conscientes o impede de ser completamente livre, ele só o é na medida

¹⁴³ “je dois obtenir de l'autre la reconnaissance de mon être” (Sartre, 1943, p.275).

em que encontra e consegue existir de acordo com os limites colocados pela própria liberdade.

Mas como não existe esse mundo onde apenas um só homem existe livremente e sim um mundo para mais de 7 bilhões de outros, para se viver livremente e harmoniosamente é necessário seguir algumas condutas, e escolher outras possibilidades de ser no decorrer da existência. Como não existe um roteiro que indique o que é certo nem o que é errado, o homem livre deve escolher ser alguém que tenha condições de buscar seguir os melhores valores, orienta-se pelas melhores maneiras e engajar-se no mundo para tentar atingir sua essência. Porém, a recusa da liberdade também é livre e sempre possível.

Essa forma de alienação foi trabalhada no ultimo capítulo dessa dissertação. Abordada na peça de teatro *Entre Quatro Paredes* na qual Sartre apresenta uma exposição sobre a existência na terra e a morte no inferno de Inês, Estelle e Garcin e como eles atuavam em suas respectivas existências. Cada um com uma personalidade e com um jeito de viver diferente, cada um agia de acordo com suas escolhas. Assim como os bilhões de pessoas que existem no mundo. Porém, Sartre tomou esses personagens como referência para demonstrar a não ação de alguns diante da realidade humana. A não ação no sentido de não fazer uso da liberdade, ou fazer uso da liberdade apenas para o Outro reconhecer, ou, além disso, escolher apenas ficar intacto diante da liberdade.

Na peça, os personagens habitavam o inferno, em virtude de suas ações enquanto eram vivos. O inferno sartreano era caracterizado pelo olhar e pela presença do outro que causava imenso sofrimento eterno aos demais. Na peça, Garcin admite que “o inferno são os outros”, na medida em que o homem existe sob o julgamento pelo olhar dos outros. Dessa forma o homem deixa de viver por conta própria e passa a existir mediante o olhar dos Outros. Por conta disso, então, o homem pode tomar o Outro como referência. Assim como na peça Garcin era incapaz de reconhecer a sua covardia, era através do olhar de Inês que ele se via realmente como um covarde, como não havia espelhos no inferno, Inês fazia esse papel para os outros enclausurados, ela era o espelho da alma.

Não é possível julgar se Inês, Estelle e Garcin viveram de forma certa ou errada, visto que a existência não tem roteiros, não tem uma natureza humana fixa, universal,

nem nada, nem ninguém que possa indicar o que se dever fazer ou escolher. A única certeza que se tem é que a existência é uma constante busca pela essência e que está constantemente em devir e em mudança. Como não existe um poder divino para prescrever o propósito humano, o *ser-para-si* é que se deve definir-se por conta própria. Essa definição não implica apenas em dizer o que somos como ser humano, e sim é uma questão de assumir a forma de qualquer tipo de ser que escolhemos nos tornar. É exatamente, isso que nos faz, na essência, diferentes de todos os outros tipos de seres no mundo, o homem pode se tornar aquilo que escolher fazer de si mesmo. Por essa razão, o que se pode ter certeza é que o homem existe absolutamente livre na medida em que ele reconhece os seus limites e na medida em que estará sempre sobre o olhar do Outro. Quem julgará e colocará limites no decorrer da existência do *ser-para-si* e será o seu carrasco será sempre o Outro que o observa e o reconhece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BENTLEY, Eric. *O Teatro Engajado*. Tradução de Yan Michalski. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1969.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. *Sartre, metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. *Cartas a Nelson Algren: um amor transatlântico – 1947-1964*. Tradução de Marcia Neves Teixeira e Antonio Carlos Austregsylo de Athayde. Título original: *Lettres à Nelson Algren: un amour transatlantique – 1947-1964*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. *Por uma moral da ambigüidade*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Título original: *Pour une morale de l'ambiguïté*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BUENO, Isaque José. *Liberdade e Ética em Jean-Paul Sartre*. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pós-graduação em Filosofia da PUCRS, 2007.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. *Consequências morais de conceito de má-fé em Jean- Paul Sartre*. Porto Alegre, 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pós-graduação em Filosofia da PUCRS, 2005.
- CAMPBELL, Robert. *J.-P Sartre ou une littérature philosophique*. Paris: Ed. Pierre Ardent, 1945.
- Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, *Dicionário de Filósofos*, DICIONÁRIO , Madrid, Editora EDICIONES RIODUERO, 1986.
- CERSAR, Constança Marcondes & BULCÃO, Marly (Org.). *Sartre e seus Contemporâneos: Ética, Racionalidade e Imaginário*. São Paulo: Idéias e Letras Ed., 2008.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 13.ed. São Paulo: Ática, 2009.
- COHEN-SALAL, Annie. *Sartre*. Tradução de Paulo Nves. Porto Alegre: LP&M, 2005.
- COLLINSON, D. *50 grandes filósofos: Da Grécia antiga ao século XX*. São Paulo: Contexto, 2004.

- COX, Gary. *Compreender Sartre*. Tradução de Hélio Magri Filho. Título original: Sartre: A guide for the perplexed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- Dagobert D. Runes, *Dicionário de Filosofia*, Editorial Presença, 1983.
- DANTO, Artur C. *As ideias de Sartre*. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1975.
- DAMÁSIO, Celuy Roberta Hundzinski. *O olhar segundo Jean-Paul Sartre*. Revista Espaço Acadêmico, n. 67, Dezembro de 2006.
- DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Tradução de Dagobert de Aquina Roncari. São Paulo: EDUSC, 2002.
- DORT, Bermard. *O teatro e a sua realidade*. Tradução de Fernando Peixoto. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 193-220.
- FREITAS, Sylvia Mara Pires de, e TAKEGUMA, Mário Seto. *O inferno são os outros: a intersubjetividade sob o olhar existencialista na peça Entre Quatro Paredes*. Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia: de onde viemos, para onde vamos? U EM, Maringá PR, 2012.
- GILES, T.R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia, Vol. II*. EPU: São Paulo, 1975.
- HEIDEGGER, Martin. *O que é isto, a filosofia? identidade e diferença*. Tradução de Ernildo Stein. Título original: *Was ist das-die philosophie? identität und differenz*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ISSACHAROFF, Michael. “O visível e o invisível: Huis clos”, in *O espetáculo do discurso*. Paris: J. Corti, 1985.
- JEANSON, Francis. *Sartre*. Tradução de Elisa Salles. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- KIM, Douglas. *O Livro da Filosofia*. São Paulo: Globo, 2011.
- L'APICCIRELLA, Nadime. *O Existencialismo de Jean Paul Sartre*. Revista Eletrônica de Ciências, nº 26, Maio de 2004.
- LEOPOLDO E SILVA, F. *Ética e literatura em Sartre – ensaios introdutórios*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

- LÉVY, Benny. *O testamento de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- LIMA, W. M. *Liberdade e dialética em J. P. Sartre*. Maceió: EDUFAL, 1998.
- LOPES, Ricardo Leon. *Confluências entre literatura e filosofia na peça de teatro “Entre Quatro Paredes” de Jean-Paul Sartre*. VEREDAS FAVIP - Revista Eletrônica de Ciências - v. 4, n. 2 - julho a dezembro de 2011. Págs. 124 – 136.
- LUIJPEN, W. *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU, 1973.
- MACIEL, Luiz Carlos. *Sartre: vida e obra*. 2a ed., Rio de Janeiro: J. Álvaro Editor, 1970.
- MERLEAU-PONTY, M. *A Estrutura do Comportamento*. Trad. José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte, MG: Interlivros, 1975.
- MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e a fenomenologia*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.
- MERLEAU-PONTY, M. *Em toda e em nenhuma parte*. Trad. Marilena Chauí e Pedro de Souza Moraes. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores)
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. *O primado da percepção e suas conseqüências filosóficas*. Trad. Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MÉSZÁROS, István. *A obra de Sartre: busca da liberdade*. São Paulo: Ensaio, 1995.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MORAIVA, Sérgio. *Sartre*. Coleção Biblioteca Básica de Filosofia. Lisboa: Edições 70, 1985.
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Sartre: Existencialismo e Liberdade*. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).
- MOUNIER, Emmanuel. *Introdução aos existencialismos*. Trad. João Bénard da Costa. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.

- NETO, M. S. *O inferno segundo Sartre. In. Entre Quatro Paredes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- NEVES, Nedy Cerqueira. *Ética para os futuros médicos, é possível ensinar?* Brasília. Conselho Federal de Medicina. 2006.
- NUNES, Romecarlos Costa. *A encenação de a Engrenagem de Jean Paul Sartre: dimensões estéticas e políticas no Brasil dos anos 1960*. Uberlândia, 2009. Dissertação (Mestrado em História). Pós-graduação em História da UFU, 2009.
- OLIVEIRA, Carolina Mendes Campos. *A psicanálise existencial de Jaen-Paul Sartre na peça “Entre Quatro Paredes”: o jogo de espelhos do encontro com o Outro*. I Simpósio de Psicologia Fenomenológico-Existencial. Belo Horizonte, 2008.
- OLIVIO, Luis Carlos Cancelier de, GRUBBA, Leilane Serratine. *Entre Quatro Paredes: a questão da liberdade em Sartre*. Seqüência, n. 61, p. 147-169, dez. 2010.
- OLSON, Robert G. *Introdução ao existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- PEIXOTO, Fernando. *O que é Teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PENHA, João da. *O que é Existencialismo*. 10ª ed. (Coleção Primeiros Passos – vol. 61). São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade. Uma introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- PIMENTA, Alessandro. *SARTRE, CAMUS E O PROBLEMA DA ALTERIDADE*. Kalagatos - Revista de Filosofia. Fortaleza, CE, V. 5 N.9, Inverno 2008. Págs. 29 – 55.
- PRADO JR., Caio. *O que é liberdade*. 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REYES, Raimundo de María Mena. *A superação do solipsismo em Sartre*. Santa Maria, RS, 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da razão dialética*. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. *Entre Quarto Paredes*. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1977.
- SARTRE, Jean-Paul. *Existencialismo é um Humanismo*. (Coleção Os Pensadores – vol. XLV). São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.
- SARTRE, Jean-Paul. *Huis Clos*. Paris, Gallimard, 1945.

- SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris. Éditions Gallimard, 1943.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'existentialisme est un humanisme*, Paris, Gallimard, 1998.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis RJ: Vozes, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. *Questão de método*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul. *Sartre vida e pensamentos*. São Paulo. Editora Martin Claret, 1998.
- SARTRE, Jean-Paul. *Un Théâtre de Situations*. Paris: Gallimard, 1992.
- SASS, Simeão Donizeti. *O problema da totalidade na ontologia de Jean-Paul Sartre*. Uberlândia, EDUFU, 2011.
- SILVA, Cléa Gois. *Sartre: a questão do outro: o olhar*. *Revista Brasileira de Filosofia*, v. 43, n. 184, p. 475-480, out./dez de 1996.
- SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: UNESP, 2004.
- SILVA, Franklin Leopoldo. *O Outro*. São Paulo. Martins Fontes, 2012.
- TRINDADE, Fernando Casses. *Consideracoes sobre "Essencia" e "Existencia" na Historia da Filosofia e no Pensamento de Sartre*. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas*, n 02, Fevereiro de 1974, pág. 132.
- WIERMANN, Wiliam Nascimento & ANDRADE, Maria José N. *O existencialismo sartreano "Entre Quatro Paredes"*. *Anais da XII Semana de Filosofia. Filosofia Francesa Contemporânea da UFSJ*. São João del-Rei MG, 2009, Pág. 41-52.
- ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

Sites

- COBRA, Rubem Queiroz. *Jean Paul Sartre. Filosofia Contemporânea*, Cobra Pages - www.cobra.pages.nom.br, Internet, 2001 ("www.geocities.com/cobra_pages" é "Mirror Site" de COBRA.PAGES. Acessado em 08/05/2012).

- FÉLIX, Luciene. *Sartre: “O inferno são os outros”*. Escola Superior de Direito Constitucional – ESDC, Artigos de Filosofia http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_2008_02_sartre.htm , Internet, 2012. Acessado em 08/ 08/ 2012.

- SIMÕES, Reinério L.M. “*A peça Entre quatro paredes: uma introdução ao inferno de Sartre*”. (Centenário de nascimento de Sartre). UERJ Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <http://www.reinerio.kit.net/inferno.doc>. Acessado em 13/08/2012.